

Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Estágio Profissional I, II e III

Relatório de Estágio Profissional

Constança Gomes Santos Serra Oliveira

Lisboa, fevereiro de 2020

Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Estágio Profissional I, II e III

Relatório de Estágio Profissional

Constança Gomes Santos Serra Oliveira

Relatório apresentado para a obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar, sob a orientação da Professora Doutora Diana Mendes Boaventura

Lisboa, fevereiro de 2020



Parecer do/a Orientador/a

Orientador/a (nome completo) DIANA HENDES BOAVENTURA

Coorientador/a (nome completo) 7

tendo presente o Relatório de Estágio Profissional da Prática de Ensino Supervisionada desenvolvido pelo/a licenciado/a, Constança Gomes Santos Sereia Oliveira

realizado no âmbito do Mestrado Profissionalizante (2º Ciclo de Estudos) em Educação

Pré-Escolar

considero que se trata de um trabalho que reúne as condições necessárias para ser defendido e apresentado.

Nestes termos, solicito à Comissão de Mestrados do Conselho Técnico-Científico desta Escola a nomeação de um Júri para apreciação do respetivo Relatório de Estágio Profissional apresentado pelo/a candidato/a.

Lisboa, 10 de fevereiro de 20 20

O/A Orientador/a

Diana Hendes Boaventura
(Assinatura)

Agradecimentos

Para a elaboração deste Relatório de Estágio Profissional foram vários os intervenientes que colaboraram, direta e indiretamente, os quais merecem o meu reconhecimento e gratidão.

À minha Orientadora, Professora Doutora Diana Boaventura, pela exigência e por todos os ensinamentos transmitidos para a realização deste Relatório. A todos os professores da Escola Superior de Educação João de Deus, pelo ensino de excelência facultado assim como todas as críticas construtivas que me fizeram crescer profissionalmente.

Aos meus pais, pois sem eles todo este percurso não teria sido possível, pelos valores transmitidos ao longo dos anos e por me fazerem ver que na vida nada se consegue sem trabalho, dedicação e amor. À minha família, pela paciência, pela ajuda e por todo o reforço positivo dado não apenas ao longo do Mestrado, mas ao longo destes cinco anos e meio cheios de altos e baixos. Especialmente ao meu primo Gonçalo.

Aos amigos que se tornaram família, Mar, sem ti não seria possível!

Ao meu namorado, companheiro e amigo, Matheus, por todo o apoio e paciência.

À Diana, que mesmo longe está sempre juntinho ao meu coração, obrigada por todos os desabafos e conversas telefónicas que nos maus momentos sempre me confortaram.

A todas as minhas colegas que vivenciaram comigo esta aventura, em especial à Catarina Duque, Marta Lupi, Rita Braga e Vanda Moraes, um grande obrigada pela amizade e parceria.

Resumo

O Relatório de Estágio corresponde ao meu percurso na unidade curricular de Estágio Profissional I, II e III do Mestrado em Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação João de Deus durante os anos letivos de 2018/2019 e 2019/2020.

Este relatório divide-se em quatro capítulos:

No primeiro capítulo, estão descritos dez relatos de estágio assim como as respetivas inferências, sendo que sete desses relatos são de atividades realizadas pelas Educadoras e os restantes três descrevem atividades realizadas por mim com o grupo de crianças.

No segundo capítulo estão compreendidas seis planificações que realizei enquanto estagiária, dirigidas a crianças das três faixas etárias da Educação Pré-Escolar e abrangendo várias áreas curriculares.

O terceiro capítulo é destinado à avaliação, onde refiro qual a importância da avaliação, e apresento três dispositivos de avaliação, assim como os critérios e parâmetros utilizados para a realização da avaliação.

Por último, no quarto capítulo é apresentado um trabalho de projeto, que tem como nome “Praia segura, praia amiga”. Com este projeto pretendo sensibilizar as crianças em idade Pré-Escolar para um conjunto de regras e normas de segurança a cumprir na praia.

A elaboração deste relatório pretende mostrar as aprendizagens realizadas enquanto estagiária, as atividades desenvolvidas e observadas assim como uma reflexão do trajeto efetuado.

Palavras-chave: Relatório de Estágio Profissional, Educação Pré-Escolar, Planificação, Avaliação, Trabalho de Projeto.

Abstract

The Internship Report corresponds to my path in the curricular unit of Professional Internship I, II and III of the Master in Pre-School Education of the Escola Superior de Educação João de Deus during the academic years of 2018/2019 and 2019/2020.

This report is divided into four chapters:

In the first chapter, ten internship reports are described as well as the respective inferences, seven of which are from activities carried out by the Educators and the remaining three describe activities performed by me with the group of children.

The second chapter includes six plans that I made as an intern, aimed at children of the three age groups of Pre-School Education and covering various curricular areas.

The third chapter is intended for evaluation, where I refer to the importance of evaluation, and present three evaluation devices, as well as the criteria and parameters used to perform the evaluation.

Finally, in the fourth chapter a project work is presented, whose name is “Safe Beach, Friendly Beach”. With this project I intend to sensitize children of pre-school age to a set of safety rules and norms to be observed on the beach.

The preparation of this report intends to show the lessons learned as an intern, the activities developed and observed as well as a reflection of the path taken.

Keywords: Professional Internship Report, Preschool Education, Planification, Evaluation, Project work.

Índice de Quadros

Quadro 1 – Cronograma do Estágio Profissional I, II e III.....	4
Quadro 2 – Planificação de uma atividade no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.....	33
Quadro 3 – Planificação de uma atividade no Domínio da Matemática.....	36
Quadro 4 – Planificação de uma atividade no Domínio da Matemática.....	38
Quadro 5 – Planificação de uma atividade na Área do Conhecimento do Mundo e Subdomínio das Artes Visuais.....	40
Quadro 6 – Planificação de uma atividade no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e na Área do Conhecimento do Mundo.....	43
Quadro 7 – Planificação de uma atividade na Área do Conhecimento do Mundo.....	46
Quadro 8 – Cotação dos critérios de avaliação da proposta de trabalho do Domínio da Matemática – 4 anos.....	54
Quadro 9 – Cotação dos critérios de avaliação da proposta de trabalho do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita – 5 anos.....	57
Quadro 10 – Cotação dos critérios de avaliação da proposta de trabalho na Área do Conhecimento do Mundo – 5 anos.....	61
Quadro 11 – Calendarização de atividades.....	74

Índice de Figuras

Figura 1 – Resultados da avaliação da atividade do Domínio da Matemática – 4 anos.....	54
Figura 2 – Resultados da avaliação da atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita – 5 anos.....	58
Figura 3 – Resultados da avaliação da atividade da Área do Conhecimento do Mundo.....	61

Índice

Introdução	1
Identificação e contextualização do Estágio Profissional.....	2
Calendarização e cronograma.....	3
Capítulo 1 – Relatos de Estágio	5
1.1 Breve síntese do capítulo	5
1.2.1 Relato 1 – 16 de novembro de 2018	5
1.2.2 Relato 2 – 7 de janeiro de 2019	8
1.2.4 Relato 3 – 11 de março de 2019	10
1.2.5 Relato 4 – 27 de maio de 2019	13
1.2.6 Relato 5 – 31 de maio de 2019	16
1.2.7 Relato 6 – 11 de junho de 2019	19
1.2.7 Relato 7 – 28 de junho de 2019	21
1.2.8 Relato 8 – 2 de outubro de 2019.....	23
1.2.9 Relato 9 – 15 de outubro de 2019.....	26
1.2.10 Relato 10 – 2 de dezembro de 2019.....	28
Capítulo 2 – Planificações	31
2.1 Descrição do capítulo	31
2.2 Fundamentação Teórica.....	31
2.3 Planificações em quadro	32
2.3.1 Planificação de atividade nos 3 anos	32
2.3.2 Planificação de atividade nos 3 anos	35
2.3.3 Planificação de atividade nos 4 anos	38
2.3.4 Planificação de atividade nos 4 anos	40
2.3.5 Planificação de atividade nos 5 anos	43
2.3.6 Planificação de atividade nos 5 anos	46
Capítulo 3 – Dispositivos de avaliação	49
3.1 Descrição do capítulo	49
3.2 Fundamentação Teórica.....	49
3.3 Avaliação da atividade do Domínio da Matemática.....	52
3.3.1 Contextualização da atividade	52
3.3.2 Descrição dos parâmetros e dos critérios de avaliação.....	52

3.3.3 Apresentação e análise dos resultados	54
3.4 Avaliação da atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita....	55
3.4.1 Contextualização da atividade	55
3.4.2 Descrição dos parâmetros e dos critérios de avaliação.....	56
3.4.3 Apresentação e análise dos resultados.....	57
3.5 Avaliação da atividade da Área de Conhecimento do Mundo	59
3.5.1 Contextualização da atividade	59
3.5.2 Descrição dos parâmetros e dos critérios de avaliação.....	59
Capítulo 4 – Proposta de uma atividade através do Trabalho de Projeto	63
4.1 Introdução ao projeto	63
4.2 Fundamentação Teórica.....	64
4.3 Desenvolvimento do Projeto.....	68
4.3.1 Problema	68
4.3.1.1 Problemas parcelares	68
4.3.4 Destinatários	69
4.3.5 Entidades envolvidas	69
4.3.6 Motivação e Negociação.....	69
4.3.7 Objetivos.....	69
4.3.7.1 Objetivos gerais	69
4.3.7.2 Objetivos específicos	70
4.3.8 Planeamento.....	70
4.3.9 Recursos.....	73
4.3.9.1 Recursos Materiais.....	73
4.3.9.2 Recursos humanos	73
4.3.10 Produtos finais	73
4.3.11 Avaliação	73
4.3.12 Calendarização.....	74
4.4 Considerações finais do Trabalho projeto	74
Reflexão – Considerações finais	76
Referências bibliográficas	78
Anexos	
Anexo 1 – Dispositivo de Avaliação do Domínio da Matemática – 4 anos	

Anexo 2 – Grelha de correção do dispositivo de avaliação no Domínio da Matemática – 4 anos

Anexo 3 – Dispositivo de avaliação no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita – 5 anos

Anexo 4 – Grelha de correção do dispositivo de avaliação no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita – 5 anos

Anexo 5 – Dispositivo de avaliação na Área do Conhecimento do Mundo – 5 anos

Anexo 6 – Grelha de correção do dispositivo de avaliação na Área do Conhecimento do Mundo – 5 anos

Anexo 7 – Autorização Visita de Estudo

Anexo 8 – Inquérito para as crianças

Anexo 9 – Inquérito para os pais

Introdução

A realização deste Relatório enquadra-se na unidade curricular Estágio Profissional I, II e III do Mestrado em Educação Pré-Escolar, na Escola Superior de Educação João de Deus. O presente documento está dividido em quatro capítulos: relatos de estágio, planificações, dispositivos de avaliação e proposta Trabalho de Projeto.

Enquanto estagiária e futura docente, os pontos acima referidos foram importantíssimos, uma vez que o estágio foi a unidade curricular mais importante, pois foram as experiências vividas nele que contribuiriam de forma decisiva para a minha preparação enquanto Educadora.

O estágio realizado ocorreu nas três valências da Educação Pré-Escolar, durante três semestres, com início em outubro de 2018 e final em fevereiro de 2020. Este período revelou-se muito importante para a minha evolução profissional enquanto futura Educadora, pois o estágio segundo, Caldeira, Pereira e Botelho (2017) consiste na “ (...) formação inicial de educadores e professores na ESE João de Deus, com a unidade curricular de Iniciação à Prática Profissional, tem como objectivo principal o desenvolvimento pessoal e profissional de cada estudante, contemplando uma avaliação predominante formativa.” (p.48)

A oportunidade de estagiar ao longo de todo o meu percurso no Mestrado em Educação Pré-Escolar foi, sem dúvida, uma experiência gratificante, pois o constante *feedback* dado por todos os professores de Supervisão da Prática Pedagógica permitiram-me refletir sobre as atividades realizadas e melhorar a cada uma delas. Pois, tal como clarificam Caldeira et al. (2017):

O acompanhamento dos estágios, as aulas supervisionadas e articuladas com as unidades curriculares, a orientação tutorial, as reflexões das e sobre as aulas, a vídeo formação e o estudo das narrativas das aulas bem como a avaliação que os alunos realizam com periodicidade levam-nos a inferir que este modelo contribui para o conhecimento e crescimento profissional do aluno estagiário. (p.68)

Após este processo de formação inicial, espero vir a ser uma educadora que consiga aplicar aquilo que aprendeu na teoria e na prática e continuar a vivenciar experiências que me permitam ampliar os meus conhecimentos e, desta forma estar em constante formação e aprendizagem. Pois tal como referem Alarcão e Canha como citados em Mosqueira e Almeida (2017):

(...) viver e exercer uma profissão hoje implica o envolvimento pessoal num processo contínuo de desenvolvimento, que permite ao Homem e a cada pessoa ir construindo e reconstruindo o seu conhecimento e a sua atuação ao longo da vida e, assim, conviver com as exigências levantadas por um mundo em permanente mudança (p. 31).

Identificação e contextualização do Estágio Profissional

No primeiro semestre do Mestrado em Educação Pré-Escolar, o estágio profissional I foi realizado numa escola particular no centro de Lisboa. Esta escola possui as valências de Educação Pré-Escolar, Ensino do 1.º Ciclo e 2.º Ciclo do Ensino Básico.

A escola é constituída por dois edifícios, sendo que o edifício principal tem doze salas de aula e um salão, onde é realizado o acolhimento e as atividades letivas das crianças da faixa etária dos 4 anos. Através do salão pode aceder-se ao refeitório e as salas de aula dos alunos do 1.º ano do Primeiro Ciclo do Ensino Básico.

A escola tem ainda um ginásio, uma biblioteca, uma sala de informática, um gabinete médico, uma sala de professores, um gabinete de Direção, uma secretaria, três despensas, uma sala de material de educação física, um vestíbulo, cinco zonas de casas de banho para crianças, quatro zonas de casas de banhos de adultos e dois espaços exteriores de utilização polivalente. São ainda utilizados os laboratórios, salas de cerâmica, a sala de informática e o ginásio de um edifício secundário.

A valência de Pré-Escolar tem 6 salas e 6 Educadoras. Existem ainda docentes que lecionam a tempo parcial o Domínio da Educação Física e o Subdomínio da Música assim como a área de Inglês.

Esta instituição apresenta uma orgânica interna funcional e pedagógica, em consonância com uma metodologia específica e um plano anual traçado em consenso por todos os docentes e subordinado a um tema globalizante.

No segundo momento estagiei num outro centro educativo no centro de Lisboa, esta escola possui as valências de: creche, Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico. A escola possui três pisos. O berçário e creche têm apenas uma sala por cada faixa etária e as salas de pré-escolar e 1.º Ciclo possuem duas salas por cada idade. A escola tem ainda 3 espaços exteriores, dois deles com cobertura e equipamentos destinados a crianças. A instituição apresenta uma

cantina e cozinha, em cada piso possui casas de banho para crianças e pessoal. Existe também uma biblioteca, uma sala para atividades de cerâmica, ginásio e um gabinete da direção/secretaria.

O corpo docente do jardim-escola é constituído, normalmente, por 3 educadores na Creche, 6 educadores na Pré-Escolar e 8 professores no 1º Ciclo. Existem também Educadores/professores de apoio e docentes a tempo parcial que vêm lecionar as áreas de Expressão e Educação Musical, Expressão e Educação Físico-Motora e Expressão e Educação Plástica tanto à Pré-escolar como ao 1ºCiclo. A área de Inglês é lecionada a partir dos 3 anos por uma docente da instituição.

O terceiro e último momento de estágio foi realizado numa Instituição Particular de Solidariedade Social, esta instituição foi inaugurada em 1975, na altura apenas com a valência de Pré-Escolar. Atualmente possui a valência de Pré-Escolar e de 1.º Ciclo do Ensino Básico sendo que cada faixa etária possui duas salas. Dispõe de um ginásio, uma cozinha, duas cantinas, uma lavandaria, um gabinete de direção, uma sala de professores, uma biblioteca, nove WC para alunos e dois para professores, um pátio com muito espaço e dividido para cada valência.

Calendarização e cronograma

O estágio do primeiro ano do Mestrado em Educação Pré-Escolar realizou-se de outubro de 2018 a junho de 2019. No terceiro semestre ocorreu de outubro de 2019 a fevereiro de 2020, sendo que nestes três semestres passei por todas as faixas etárias da Educação Pré-Escolar.

Ao longo da prática pedagógica observei inúmeras atividades realizadas pelas educadoras e pelas minhas colegas estagiárias. Foi-me também solicitado a planificação e dinamização de atividades em todos os momentos de estágio, programadas e avaliadas pelo professor cooperante, bem como uma atividade programada assistida e avaliada pelas Professoras Orientadoras da equipa de supervisão da Prática Pedagógica.

De seguida, apresentarei um cronograma de estágio (quadro 1), onde estão expostas as datas das principais atividades realizadas ao longo da prática pedagógica.

O primeiro momento de estágio que foi realizado em duas faixas etárias diferentes, sendo que a primeira foi na sala dos 5 anos, e a segunda na sala dos 3 anos. Este estágio foi realizado

três vezes por semana, às segundas e terças das 9h00/12h00 e sextas feiras das 9h00 /16h00. O segundo momento de estágio, também foi realizado em duas faixas etárias diferentes, sendo que a primeira foi na sala dos 4 anos, e a segunda na sala dos 5 anos. Este estágio foi realizado três vezes por semana, às segundas das 9h00 /15h00, às terças das 9h00/12h00 e sextas feiras das 9h00/16h00.No terceiro semestre, ocorreu o terceiro momento de estágio que à semelhança dos outros foi realizado em duas faixas etárias diferentes, sendo que a primeira foi na sala dos 3 anos, e a segunda na sala dos 5 anos. Este estágio foi realizado às segundas, terças e sextas das 9h00 às 13h00.

Quadro 1 – Cronograma do Estágio Profissional I, II e III

Semestre	Atividade	Data
1.º Semestre – Estágio em Educação Pré-Escolar	Estágio com o grupo dos 5 anos	12/10/2018 – 14/12/2018
	Estágio com o grupo dos 3 anos	4/01/2019 – 8/01/2019
	Reuniões de estágio e atividades avaliadas	16/11/2018 30/11/2018 25/01/2019 8/02/2019
	Atividades programadas de dia inteiro	7/12/2018 4/02/2019
	Seminário de contacto com a Realidade Educativa numa escola privada na Ericeira	17/09/2018 – 04/10/2018
	Elaboração do Relatório Profissional de Estágio	Dezembro de 2018 a fevereiro de 2019
	Orientação Tutorial	1x por semana
2.º Semestre – Estágio em Educação Pré-Escolar	Estágio com o grupo dos 4 anos	25/02/2019 – 26/04/2019
	Estágio com o grupo dos 5 anos	29/04/2019 – 5/07/2019
	Reuniões de estágio e atividades avaliadas	29/03/2018 5/04/2019
	Atividades programadas de dia inteiro	22/03/2019 27/05/2019
	Seminário de contacto com a Realidade Educativa numa escola privada na Ericeira	18/02/2019 – 22/02/2019
	Elaboração do Relatório Profissional de Estágio	Fevereiro a julho de 2019
	Orientação Tutorial	1x por semana
3.º Semestre – Estágio em Educação Pré-Escolar	Estágio com o grupo dos 3 anos	11/10/2019 – 06/12/2019
	Estágio com o grupo dos 5 anos	9/12/2019 – 7/02/2020
	Reuniões de estágio e atividades avaliadas	06/12/2019 17/12/2020
	Atividades programadas de dia inteiro	02/12/2019
	Seminário de contacto com a Realidade Educativa numa escola privada na Ericeira	16/09/2019 – 4/09/2019
	Elaboração do Relatório Profissional de Estágio	Outubro de 2019 a Fevereiro de 2020
	Orientação Tutorial	1x por semana

Capítulo 1 – Relatos de Estágio

1.1 Breve síntese do capítulo

Neste capítulo descreverei atividades observadas e realizadas durante o estágio profissional ao longo dos períodos de estágio, distribuídos pelos 3 semestres, em três escolas diferentes, localizadas na cidade de Lisboa. Os relatos são todos realizados na faixa etária da Educação Pré-Escolar, entre os 3 e 5 anos. São aqui apresentados dez relatos, três deles de atividades realizadas por mim e os restantes sete atividades que observei realizadas pelas educadoras e colegas de estágio em contextos educativos das diversas Áreas de Conteúdo da Educação Pré-Escolar.

1.2 Relatos de estágio

1.2.1 Relato 1 – 16 de novembro de 2018

No dia 16 de novembro de 2018, realizei a minha primeira atividade no Mestrado em Educação Pré-Escolar, para um grupo de 5 anos composto por 25 crianças, em que o tema principal era o Sistema Solar. Esta atividade tinha uma duração máxima de 1 hora e dentro deste tempo, trabalhei duas áreas muito importantes da Educação Pré-Escolar: A Área de Conhecimento do Mundo e a Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática.

Primeiramente, ainda sem o grupo de crianças dentro da sala de atividades, preparei o espaço para as receber, assim como os materiais a utilizar durante esta atividade. Comecei dizendo às crianças que íamos fazer uma viagem ao Sistema Solar e que para isso precisaríamos de um colar que funcionaria como um bilhete para a viagem a realizar. Depois questionei o grupo de crianças sobre qual o meio de transporte que poderíamos utilizar para realizar esta viagem, e entre as diversas respostas dadas pelas crianças algumas delas responderam que o meio de transporte mais adequado seria o foguetão. Então sugeri ao grupo que o construíssemos através do Tangram (cada criança tinha por baixo do tampo da sua mesa um Tangram de dimensões mais pequenas realizado com papel Eva), pedi o auxílio de uma das crianças para distribuir uma proposta de trabalho onde iriam colar a construção da figura do foguetão com as peças do Tangram. Em seguida, orientei as crianças na construção a realizar através de um Tangram de grandes dimensões. A construção foi executada passo a passo colando as peças no quadro, para que todos conseguissem acompanhar.

Depois de todos terminarem a construção, projetei um *PowerPoint* de um foguetão a descolar e encenei com as crianças uma viagem até ao Sistema Solar. Coloquei uma imagem do Sistema Solar onde ouvi com atenção as concepções prévias que as crianças tinham sobre este tema. Posteriormente, a dialogar com o grupo, coloquei uma animação em *PowerPoint* em que cada planeta que constitui o Sistema Solar se apresentou e revelou alguns factos sobre ele. Após a visualização desta animação, em forma de síntese, questionei o grupo sobre os planetas apresentados.

Para terminar esta atividade realizei ainda um jogo de bingo do Sistema Solar, onde cada par tinha um cartão e umas marcas. À medida que retirassem uma imagem do planeta eu lançava algumas pistas e quem tivesse o planeta anunciado deveria colocar uma marca em cima da imagem, o primeiro e o segundo grupo a terminar foram premiados, mas o jogo só terminou quando todos os grupos preencheram os respetivos cartões. Para terminar, projetei uma música e respetivo vídeo sobre o Sistema Solar, para que as crianças pudessem cantar e dançar ao som da mesma.

Inferências

Comecei esta atividade preparando o espaço para receber o grupo de crianças, penso que este seja um dos passos mais importantes pois determinará como toda atividade irá decorrer. Segundo Silva, Marques, Mata e Rosa (2016):

A organização do espaço da sala é expressão das intenções do/a educador/a e da dinâmica do grupo, sendo indispensável que este/a se interrogue sobre a sua função, finalidades e utilização, de modo a planear e fundamentar as razões dessa organização. (p. 26)

Decidi começar a trabalhar o Domínio da Matemática pois tal como afirmam Silva et al. (2016), “o desenvolvimento de noções matemáticas inicia-se muito precocemente e, na educação pré-escolar, é necessário dar continuidade a estas aquisições e apoiar a criança no seu desejo de aprender”. (p.77).

Esta atividade permitiu estimular e fomentar nas crianças o gosto pela matemática, proporcionando às crianças atividades desafiantes e permitindo assim que o grupo se sentisse integrado e motivado. Pois através da utilização de um material existe uma hipótese maior de o grupo conseguir compreender e desenvolver os conceitos matemáticos necessários nesta idade. Tal como referem as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Silva et al., 2016):

“a disponibilidade e a utilização de materiais manipuláveis (colares de contas, cartões padronizados, Tangram, material de Cuisineire, miras, puzzles, dominós, legos, etc.) são um apoio fundamental para a resolução de problemas e para a representação de conceitos matemáticos” (p.75).

Posteriormente à realização da construção da figura do foguetão dei continuidade à atividade trabalhando o Conhecimento do Mundo, com uma apresentação em *PowerPoint* muito apelativa e dinâmica, que fez com que o grupo se mantivesse atento e interessado sobre o tema do Sistema Solar. Penso que aliar as tecnologias ao Conhecimento do Mundo é interessante pois, o mundo tecnológico é cada vez mais o meio onde as crianças estão inseridas, tanto nos seus momentos de lazer, como no quotidiano. Segundo Silva et al. (2016):

A importância dos meios tecnológicos e informáticos no conhecimento do mundo, próximo e distante, e no contacto com outros valores e culturas faz com que a sua utilização no jardim de infância seja considerada como um recurso de aprendizagem. Deste modo, contribui-se também para uma maior igualdade de oportunidades, uma vez que o acesso das crianças a estes meios poderá ser muito diverso (p.93).

Considero que esta atividade foi bastante importante e pertinente, pois as crianças na faixa etária compreendida entre os 3 e os 5 anos têm necessidade e desejo de saber mais sobre o mundo que as rodeia. Como referem Martins et al. (2009) “(..), defende-se, cada vez mais, a necessidade de uma educação em ciências desde cedo, orientada para a formação de cidadãos capazes de lidar, de forma eficaz, com os desafios e as necessidades da sociedade actual.”

Depois da apresentação de um vídeo com recurso ao *PowerPoint* o grupo realizou um jogo do bingo com os planetas pertencentes ao Sistema Solar. Esta atividade permitiu que, de forma lúdica, as crianças aprendessem conceitos que mais tarde se tornarão mais complexos Martins et al. (2009):

Inicialmente, através do seu brincar e, posteriormente, de forma mais sistematizada quando acompanhada pelo adulto, a criança vai estruturando a sua curiosidade e o desejo de saber mais sobre o mundo que a rodeia. Estarão, assim, criadas as condições para dar os primeiros passos em pequenas investigações, as quais se pretendem progressivamente mais complexas (p.12).

O conhecimento científico é importante para as crianças interpretarem o mundo que as rodeia, começando com as primeiras tentativas não formais, as concepções alternativas, até ao conhecimento científico. Todas as crianças têm um conjunto de saberes que foram acumulando ao longo da vida. Cabe à escola valorizar, reforçar, ampliar e iniciar essas experiências e saberes,

de modo a permitir, aos alunos, a realização de aprendizagens posteriores mais complexas. Tal como afirmam Martins et al. (2009), “no jardim-de-infância, o(a) educador(a) deve promover um ambiente em que as crianças possam apreciar a ciência e construir experiências positivas em relação a ela, visto que as imagens se constroem desde cedo e a sua mudança não é fácil.” (p.13).

Terminei a atividade recorrendo a uma música que era familiar a todo o grupo de crianças sobre os planetas do Sistema Solar, nesta parte da atividade o grupo revelou-se muito contente e até me perguntou: se poderiam cantar e dançar, ao que eu respondi que afirmativamente, Segundo Silva et al. (2016), “a abordagem à Música no jardim de infância dá continuidade às emoções e afetos vividos nestas experiências, contribuindo para o prazer e bem-estar da criança.” (p.54).

Penso que a interligação de todas estas áreas no decorrer desta atividade foi muito interessante, pois possibilitou um enriquecimento da atividade e permitiu ao grupo estar em contacto com estratégias diversificadas. Dessa forma, Vaideanu (2006, como citado em Costa, Monteiro & Ribeiro, 2014) “considera que a interdisciplinaridade não anula a disciplinaridade, o que faz é derrubar as barreiras entre disciplinas evidenciando a complexidade, a globalidade e o carácter imbricado da maioria dos problemas concretos a resolver, contribuindo para uma visão mais clara da unidade do mundo, da vida e das ciências” (p.1274). A interdisciplinaridade torna-se importante, visto que possibilita uma melhor interpretação da realidade e atualidade, sendo também um fator de motivação para a aprendizagem.

1.2.2 Relato 2 – 7 de janeiro de 2019

A atividade que relatarei seguidamente foi realizada pela Educadora, na faixa etária dos 3 anos, com um grupo composto por 25 crianças. A área trabalhada foi a Área de Expressão e Comunicação, mais especificamente, o Domínio da Matemática. A Educadora iniciou esta atividade preparando o espaço juntamente com as crianças. Pediu ao grupo que estava sentado no tapete que se levantasse autonomamente e se colocasse em semicírculo, enquanto esta deslocava um dos móveis da sala para à frente destes, pois iria utilizá-lo como suporte para um placard construído em feltro, dividido em várias cores do 1.º Dom de Froebel (figura 1).

Depois de preparar o espaço, a Educadora mostrou o material que iria trabalhar questionando as crianças o nome do material, e o seu autor. questionou ainda o grupo sobre qual

seria o revestimento da caixa e qual a cor das bolas que lá estavam dentro. Após esta introdução ao material, a Educadora realizou brevemente o jogo do Quim Visual com o grupo de crianças. Seguidamente, colocou um tapete circular (que serviria de ponto de referência para as crianças) em frente ao painel colado no móvel assim como a caixa do 1.º Dom de Froebel, para que estas tivessem as bolas ao seu dispor. Depois disto, em jeito de magia, foi chamando uma criança de cada vez, pedindo que se colocassem em cima do tapete circular e dando as pistas necessárias para a criança escolher a bola pretendida e a colocar no sítio desejado. Iniciou os exercícios com um grau de dificuldade simples e, à medida que ia avançando na atividade, aumentava o grau de dificuldade. Foi interessante verificar que algumas crianças já dominavam tão bem as seguintes informações: “ em cima”, “em baixo”, “esquerda” e “direita”. O exercício foi realizado com sucesso pela maioria das crianças. Todas as que sentiram dificuldade em encontrar a resposta certa ao utilizar o material foram ajudadas pela educadora.

Inferências

A Educadora teve uma grande preocupação em preparar o espaço para que todas as crianças estivessem confortáveis e conseguissem visualizar o que estava a acontecer. Ao pedir que o grupo se sentasse em semicírculo, a Educadora permitiu ao grupo um momento para estes serem autónomos, algo fundamental nesta faixa etária, pois é ao realizarem estas pequenas atividades do dia a dia que as crianças começam a sentir confiança e independência. Tal como afirmam as Silva et al. (2016):

Esta autonomia passa igualmente pela decisão coletiva sobre as tarefas necessárias ao bom funcionamento do grupo e a sua distribuição equitativa. Esta participação da vida no grupo permite às crianças tomarem iniciativas e assumirem responsabilidades, de modo a promover valores democráticos, tais como a participação a justiça e a cooperação. (p.36)

O facto de a Educadora ter a preocupação de modificar o espaço da sala também constituiu um aspeto importante desta atividade, todas as atividades são diferentes e têm objectivos diferentes, logo a modificação do espaço é algo importante a ter em conta, o mesmo afirmam as Silva et al, (2016):

A reflexão permanente sobre a funcionalidade e adequação dos espaços permite que a sua organização vá sendo modificada, de acordo com as necessidades e evolução do grupo. Esta reflexão é condição indispensável para evitar espaços estereotipados e padronizados que não são desafiadores para as crianças (p. 26).

Nesta atividade dirigida a um grupo de criança de 3 anos, a educadora trabalhou o 1.º Dom de Froebel que constitui um material importante para esta faixa etária pois permite trabalhar diversos conceitos. Lorenzato (citado em Caldeira, 2009) defende que noções como grande/pequeno, alto/baixo, perto/longe, dentro/fora, começo/meio/fim, em cima/em baixo, primeiro/último/entre, direita/esquerda, para a frente/para trás/para o lado, para cima/para baixo, entre outras, devem ser trabalhadas com as crianças. A mesma autora defende que é importante trabalhar estas noções recorrendo a diferentes estratégias e instrumentos para que a criança consiga perceber efetivamente o seu significado.

O 1.º Dom de Froebel permite desenvolver as seguintes capacidades/destrezas: “distinguir cores; diferenciar formas; desenvolver os sentidos do tacto, visão, audição; lateralidade; equilíbrio, sequenciar; relacionar; desenvolver a memória; orientação espacial; desenvolver a criatividade” (Caldeira, 2009, p. 244). Nesta atividade em especial a Educadora trabalhou: as cores, a estruturação espacial, a lateralização e o desenvolvimento verbal. Este material, segundo Caldeira (2009) “é um fantástico veículo para enaltecer o desenvolvimento total da criança, dando-lhe a possibilidade de representar e expressar os seus mais íntimos pensamentos e ideias.” (p.241)

O “aprender fazendo” é o mote de utilização deste material, e a forma como esta atividade foi dirigida permitiu exatamente que as crianças assim o fizessem. Concluo que, com esta atividade o grupo vivenciou e trabalhou ludicamente conceitos matemáticos fundamentais. Tal como referem as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2016): “O brincar e o jogo favorecem o envolvimento da criança na resolução de problemas, pois permitem que explore o espaço e os objetos, oferecendo também múltiplas oportunidades para o desenvolvimento do pensamento e raciocínio matemáticos.” (Silva et al., p.75).

1.2.4 Relato 3 – 11 de março de 2019

Observei esta atividade no grupo de 4 anos, durante as atividades letivas da manhã. As crianças encontravam-se sentadas nos seus lugares, quando a Educadora começou por verificar quais as crianças que seriam as chefes do dia, para ajudar na distribuição do material Cuisenaire. As crianças distribuíram uma caixa por cada uma das cinco mesas. Foram distribuídas ainda uma caixa de ovos por cada uma das 24 crianças e um conjunto de 10 ovos de plástico em miniatura.

Depois de terem todos os materiais que iriam precisar para a realização da atividade, a Educadora começou por dirigir perguntas às crianças do grupo para introduzir o material. Questionando com material iriam trabalhar, ao que uma das crianças respondeu que era com uma caixa de cores. A Educadora reformulou dizendo para todo o que iriam trabalhar com uma caixa de ovos, explicando que tinham de colocar cada “*chicken*” no seu ninho associando a cor do ninho à “*chicken*”. Iniciou o exercício questionando diferentes crianças sobre a quantidade de ovos que tinham de colocar em cada ninho dizendo: “Se relacionarmos o número de *eggs* às peças do Cuisenaire quantos *eggs* vamos colocar no ninho encarnado?”, a Educadora foi repetindo esta pergunta para outros dois ninhos (amarelo e branco).

De seguida, começou a dificultar um pouco as suas perguntas, abordando o conceito de par, perguntando: “Quantos pares de *eggs* temos de colocar no ninho *pink*?”. A educadora utilizou a mesma estratégia para o ninho verde-escuro. As crianças foram respondendo e, quando para alguma criança era difícil chegar ao resultado, a Educadora auxiliava-a conduzindo o seu raciocínio.

Seguidamente foi solicitado a uma das crianças que fizesse a leitura do número de ovos em cada ninho iniciando-a pelo ninho branco. Após este momento, durante o qual, todas as crianças acompanharam atentamente, seguiram-se algumas perguntas sobre qual o ninho com mais ovos, o ninho com menos ovos, assim como, quais os ninhos que tinham um número par ou ímpar de ovos.

Ainda com os mesmos ovos na caixa a Educadora iniciou uma história dizendo: “A galinha *red* tinha um sonho, gostava de ter a mesma quantidade de *eggs* que a *pink chicken*. Então a galinha amarela deu dois ovos à galinha *red*. Quais são os dois ninhos que têm a mesma quantidade de ovos?”.

A educadora tinha como principal finalidade que todo o grupo conseguisse fazer a correspondência entre a cor do ninho e o valor da cor no material Cuisenaire e, em seguida, retirar essa quantidade de ovos e colocá-la no ninho. Para que tal acontecesse, realizou diversas questões para ajudar e acompanhar o raciocínio das crianças. Diversificou as estratégias revendo o que era um número par e um número ímpar, comparando o valor da peça anterior com o valor da peça seguinte. Permitiu, deste modo, que todo o grupo compreendesse e conseguisse, através

das diferentes estratégias, chegar ao valor de ovos que tinha de ter cada ninho, tendo em conta a cor do material Cuisenaire.

Inferências

Ao longo do relato proferido pode constatar-se que a Educadora durante toda a atividade utiliza no seu discurso muitos termos da Língua Inglesa. No meu ponto de vista a língua estrangeira está cada vez mais presente no dia a dia das crianças e atualmente existe uma maior consciência de que a aprendizagem da Língua Inglesa precocemente é relevante. Silva et. al (2016) afirmam que “nestas idades, a aprendizagem de uma segunda língua ocorre de uma forma relativamente espontânea, desde que sejam assegurados às crianças contextos comunicacionais adequados.” (p.61). Para Schütz (2003, como citado em Gomes, 2016), quanto mais cedo a criança tem contacto com uma língua estrangeira (LE), melhor é a aprendizagem desta mesma língua.

A Educadora deste grupo de crianças integra, ao longo de todo o tipo de atividades, palavras da língua inglesa. Segundo Gomes (2016)

é indispensável compreender que a aprendizagem de uma LE durante o início do percurso escolar de uma criança é bastante importante pois apresenta uma ponte para a formação de um cidadão pleno e ativo. É também preciso conhecer a “realidade” que a escola apresenta, isto é, aprender uma língua estrangeira desde o início, promove o desenvolvimento da autonomia da criança, permitindo ainda dominar um novo idioma à medida que vai crescendo (p.7).

Aprender inglês durante a educação Pré-Escolar é bastante importante pois permite construir uma consciência plurilingue, isto é, de que existem mais línguas para além da nossa língua materna. Permite ainda o desenvolvimento de competências que se regem pela fomentação do interesse na aprendizagem de outro idioma ao longo da nossa vida (Gomes, 2016).

Tendo em conta a idade das crianças, penso que todas as estratégias e materiais utilizados permitiram que compreendessem diversos conceitos de uma forma lúdica as crianças. É na Educação Pré-escolar que o Educador deverá utilizar o lúdico pois tal como afirma Caldeira (2009): “é um dos lugares onde é apropriado, oportuno, inerente ou natural tratar o lúdico”. (p.39).

Aliado à ludicidade vêm muitas vezes os materiais matemáticos estruturados, como é o caso do material Cuisenaire, que foi utilizado durante esta atividade. Este material é um excelente instrumento, de fácil manipulação que permite estimular a criatividade e imaginação das crianças. Segundo Alsina (2004, como citado em Caldeira, 2009) “as barras de cor são um material manipulativo especialmente adequado para a aquisição progressiva das competências numéricas. São um suporte para a imaginação dos números e das suas leis, tão necessário para poder passar ao cálculo mental... para introduzir e praticar as operações aritméticas.” (p.126).

Através dos materiais utilizados, da ludicidade e da brincadeira, as crianças do grupo conseguiram aprender melhor uma vez que lhes foi permitido manipular enquanto aprendem. Para Froebel (1912, como citado em Caldeira, 2009) “brincar é a fase mais importante da infância e do desenvolvimento do ser humano neste período – por ser a auto-ativa representação do interno – a representação de necessidades e impulsos internos.” (p.38).

Concluo dizendo que esta atividade foi muito positiva e divertida para as crianças. É através da motivação que o professor desperta no aluno a vontade de aprender, de se aperfeiçoar, de se descobrir e de potenciar as capacidades que possui (Balanco & Coelho, 1996). Senti que esta atividade proporcionou no grupo um maior interesse e motivação para a aprendizagem da matemática.

1.2.5 Relato 4 – 27 de maio de 2019

No dia 27 de maio de 2019, planifiquei um conjunto de atividades para o dia inteiro dirigidas ao grupo de crianças de 5 anos. Comecei por sentar o grupo de crianças em semicírculo no chão, em cima das almofadinhas. Eu, encontrava-me sentada numa cadeira para estar numa posição acima do grupo para que as crianças me conseguissem observar a contar a história intitulada “Os animais estavam zangados”. Esta história foi escrita pelo autor estrangeiro William Wondriska, e relata um dia quente na selva em que os animais não tinham nada que fazer e por isso começam a zangar-se uns com os outros devido às suas características particulares como por exemplo a altura, até todos estarem zangados na selva. Num dos momentos da história aparece uma pomba que se aproxima de cada um dos animais e resolve a confusão valorizando as características individuais de cada um. A história tem como principal

objetivo explicar às crianças que não podemos ser todos iguais, não podemos gostar todos das mesmas coisas, ter a mesma altura, exprimirmo-nos da mesma maneira.

Esta história foi contada num momento de leitura participada, pois o grupo teve a oportunidade de interagir durante o conto. Depois deste momento, solicitei a uma das crianças que realizasse o reconto da história, aproveitando para que as crianças que chegaram um pouco mais tarde pudessem acompanhar a atividade que estava a decorrer.

Ainda relativamente à história contada realizei um jogo que tinha como principal objetivo a interpretação da história. O jogo consistia no lançamento de um dado e na associação do algarismo que saía a um dos cartões que continha uma pergunta. O grupo encontrava-se ainda sentado em semicírculo e cada criança lançava individualmente o dado e respondia à pergunta que se encontrava no cartão. As perguntas que constavam nos cartões eram: “Qual foi a tua parte favorita da história?”; “Qual foi a parte que gostaste menos?”; “Se fosses uma personagem qual serias?”; “Inventa outro final para a história.”; “Que outro título darias à história?”; “Gostaste da história?”. Através desta atividade todas as crianças puderam falar um pouco e participar. De todas as perguntas realizadas senti que a pergunta a que as crianças tiveram mais dificuldade a responder foi a que pedia “Inventa outro final para a história”. Em relação às restantes questões todas gostaram de ouvir a história e o momento favorito foi “quando os animais fizeram as pazes” e o que gostaram menos foi “quando os animais de chatearam”.

Depois desta atividade de interpretação e ainda relativamente ao Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, pedi ao grupo de crianças que se voltassem a sentar nos seus lugares. Distribui com a ajuda dos chefes de sala uma folha A5 plastificada a cada uma das crianças, e um saquinho de pano com letras móveis. Expliquei ao grupo o que era pretendido com o material em cima da mesa. Primeiramente teriam de sublinhar o nome correto da imagem da folha, e o segundo exercício seria com as letras móveis a organização da palavra “animais”. Enquanto o grupo trabalhava autonomamente chamei três crianças para dar a lição da letra /s/ na Cartilha Maternal.

Para terminar a atividade, passei por todas as mesas para observar e corrigir individualmente os erros dados na construção da palavra pedida. Pedi ainda a uma das crianças que fizesse o exercício no quadro com o material idêntico ao que tinham nas mesas, mas de

maiores dimensões, para que todos ficassem com o mesmo modelo e não houvesse equívocos.

Inferências

O livro que escolhi para iniciar esta atividade pertence ao Plano Nacional de Leitura e chama-se “Os animais estavam zangados”. Como se pode verificar no relato acima, esta história fala da importância da aceitação do próximo independentemente das suas características individuais. Na Educação Pré-Escolar pretende-se que na Área de Formação Pessoal e Social o educador apoie as crianças estimulando e encorajando os seus progressos, pelo modo como apoia as relações e interações no grupo, para que todas se sintam “aceitas e as suas diferenças consideradas como contributos para enriquecer o grupo e não como fonte de discriminação ou exclusão” (Silva et al., 2016, p.34).

Ler é sem dúvida fundamental e o gosto e motivação para leitura deve começar desde a mais tenra idade. Através destas atividades, as crianças desenvolvem várias competências principalmente o desenvolvimento da “estrutura da língua escrita, (...) a organização do material impresso, (...) [desenvolvem] o vocabulário, capacidades de (...) atenção e concentração e [melhoram também a sua capacidade de interação] com os adultos e pares” (Fernandes, 2007, como citado em Monteiro, 2016, p.21). É também através das histórias que a criança expande o seu leque de experiências, para além do que a rodeia, desenvolvendo um modelo mais rico do mundo e um vocabulário a ela aquedado (Mata, 2008).

O meu principal objetivo durante o conto desta história foi cativar as crianças e desta forma ajudá-las a apreciar este momento. Cruz, Ribeiro, Viana e Azevedo (2012) afirmam que “ouvir ler pela voz dos outros é das estratégias mais poderosas para fazer nascer a motivação para aprender a ler e a escrever” (p.17).

Posteriormente a contar a história, pedi a uma das crianças que realizasse o reconto da mesma. Assim as crianças que haviam acabado de chegar conseguiriam perceber a história contada e participar nas restantes atividades que tinham como ponto de partida a história. Segundo Andrade (2017):

Assim, contar e recontar histórias possibilitará à criança construir a realidade contada, incluindo a organização narrativa essencial na instrução para a vida em sociedade. Ao narrar e ouvir histórias, a criança distinguirá o fundamental do prescindível, gerando sinopses seletivas do texto inicial,

expondo benefício pela perfeição das palavras, criando falas com perguntas e respostas, debatendo e aprendendo a respeitar as opiniões dos outros (p.31).

Depois do reconto da história realizámos um jogo que permitiu a participação de todos os elementos do grupo. O jogo de perguntas com o dado possibilitou que as crianças dessem um pouco da sua opinião sobre a história ouvida.

Em seguida, propus ao grupo uma atividade de leitura e de escrita, enquanto levei alguns elementos do grupo à Cartilha Maternal. Para terminar realizei a correção passando por cada uma das crianças e ajudando-as individualmente. Para que todo o grupo de crianças percebesse realizei também uma correção modelo e para todo o grupo, recorrendo sempre às regras da Cartilha Maternal aprendidas até então. Segundo Ruivo (2009): “Quando a criança escreve incorrectamente devemos ajudá-la a autocorrigir-se lembrando-lhe as regras que ela aprendeu para ler” (p.136). Desta forma as crianças vão contactando com as regras, retendo-as. Através de exercícios como este mais tarde conseguirão autocorrigir-se sem precisar de recorrer às mesmas.

1.2.6 Relato 5 – 31 de maio de 2019

A atividade que relatarei seguidamente foi dirigida pela minha colega estagiária ao grupo de crianças de 5 anos e foi observada pelas professoras orientadoras da Prática Pedagógica. Para esta atividade a minha colega tinha como principais objetivos trabalhar duas áreas, a Área de Conhecimento do Mundo e a Área de Expressão e Comunicação mais especificamente o Domínio da Matemática.

Iniciou-a fazendo um comboio à porta da sala com o grupo de crianças, de seguida foi entregando a cada uma das crianças um bilhete que continha o número do lugar onde cada um se iria sentar. E com uma projeção em *PowerPoint* de uma imagem do interior de um avião, cumprimentou o grupo de crianças e questionou-as onde achariam que estavam. O grupo de crianças depressa afirmou que se “encontrava” num avião. Deixou as crianças falarem sobre as suas vivências e experiências sobre este Meio de Transporte e de seguida explicou que todos iriam fazer uma viagem até à Alemanha, o país onde nascera o pedagogo Froebel. Preparou o grupo para a “descolagem” colocando um filme sobre as normas de segurança dentro de um avião e após a visualização deste colocou ainda um pequeno vídeo de uma descolagem, e num momento de faz de conta todas as crianças se imaginaram a partir rumo à Alemanha.

Após esta pequena introdução foi projetando as várias partes constituintes de um avião e apresentando as diferentes profissões existentes. Ainda dentro da temática das profissões chamou 4 crianças (duas meninas e dois meninos), para serem as hospedeiras e comissários de bordo e ajudarem na distribuição de uma pequeno *snack* a cada uma das crianças assim como à recolha do lixo.

Terminada a parte da atividade da Área de Conhecimento do Mundo, deu início ao Domínio da Matemática pedindo que as crianças tirassem de dentro da ranhura da mesa uma placa em EVA e o 3.º e 4.º Dom de Froebel. Começou por fazer algumas questões sobre o material e a forma e número de peças presente em cada caixa. Posteriormente utilizou uma apresentação em *PowerPoint* para guiar e auxiliar as crianças na construção de um avião idealizada por ela. De seguida realizou alguns exercícios de cálculo mental e uma divisão recorrendo a um material não estruturado. Terminou a sua atividade pedindo ao grupo que arruma-se o material dentro das respetivas caixas.

Inferências

A minha colega iniciou a sua atividade abordando um tema do Conhecimento do Mundo que é uma área que procura ensinar às crianças os vários fenómenos que acontecem no mundo que a rodeia, segundo Silva et al. (2016), é uma “área em que a sensibilização às diversas ciências é abordada de modo articulado, num processo de questionamento e de procura organizada do saber, que permite à criança uma melhor compreensão do mundo que a rodeia.” (p.6).

As crianças encontravam-se entusiasmadas e todas queriam partilhar as suas experiências e vivências e em jeito de conversa a minha colega foi deixando o grupo falar. O educador de infância, enquanto mediador do processo educativo, deve fomentar o diálogo promovendo a partilha de vivências e de experiências, num ambiente facilitador da expressão de opiniões, sentimentos e emoções. Segundo Silva et al. (2016): “A capacidade de o/a educador/a escutar cada criança, de valorizar a sua contribuição para o grupo, de comunicar com cada uma e com o grupo, de modo a dar espaço a que cada uma fale, e a fomentar o diálogo, facilita a expressão das crianças e o seu desejo de comunicar.” (p.61).

Um dos pontos que considero mais positivo durante toda a atividade foi o facto desta ter como suporte uma apresentação em *PowerPoint*, pois este recurso permitiu que durante toda a atividade as crianças fossem visualizando o que estava a ser transmitido e ao mesmo tempo pudessem observar e interpretar a imagem. Segundo Silva (2015):

Ao alfabetizar o olhar para a leitura do texto visual, o estudante constrói o pensamento a partir da imagem, que podem ser fixas, como as fotografias, pinturas, desenhos, gravuras e esculturas ou de movimento como os vídeos, o cinema e a televisão. Este processo pressupõe habilidades como observação, descrição, análise e síntese a partir da atenção ao que se vê; da observação do comportamento do que se vê; do significado atribuído ao que se vê; da decisão acerca do valor atribuído a imagem. (p.233)

Considero também que durante toda a atividade a minha colega conseguiu fazer com que o grupo se mantivesse interessado pois ela recorreu muito ao “faz de conta”. Nesta atividade as crianças puderam imaginar que estavam a descolar e a aterrar numa viagem de avião, assim como puderam experimentar ser hospedeiras e comissários de bordo. Todo este momento de imaginação levou a grande interesse por parte das crianças. O jogo dramático cativa a criança através dos recursos materiais e estratégias que a possibilitam explorar. O jogo é para a educação da criança de idade Pré-Escolar, um potencial precioso que privilegia as aprendizagens, de acordo com os interesses, as expectativas e os desejos das crianças, e um excelente meio de preparação para a vida futura da criança. Segundo Silva et al. (2016), o educador ao utilizar o jogo dramático para além “do apoio às iniciativas das crianças, o/a educador/a cria oportunidades que lhes permitam representar, à sua maneira, experiências da vida quotidiana ou situações imaginárias” (p.52).

A atividade teve ainda uma parte onde foi explorado com as crianças o Domínio da Matemática. Na Educação Infantil as crianças devem construir os conceitos matemáticos brincando livremente e através de atividades lúdicas, que promovam a participação ativa e que despertem a curiosidade. É por isso que na Educação Pré-Escolar muitas das atividades propostas no domínio da Matemática são acompanhadas da manipulação de materiais que tanto podem ser estruturados como não estruturados. Alguns desses materiais manipulativos estruturados são: os Dons de Froebel, o Cuisenaire, os Calculadores Multibásicos, as Calculadoras Papy, os Blocos Lógicos, o Geoplano, o Tangram, entre outros.

Estes materiais facilitam a construção do conhecimento no que diz respeito á área do Domínio da Matemática tal como afirma Caldeira (2014):

Pretende-se, num ambiente natural de aprendizagem, estabelecer relações entre processos para adquirir hipóteses explicativas e perceber a relação entre a construção de conhecimentos matemáticos e a utilização de materiais manipuláveis, como instrumentos de medição e facilitadores do processo de aprendizagem. (p.31)

Neste caso a minha colega optou pela manipulação dos materiais 3.º e 4.º Dom de Froebel, que constituem materiais estruturados. Froebel “considerava as crianças como plantinhas de um jardim, cujo jardineiro era o professor. Para ele, a escola era o lugar onde a criança devia aprender as coisas importantes da vida... não as estudando, mas vivendo-as.” (Caldeira, 2009, p.240). As crianças que participaram na atividade já se encontravam muito à vontade com este material conseguindo realizar muitas das construções sem auxílio, por isso a minha colega optou por diversificar a utilização deste material recorrendo a uma construção idealizada por ela.

Segundo Balancho e Coelho (1996): “O aluno só se implica na situação educativa se for seu interesse pessoal atingir esse objectivo.” (p.47). Ao observar esta atividade senti que a minha colega foi inovadora e tentou diversificar e distanciar-se das estratégias normalmente utilizadas pelas educadoras, cativando e motivando o grupo de crianças que participaram na atividade.

1.2.7 Relato 6 – 11 de junho de 2019

A atividade que vou relatar foi realizada pela Educadora na faixa etária dos 5 anos. A educadora iniciou esta atividade colocando as crianças do grupo sentadas nas almofadinhas em “U” no chão. Depois disso colocou à vista de todas as crianças uma adivinha que tinha como principal intuito chegar ao tema principal da atividade. A adivinha dizia: “Não me podem pôr na rua, vento ou frio não me importa, moro numa casa sem janelas, nunca passo além da porta.”.

A educadora deu tempo para as crianças tentarem ler a adivinha, e depois questionou quem gostaria de ler em voz alta, várias crianças se ofereceram e a educadora pediu a uma delas para ler. Depois da leitura feita por uma das crianças, a educadora realizou ainda uma leitura modelo para que todos a ouvissem e pensassem na resposta. Depois de algum tempo e de algumas respostas incertas uma das crianças acertou na resposta da adivinha, o animal era o caracol.

A educadora pediu então que com as letras móveis escrevessem o nome “caracol”, começou por questionar qual a primeira letra da palavra e relembrando algumas das regras da

Cartilha Maternal ia pedindo que num placard colassem as letras uma a uma. Depois desta introdução pediu que as crianças se sentassem nos seus respectivos lugares e projetou imagens dos caracóis e das suas principais características.

Para esta atividade foram preparadas ainda duas atividades experimentais para realizar com o grupo, sendo que a primeira foi realizada para todo o grupo de crianças e tinha como principais objetivos verificar qual o ambiente preferido do caracol, iluminado ou escuro.

A segunda atividade providenciada pela Educadora ao grupo de crianças foi a constatação de qual o tipo de solo que os caracóis preferiam, húmido ou seco. Para tal a Educadora distribuiu a cada grupo de duas crianças um tabuleiro, e as crianças duas a duas dirigiam-se à educadora para que esta as auxiliasse a colocar papel húmido numa das partes do tabuleiro e ainda os caracóis.

A Educadora preparou um protocolo experimental para que as crianças o preenchessem, mas optou pelo preenchimento do mesmo apenas depois da atividade experimental.

Inferências

Decidi relatar esta atividade primeiramente porque me despertou muito interesse o facto de ter começado com uma adivinha, penso que foi uma forma original e pouco usual de começar e também por ter possibilitado ao grupo de crianças a realização de duas atividades experimentais e ainda o contacto direto com um animal. Estando na faixa etária dos 5 anos a Educadora iniciou esta atividade trabalhando um pouco com as crianças o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Nesta idade as crianças já se encontram muito despertas para tentativa de construção de palavras, penso que o exercício realizado com as palavras móveis foi muito interessante para o grupo.

Após a introdução com a adivinha a educadora mostrou ao grupo uma apresentação em *PowerPoint* que continha diversas imagens, a cada imagem o grupo observava e comentava, e desta forma foi-se criando um importante diálogo sobre o animal em questão. Este diálogo permitiu com que a educadora percebesse aquilo que o grupo já sabe e pensa sobre este assunto. Martins et al. (2009) afirmam que: “Compreender as ideias das crianças facilita a adequação da

intervenção do(a) educador(a) e a necessária adaptação de recursos e estratégias/actividades.” (p.19).

Depois da apresentação em *PowerPoint* e das crianças visualizarem diversas imagens sobre o animal em questão, a educadora mostrou e as crianças puderam contactar com o animal. Como referem Martins et al., (2009, p.21), “a participação activa das crianças em todas as fases do desenvolvimento das actividades favorece o seu entusiasmo, dado que gostam naturalmente de mexer, experimentar e observar as consequências das suas acções”.

Ainda durante esta atividade as crianças puderam participar em duas atividades experimentais e verificar em que medida a luz e a humidade influenciavam o comportamento dos caracóis, segundo Martins et al. (2009), o trabalho experimental designa-se por:

actividades práticas onde há manipulação de variáveis: variação provocada nos valores da variável independente em estudo, medição dos valores alcançados pela variável dependente com ela relacionada, e controlo dos valores das outras variáveis independentes que não estão em situação de estudo. (p.36)

Martins et al. (2009) afirma que: “o (a) educador(a) tem um papel fundamental na orientação deste processo, quer na selecção das formas de registo mais adequadas para a actividade e para o grupo de crianças, quer na sua intervenção junto das crianças, que as leve a focar a sua atenção nos aspectos principais a serem considerados” (p.23). Ao longo do relato, foi referida a preocupação da educadora em preparar um registo, mas como já foi mencionado esta optou pelo seu preenchimento depois da atividade. Penso que o preenchimento do registo durante a mesma, seria uma forma de dirigir a atividade e de dar uma estrutura à mesma.

1.2.7 Relato 7 – 28 de junho de 2019

No dia 28 de junho de 2019, a escola onde realizei o estágio celebrou a festa de final de ano, que teve início pelas 10 horas da manhã. A festa iniciou-se com a presença de todos os encarregados de educação na sala de actividades do grupo de crianças onde a educadora preparou um pequeno discurso que dirigiu às famílias e aos alunos finalistas da Educação Pré-Escolar, começando por congratular o grupo de crianças pela seu esforço e dedicação ao longo do Bibe Azul (sala dos cinco anos) e entregando de seguida a cada um dos encarregados de educação as avaliações e registo de actividades dos seus filhos. Os familiares iriam acompanhar a manhã de

atividades letivas dos seus filhos com demonstrações preparadas pelos professores de Educação Física, Inglês e Música.

Posto isto a educadora da sala pediu auxílio a mim e à minha colega na distribuição de um pequeno lanche a cada uma das criança assim como para retirarmos os bibes das crianças e as dirigirmos à casa de banho.

Seguidamente a educadora levou o seu grupo de crianças até à Professora de Educação Física que se encontrava no espaço exterior com um circuito preparado para que as crianças o completassem passando por diferentes obstáculos. Cada criança fê-lo um a um enquanto os respetivos encarregados de educação os observavam. Após o término do circuito as crianças demonstraram a coreografia que prepararam com o auxílio da professora de Educação física. No final desta apresentação a professora proporcionou um divertido momento, propondo aos encarregados de que se juntassem aos seus educandos na coreografia.

Ainda durante o período da manhã as crianças dirigiram-se ao outro recinto exterior desta vez com os Professores de Música e Inglês para cantarem algumas das canções que aprenderam ao longo do ano. Começaram por cantar o hino da escola com o professor de Música e terminaram cantando em Inglês a canção *Baby Shark*, que devido ao seu sucesso colocou familiares, professores, crianças e funcionários a cantar e a dançar. O período de atividades da parte da manhã terminou assim.

Da parte da tarde a escola abriu novamente as suas portas às famílias das crianças para um grande Arraial que dispunha de música, comida, quermesses e muita diversão para terminar assim o ano letivo da melhor maneira.

Inferências

A família segundo Gervilla (2001, como citado em Reis, 2008) é o:

é o pilar fundamental para o crescimento da criança, e, se queremos realmente educar, há que proporcionar ajuda e apoios aos que dela necessitam e, assumirmos responsabilidades visto que uma pequena Educação dos pais proporciona benefícios significativos: progressão das aprendizagens, desenvolvimento mental, afectivo e emocional. (p.38)

Também a escola é fundamental, pois segundo Picanço (2012) é um “local onde os pais confiam a educação dos seus filhos e encontram nela um tipo de apoio para as suas vidas, sendo mesmo um elemento indispensável para os pais e encarregados de educação.” (p.2).

A família tem um papel essencial e único na vida de qualquer ser humano e a escola uma importância ímpar na instrução de qualquer indivíduo. Considero muito importante a existência de uma relação de proximidade entre a família e a escola, e por esse mesmo motivo penso que este dia de atividades promovido pela instituição às diversas famílias foi muito pertinente, pois permitiu a realização de mais um contacto entre estas duas instituições assim como a celebração de mais um final de ano. O equilíbrio entre a escola e a família é essencial para o crescimento e o desenvolvimento da criança, não há criança sem família nem escola sem crianças, são duas coisas inseparáveis, por isso, resta-nos a nós, educadores, fortalecer esses laços para o bem das gerações.

Young, Austin e Growe (2011, como citado em Loureiro, 2017), definiram envolvimento parental como uma qualquer atitude, comportamento ou presença em atividades que ocorram na escola ou com a escola, cujo intuito seja apoiar o desempenho académico ou comportamental dos filhos, no contexto escolar. O facto dos pais puderem ter assistido e participado em diversas atividades do dia a dia dos seus filhos foi também uma mais valia penso que devido aos pais estarem presentes as crianças sentiam-se ainda mais motivadas. Loureiro (2017), que:

Para além disso, um conjunto de outras vantagens provenientes do envolvimento das famílias na escola são reflectidas: aumenta a motivação dos alunos pelo estudo; ajuda os pais a compreenderem melhor o esforço dos professores e a desempenharem melhor os seus papéis; melhora a imagem da escola e reforça o prestígio profissional dos professores, que assim se sentem mais motivados para melhor desempenharem as suas funções. (p.6)

Reforço que as atividades observadas pelos encarregados de educação foram essencialmente do Domínio da Educação Física, Subdomínio da Música e Inglês, demonstrando que estas são tão importantes como todas as outras atividades realizadas ao nível de outros domínios.

Segundo Agüera (2008, p.73), “as festas e celebrações constituem atos extra, nos quais os mais pequenos participam e que são uma prática entusiasmante e psicopedagógica de grande valor para promover a socialização, a autoestima, a colaboração e a integração das crianças”. Deste modo, puderem ser um dia positivo para a família e para as crianças.

1.2.8 Relato 8 – 2 de outubro de 2019

Assisti a esta atividade, numa das três semanas de seminário de contacto com a realidade educativa. Durante estas semanas, estagiei numa instituição particular na vila da Ericeira, com

um grupo de crianças com idades compreendidas entre os três e os cinco anos, ou seja numa sala heterogénea. Durante o seminário, o grupo realizou algumas visitas de estudo a locais próximos da instituição, e no dia 2 de outubro para celebrar o dia do idoso, o visitámos em conjunto um lar de idosos da Santa Casa da Misericórdia.

O dia iniciou-se com a chegada das crianças ao jardim de infância pelas 9h30m. Após todas as crianças do grupo estarem presentes levámos as crianças à casa de banho para que estas realizassem as suas necessidades antes de sairmos do jardim de infância. Seguidamente reunimo-nos na sala de atividades para em conjunto com as crianças realizar a rotina habitual do grupo, cantar a canção dos bons dias e preencher a tabela das presenças e do tempo. Depois disto, a educadora explicou o que se celebrava neste dia e ouviu as vivências das crianças sobre o tipo de contacto exerciam com idosos. Seguidamente a educadora começou a preparar um comboio formando os pares de crianças, escolhendo sempre uma criança mais velha e uma criança mais nova. Saímos do jardim de infância por volta das dez da manhã e seguimos até ao lar de idosos.

Na Santa Casa da Misericórdia da Ericeira fomos recebidos pela equipa de técnicos que conversou um pouco com as crianças. Durante esta visita estivemos com dois grupos de idosos, o primeiro grupo com que as crianças estabeleceram contacto era um grupo de idosos mais debilitado e por isso as crianças apenas interagiram com estes realizando uma pequena atuação. Durante esta atuação as crianças estavam um pouco inibidas por se encontrarem num local diferente, mas no meu ponto de vista os utentes que se encontravam na sala gostaram igualmente da atuação. Na segunda sala de utentes, as crianças já se sentiam mais à vontade e por isso a atuação preparada previamente correu muito melhor. Depois de cantarem e atuarem para os utentes, uma das técnicas disponibilizou alguns balões, pedindo para as crianças escolherem um utente e ao som de uma música se divertirem a jogar ao balão. As crianças rapidamente se juntaram a um idoso e brincaram com ele.

Foi muito engraçado observar esta interação entre crianças e idosos, e perceber a alegria dos mais velhos ao contactar com a euforia das crianças. No final da visita, os utentes entregaram uma surpresa que prepararam a cada uma das crianças e os mais novos despediram-se prometendo voltar.

Inferências

Almeida e Vasconcelos (2013) definem visitas de estudo como: “as deslocações efetuadas com os alunos ao exterior do recinto escolar, com objetivos educacionais claros, que visam enriquecer, vitalizar e complementar aspetos curriculares através da experiência direta, e que tanto podem ocorrer a locais próximos ou distantes da escolar, com durações igualmente variáveis.” (p.13). Estas atividades são muito importantes especialmente na Educação Pré-Escolar, porque são utilizadas para a estimulação da aprendizagem das crianças. Segundo Rebelo (2014): “as visitas de estudo são consideradas uma das estratégias mais estimulantes, uma vez que a saída do espaço escolar assume um carácter motivador para os alunos, que se empenham na sua realização” (p.17).

Os motivos para efetuar atividades fora da escola pode ser diversos, algumas dessas finalidades poderão ser: enriquecer o ano letivo, promover o convívio, fortalecer as relações entre alunos e professores, recordar os bons e/ou maus momentos da visita e acima de tudo, como já foi referido anteriormente, estimular a aprendizagem por parte dos alunos (Almeida & Vasconcelos, 2013). As visitas de estudo podem ser realizadas a diferentes locais, pois os locais a serem visitados fora da escola são infindáveis. No caso do relato acima descrito, o grupo de crianças deslocou-se a um lar de idosos que se designa como uma Instituição/Serviço de apoio à Comunidade.

Segundo Martins (2015) “(...) a educação intergeracional, constitui o veículo de transmissão de conhecimento e sabedoria entre gerações, fortalece as redes sociais, tão necessárias para os adultos maiores e, ainda o desenvolvimento da cidadania, do voluntariado e empreendedorismo” (p.681). De acordo Rodrigues (2014), existe uma necessidade da educação para o envelhecimento começar na escola tendo em vista acabar com os estereótipos do envelhecimento e promover atitudes positivas em relação aos idosos.

O papel que a escola desempenha no que diz respeito à educação das crianças acerca do processo de envelhecimento, deve promover e realizar de encontros intergeracionais. Será então importante que se consciencializem as escolas da importância dos contactos entre diferentes gerações, pois tal contribui não apenas para uma valorização do idoso mas também para um crescimento pessoal das crianças. Incutindo-lhes valores diferentes acerca dos mais velhos e

dando-lhes uma concepção mais positiva e sem estereótipos acerca do envelhecimento (Rodrigues, 2014).

Segundo Rodrigues (2014) “é fundamental refletir acerca dos benefícios que a educação intergeracional acarreta, tanto para as crianças como para os idosos, pois vão além de um momento de lazer, mas que sobretudo podem traduzir mudanças de atitudes, comportamentos e valores” (p.29). A atitude da criança perante a velhice é influenciada pela convivência que esta tem com pessoas mais velhas. Logo, crianças que convivam com os avós, vizinhos ou outras pessoas idosas tendem a encarar o processo de envelhecimento como algo positivo.

1.2.9 Relato 9 – 15 de outubro de 2019

Esta atividade foi realizada pela Educadora na faixa etária dos 3 anos, e teve como principal objetivo a consolidação do tema do Corpo Humano. As crianças sentaram-se nos lugares marcados no chão, e seguidamente, a Educadora estendeu papel de cenário em frente às crianças e explicou-lhes o que se sucederia. Iriam em conjunto realizar um desenho do corpo humano, contornando o corpo no papel de cenário.

Antes da atividade de expressão plástica lembrou a existência dos diferentes membros do corpo e das diferentes cores de pele e de cabelo, chamando a atenção para as características de algumas crianças presentes na sala. De seguida chamou um menino e uma menina, explicando que no desenho que iriam realizar tinham de estar representados os dois géneros diferentes. Pediu às duas crianças que se deitassem em cima do papel de cenário, e começando pela menina, utilizou uma caneta preta para contornar o corpo da criança. Realizou o mesmo processo para o corpo do menino. Após o contorno do corpo das duas crianças em papel de cenário, a Educadora ia estabelecendo um diálogo com o grupo de crianças questionando-as de como podiam vestir os dois bonecos. O grupo decidiu que na boneca iria desenhar uma saia, camisola com uma gola e um laço no cabelo, e que no boneco o vestiriam com uns calções e uma t-shirt.

A Educadora dividiu as crianças em pequenos grupos e estabeleceu tarefas para cada um. Num grupo as crianças colavam pedaços de papel colorido na saia e nos calções, noutro grupo moldavam em plasticina, os olhos, nariz e boca para os bonecos. Algumas crianças realizavam pequenas bolas em papel crepe para colarem no cabelo. Depois destas tarefas realizadas a Educadora colocou ainda algumas crianças a pintar com tintas as camisolas dos bonecos. Para

terminar cantou com as crianças uma música alusiva ao corpo humano enquanto se dirigiam à casa de banho.

Inferências

A representação que a criança possui do seu próprio corpo é um elemento indispensável na formação de sua personalidade. A descoberta do funcionamento do seu corpo deve, por isso, ser integrada no desenvolvimento da criança, uma vez que aceitar-se a si própria e aos outros é o primeiro passo para se tornar mais confiante. O corpo é importante para a criança desde que nasce, sendo igualmente importante para o educador, uma vez que revela muitas informações sobre a criança. Conhecer o seu corpo significa para a criança conhecer-se melhor e isso pode ser possibilitado na educação pré-escolar, através da Área do Conhecimento do mundo.

O Conhecimento do Mundo é uma área pela qual a criança se interessa naturalmente e que permite planear em torno do seu meio próximo da criança. Silva et al. (2016) defendem que o educador pode e deve explorar aspetos relacionados com o dia-a-dia e o conhecimento de características físicas das crianças. Estas aprendizagens podem ser observadas quando se as crianças reconhecem e identificam partes do corpo e compreendem as suas funções.

Através da atividade relatada, as crianças foram convidadas a fazer o contorno do seu próprio corpo, desta forma a Educadora possibilitou uma articulação entre saberes, conjugando as aprendizagens adquiridas na Área de Conhecimento do Mundo, com o Subdomínio das Artes Visuais. Segundo Silva et al. (2016): “O papel da educação artística no desenvolvimento da criatividade, sentido estético e apreciação de diferentes manifestações artísticas e culturais implica uma íntima ligação com as áreas de Formação Pessoal e Social e do Conhecimento Mundo, contribuindo, nomeadamente: para a construção da identidade pessoal, social e cultural; para o conhecimento do património cultural e para a sensibilização à sua preservação; para o reconhecimento e respeito pela diversidade cultural.” (p.48)

Durante esta atividade, o grupo teve acesso a um variado leque de materiais. De acordo com Silva et al. (2016) “é importante que as crianças tenham acesso a uma multiplicidade de materiais e instrumentos (papel de diferentes dimensões e texturas; tintas de várias cores; diferentes tipos de lápis como pastel seco, carvão, etc, barro, plasticina e outros materiais

moldáveis; etc.)”(p.49). Isto porque as crianças têm prazer em explorar e utilizar diferentes materiais que lhes são disponibilizados para desenhar ou pintar, cabendo ao/a educador/a alargar as suas experiências, de modo a desenvolverem a imaginação e as possibilidades de criação.

Esta atividade também me permitiu observar o trabalho em grupo com crianças pequenas. Ao contrário do que pensei, as crianças souberam partilhar muito bem todos os materiais com que trabalhavam. Segundo Silva et al. (2016):

o trabalho entre pares e em pequenos grupos, em que as crianças têm oportunidade de confrontarem os seus pontos de vista e de colaborarem na resolução de problemas ou dificuldades colocadas por uma tarefa comum, alarga as oportunidades educativas, ao favorecer uma aprendizagem cooperada em que a criança se desenvolve e aprende, contribuindo para o desenvolvimento e para a aprendizagem das outras (p.25).

Papalia, Olds e Feldman (2001) acrescentam que “os grupos de brincadeira das crianças são instrumentos poderosos de socialização, no contexto dos quais as crianças aprendem competências e abordagens disciplinares que usarão ao longo da vida” (p.387). Ajudar as crianças a lidar com os problemas que surgem no contacto com os pares é benéfico.

1.2.10 Relato 10 – 2 de dezembro de 2019

Esta atividade insere-se na Área de Conhecimento do Mundo e foi programada para o grupo de 3 anos, na sequência de um dia em que as atividades foram programadas por mim. Com esta atividade pretendi dar a conhecer às crianças o que são constelações, assim como a identificação de algumas através de um conjunto de imagens. Iniciei esta atividade depois da hora da sesta, por volta das 14 horas, o grupo de crianças levantou-se, calçou-se, dirigiu-se à casa de banho e cada um deles comeu uma bolacha antes de iniciar as atividades programadas para a parte da tarde. À medida que acabavam de comer a bolacha, pedi que se dirigissem para a sua marca no chão e que se sentassem.

Após este momento, em conjunto com o grupo de crianças recordámos o que era uma estrela. Com o grupo de crianças sentadas em meia lua no chão, expliquei o que era uma constelação mostrando alguns desenhos de constelações, nomeadamente as que formavam desenhos de animais.

Depois desta introdução entreguei a cada criança um saco de plástico com fecho que continha lá dentro um desenho plastificado de uma das constelações que tinha mostrado

previamente. Dentro deste saco encontrava-se também gel para o cabelo e um conjunto de seis estrelas realizadas em papel Eva. O objetivo do saco era que as crianças deslizassem as estrelas que se encontravam lá dentro, para cima das estrelas que estavam no desenho, formando uma constelação.

Comecei por explorar estes sacos perguntando o que observavam dentro deles, questionei se as estrelas que se encontravam lá dentro era todas do mesmo tamanho ou não. Depois tentei apelar aos sentidos das crianças, pedindo utilizassem o sentido do olfacto, se aproximassem do saco e tentasse identificar o cheiro. Sugeri que com o sentido do tato identificassem se o que o saco continha lá dentro era duro ou mole ou se estava quente ou frio. Finalmente, num exercício que permitia desenvolver a motricidade fina, pedi às crianças que deslizassem as estrelas feitas em Eva para cima das estrelas do desenho. Ajudei todas as crianças individualmente. No final deixei-as deitarem-se no chão para que pudessem explorar melhor o saco e organizar as estrelas da maneira que preferissem.

Cada criança quis partilhar o que formou com as estrelas. Senti que o grupo adorou explorar este saco sensorial e fiquei satisfeita por transformar um tema tão abstrato em algo tão divertido e lúdico para as crianças.

Inferências

A Área de Conhecimento do Mundo torna-se muito importante ao nível da Educação Pré-Escolar pois esta é uma faixa etária que de acordo com Pinto (2014) “é uma pedra basilar e incontornável da integração da criança no mundo e no conhecimento que ela tem deste último” (p.79). Sendo a criança um ser naturalmente curioso com o mundo que a rodeia, a Área de Conhecimento do Mundo deverá ser desenvolvida com o grupo de crianças de modo a “ (...) promover um ambiente em que as crianças possam apreciar a ciência e construir experiências positivas em relação a ela (...)” (Martins et al., 2009, p.13). O Educador deverá mobilizar os saberes que as crianças apresentam sobre o mundo e tê-los como ponto de partida para novas descobertas, aprendizagens, comportamentos e atitudes ao nível da sensibilização às ciências. É importante que as crianças tenham um contacto com a abordagem das ciências logo desde os primeiros anos pois, este contacto permite criar as primeiras bases sólidas nas primeiras aprendizagens relacionadas com esta área do saber.

O tema central da atividade acima relatada eram as constelações, este conceito da astronomia é um dos temas que parece estar fora da compreensão da criança, pois para entender os fenômenos que lhe estão subjacentes, não existe algo de concreto que a criança possa tocar. No entanto, existem diversos fenômenos que as crianças conseguem observar e muitas vezes criam uma série de justificações e teorias pessoais sobre a sua ocorrência. Tendo estes aspectos em consideração decidi recorrer a uma experiência sensorial, tornando esta atividade mais concreta e agradável de explorar por parte das crianças. Experimentar sensorialmente pode ter lugar na educação pré-escolar, cabendo ao educador reunir um conjunto de materiais necessários para incentivar a criança a explorar. De acordo com Papalia et al. (2001) “a estimulação sensorial, pode por sua vez, promover o rápido desenvolvimento do cérebro” (p.168). Cabe ao educador proporcionar experiências significativas, intencionalmente pensadas, para promover experiências de aprendizagem, sem com isso limitar ou reduzir a atividade livre da criança. Segundo Torrado (1988) “o laboratório dos sentidos, inaugurado pelos exercícios tácteis, auditivos, olfactivos, em apuramento de graduação, proporciona à criança experiências exaltantes” (p.11).

É através dos sentidos que as crianças adquirem as informações importantes e menos importantes, as quais contribuem para a sua aprendizagem e evolução enquanto ser humano. Desta forma, é possível afirmar que os sentidos são partes necessárias e fundamentais no processo de percepção dos indivíduos.

Capítulo 2 – Planificações

2.1 Descrição do capítulo

No presente capítulo começarei por apresentar uma fundamentação teórica onde irei definir e clarificar a importância da planificação no processo de ensino e aprendizagem. Seguidamente, serão apresentadas seis planificações das diferentes Áreas enunciadas nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Silva et al., 2016), sendo que colocarei duas planificações para cada faixa etária da educação Pré-Escolar.

2.2 Fundamentação Teórica

Para Vasconcelos et al. (2012), “planificar também é sinónimo de definir objetivos e Rinaldi (como citado em Vasconcelos, 2012) explica que a planificação é “uma forma de trabalho que estabelece antecipadamente os objectivos gerais e específicos para cada actividade, apresentando uma hierarquização desses objectivos” (p.15). A planificação existe para dar sentido e estrutura ao conjunto de ações, objetivos e procedimentos que definimos tendo por base os aspetos fundamentais do currículo. Para Zabalza (1994), “trata-se de converter uma ideia ou um propósito num curso de acção.” (p. 47).

A planificação de atividades é essencial para o educador pois esta contribui para a previsão de ocorrências inesperadas. Zabalza (1994) afirma que os professores também planificam para satisfazer as suas próprias necessidades pessoais, reduzir a ansiedade e a incerteza do seu trabalho ou definir uma orientação que lhes dê confiança e segurança.

Os investigadores Peterson, Marx e Clark (como citados em Zabalza, 1994) constataram que, quando os professores planificam: dedicam a maior parte do tempo da planificação a decidir que conteúdos vão ensinar; concentram o seu esforço na preparação dos processos instrutivos, isto é, que estratégias e atividades vão realizar; e dedicam uma escassa proporção de tempo aos objetos.

Ao considerarmos o que foi relatado anteriormente, entendemos que muitas vezes os docentes planificam não para as crianças, mas para sua própria segurança, deixando um curto espaço de tempo para aspetos importantes. Este tipo de planificação torna a criança como mera receptora. O educador não deve apresentar ao grupo de crianças tudo pronto nem definido e

limitar-se a que simplesmente reproduzam ou sigam as suas indicações. Para tal, os autores Lopes e Silva (2011) dão as seguintes sugestões para as planificações de atividades:

- (i) Identificar as estratégias de aprendizagem;
- (ii) Possibilitar que os alunos autoavaliem como efetivamente fazem uso dessas estratégias;
- (iii) Envolver ativamente os alunos na aprendizagem das competências;
- (iv) Adaptar as diferentes competências às características da tarefa e ao contexto da disciplina;
- (v) Permitir que os alunos assumam o controlo sobre a escolha da estratégia que vão usar;
- (vi) Exigir que os alunos se automonitorizem (pp.162-163)

Como podemos verificar, a planificação das atividades é fundamental, não só para a melhoria das estratégias de ensino, mas também porque é uma ferramenta que ajuda o professor a clarificar e estruturar o seu pensamento. Acima de tudo, este instrumento deverá respeitar o ritmo de cada criança e ser uma ação partilhada e conjunta entre o educador e o grupo, num ambiente onde se possa expor, debater e negociar ideias. Ambas as partes devem assumir uma participação ativa, reduzindo a ideia de autoridade máxima atribuída ao adulto. Posto isto, Silva et al. (2016), afirmam que “planear não é, assim, prever um conjunto de propostas a cumprir exatamente, mas estar preparado para acolher as sugestões das crianças e integrar situações imprevistas que possam ser potenciadoras de aprendizagem.” (p.15).

É impossível falar do conceito de planificação sem abordar um outro conceito, a avaliação. O termo avaliação refere-se ao processo “de análise e reflexão, no sentido de sustentar as decisões sobre o planeamento (...)” (Silva et al., 2016, p.13). Por isso, planificação e avaliação são interdependentes: a planificação é significativa se for baseada numa avaliação sistemática e a avaliação é útil se influenciar a planificação e a sua concretização (Silva et al., 2016).

A planificação constitui uma ferramenta muito importante, pois permite a organização e adaptação das tarefas ao grupo de crianças, mas a sua utilização só é significativa se refletirmos sobre esta antes, durante e após a sua utilização.

2.3 Planificações em quadro

2.3.1 Planificação de atividade nos 3 anos

Esta atividade foi realizada com o grupo de 3 anos, encontra-se inserida na Área de Expressão e Comunicação, no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita (Quadro 2).

Quadro 2 – Planificação de uma atividade no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Faixa Etária: 3 anos			
Área: Área de Expressão e Comunicação			
Duração	Componentes	Estratégias	Recursos
30 minutos	<ul style="list-style-type: none"> • Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. – Compreender mensagens orais em situações diversas de comunicação. – Desenvolver a consciência fonológica; – Desenvolver a consciência lexical; – Explorar situações em que há repetições de palavras ou sons; – Sequenciar acontecimentos. 	<ul style="list-style-type: none"> – Sentar as crianças em “U” no tapete para uma melhor visualização do livro; – Distribuir um lagarto em feltro a cada criança; – Dialogar com as crianças sobre a lengalenga; – Pedir que se levantem e façam uma roda; – Solicitar que digam um excerto da lengalenga; – Repetir esse excerto pedindo que o digam mais alto e depois mais baixo; – Pedir que se desloquem até às mesas; Distribuir uma folha A4 plastificada a cada uma das crianças e um conjunto de seis lagartos plastificados das cores da lengalenga; – Preencher o último lagarto da lengalenga com plasticina de cores à escolha das crianças; – Pedir ao grupo auxílio para recontar a lengalenga. 	<ul style="list-style-type: none"> – Lengalenga “Lagarto Pintado” em A3; – 27 Lagartos em feltro; – 27 Folhas A4 para realizar a sequência da lengalenga; – 1 Folha em A3 para realizar a sequência em grande; – 27 Conjuntos de 6 lagartos das cores da lengalenga; – 1 Conjunto de 6 lagartos em A3; – Plasticina.
Plano sujeito a alterações.			

Realizei esta atividade com o objetivo de trabalhar com as crianças a linguagem oral e a consciência fonológica relacionando com a aprendizagem das cores. Para isso, utilizei diferentes estratégias, sendo que comecei por entregar a cada elemento do grupo um lagarto feito em feltro, de forma a motivar as crianças para a atividade e dar introdução à lengalenga: “Lagarto Pintado”, adaptada da autora Luísa Ducla Soares. A educação literária é fulcral para um crescimento estético, informado e crítico das crianças. Ela só é possível com textos de qualidade e com uma didática adequada como são o caso da obra de Luísa Ducla Soares, que até aos dias de hoje, prossegue com a publicações de grande qualidade.

Posto isto, e como já foi referido anteriormente, decidi dinamizar para um grupo de crianças com 3 anos a lengalenga —Lagarto Pintado de Luísa Ducla Soares. Esta Lengalenga é uma forma de as crianças aprenderem as cores, pois ao longo da mesma vão surgindo rimas sobre os lagartos das diferentes cores existentes. Para iniciar esta atividade, pedi que identificassem algumas das letras que estavam no título, rapidamente algumas crianças do grupo identificaram as que conheciam, que eram maioritariamente as que pertenciam aos respetivos nomes. Tal como afirmam Silva et al. (2016), “em fases iniciais, as crianças só identificam como palavras as que têm significado para elas (nomes, verbos), só posteriormente consideram os outros tipos (artigos, preposições) (p.65)”. A estratégia utilizada permitiu ao grupo ter mais um contacto com o código escrito de modo a identificar as diferentes letras e perceber que estas juntas formam palavras.

Após esta atividade de identificação das letras fiz a leitura do título, arrastando o meu dedo por baixo do mesmo para que as crianças observassem que a leitura se faz da esquerda para a direita, algo que deve ser constantemente trabalhado para que se vão “ (...) apercebendo de diferentes características da escrita como a sua linearidade, orientação e o tipo de caracteres” (Mata, 2008, p.35).

De seguida, comecei a dizer a lengalenga. As lengalengas constituem um precioso elemento pedagógico-didático. A leitura de lengalengas alimenta nas crianças o gosto pela sonoridade da língua. Segundo Condessa (2009), “a sua memorização e recitação representam importantes exercícios de recepção, produção e criação verbal, frequentemente associados a danças e outros movimentos corporais, e excelentes oportunidades de desenvolvimento da consciência linguística das crianças (...) ” (p.6). Na mesma linha de pensamento Magalhães (2008) afirma que “(...) a utilização de rimas da tradição oral converte-se num precioso trabalho de treino das competências fonéticas (particularmente no uso de trava-línguas, da concentração (especialmente com lengalengas), tornando-se um instrumento eficaz para um imprescindível trabalho de memorização (p.63)”. Depois de trabalhar muito este tipo de rimas, facilmente se passa para o poema de autor, fundamental para a construção do futuro leitor de poesia, devendo este ser descoberto ainda no Jardim de Infância.

Ao longo da lengalenga, questionei as crianças sobre palavras que terminassem com o mesmo som, trabalhando desta forma a consciência fonológica. Segundo Silva et al. (2016), a consciência fonológica refere-se à capacidade para identificar e manipular elementos sonoros, e está também “relacionada com a aprendizagem da leitura, podendo considerar-se que esta relação é recíproca e interativa, pois tanto a capacidade de análise do oral é importante para o processo de codificação da escrita, como este processo promove o desenvolvimento de níveis de análise fonológica cada vez mais elaborados.” (p.64). A cada quadra da lengalenga solicitava ao grupo que fizessem uma “magia” para que em conjunto indicassem a cor do lagarto a que se referia a quadra em questão.

Normalmente, as crianças encaram as lengalengas como uma espécie de jogo, graças às suas rimas e ritmos intensos, facilitando a aprendizagem. Após a dinamização da lengalenga comecei a cantar uma música para que ao som da canção o grupo começasse a formar uma roda.

Esta atividade é muito utilizada no dia a dia das crianças, constituindo como uma abordagem que dá continuidade às emoções e afetos vividos (Silva et al., 2016).

Com as crianças em roda pedi que em conjunto dissessem uma quadra da lengalenga. O grupo fê-lo com o meu auxílio pois, tal como refere Condessa (2009), “a estrutura formal simples, repetitiva, de ritmo binário, ternário ou quaternário, das rimas e outros jogos de sonoridade característicos das lengalengas constitui para as crianças um convite à repetição e à imitação” (p.10).

Depois destas estratégias de aprendizagem da lengalenga, cada criança tinha em cima da mesa uma folha plastificada e imagens dos lagartos com as diferentes cores. O objetivo era a organização dos lagartos por cores, pela ordem de aparecimento na lengalenga. Através desta estratégia de sequenciação a criança revela que compreendeu a sequência da narrativa, e que a reconstruiu mentalmente.

A última atividade a planeada era o preenchimento do último lagarto da lengalenga com plasticina de diferentes cores. Contudo, apesar de estar tudo preparado e organizado nas mesas junto das crianças, esta atividade não chegou a ser executada por falta de tempo. Com esta situação aprendi que posso melhorar a gestão de tempo ou alterar a planificação.

Segundo Magalhães (2008) “toda esta propedêutica do acto de ler possibilitará (...) mais uma harmoniosa e facilitada entrada no mundo da alfabetização e da consequente entrada nos domínios da leitura (p.63)”. Ao realizar esta atividade senti que dei oportunidade às crianças de alargarem o seu vocabulário e linguagem oral. Ao lermos estamos a proporcionar-lhes um momento divertido, descontraído, de contacto com novas palavras e, acima de tudo, a desenvolver o gosto pela leitura, que deverá de ser um dos principais objetivos dos Educadores, para que mais tarde faça parte da rotina. A leitura está ainda associada à aquisição de hábitos (Magalhães, 2008 p.58), como tal, a literatura infantil deve fazer parte do dia-a-dia destas crianças.

2.3.2 Planificação de atividade nos 3 anos

Esta atividade foi realizada com o grupo de 3 anos, insere-se na Área de Expressão e Comunicação, no Domínio da Matemática (Quadro 3).

Quadro 3 – Planificação de uma atividade no Domínio da Matemática.

Faixa etária: 3 anos			
Área: Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática;			
Duração	Componentes	Estratégias	Recursos
30 minutos	<ul style="list-style-type: none"> • Números e Operações: – Contagens; – Sequências. 	<ul style="list-style-type: none"> – Iniciar a atividade realizando um comboio e cantar a música ” De que cor é um beijinho?”; – Sentar as crianças nos respetivos lugares nas mesas; – Entregar um “beijinho” (coração) amarelo a cada criança e promover um momento lúdico com este; – Apresentar o fantoche “Minimoni”; – Introduzir o material (corações com as cores do 1.º Dom de Froebel e uma base plastificada); – Identificar as seis cores diferentes dos corações retirando-as da caixa; – Pedir às crianças que coloquem os “beijinhos” (corações) pela ordem apresentada; – Realizar alguns exercícios de lateralização; – Desenvolver o cálculo mental com exercícios de contagens, pedindo que retirem o número de “beijinhos” corações da base de acordo com o número de vezes que a pandeireta for tocada; – Realizar exercícios de sequências de cores; – Promover um momento de exploração com os “beijinhos”; – Pedir o auxílio das crianças para arrumar o material. 	<ul style="list-style-type: none"> – Fantoche “Minimoni”; – 22 “Beijinhos” amarelos; – 22 Bases para a realização de exercícios; – 1 Conjunto de 12 beijinhos (corações) para cada criança; – Base em tamanho A3; – 12 Beijinhos (corações) grandes; – Pandeireta;
Plano sujeito a alterações.			

Esta atividade foi planificada em conjunto com a minha colega de estágio, sendo que esta a iniciou contando a história “De que cor é um beijinho?”, e seguidamente eu realizei uma atividade do Domínio da Matemática que tinha como principal objetivo a realização de exercícios de contagens e sequências com os principais elementos da história, os beijinhos.

Para iniciar esta atividade em conjunto, realizámos um comboio com as crianças e cantámos uma canção enquanto as dirigíamos para as mesas da sala. Segundo Silva et al. (2016) “A abordagem à Música no jardim de infância dá continuidade às emoções e afetos vividos nestas experiências, contribuindo para o prazer e bem-estar da criança” (p.54).

Com as crianças já sentadas nos seus respetivos lugares, distribuí um coração amarelo, e em realizámos alguns exercícios de retorno à calma. Para estabelecer uma ligação com a atividade realizada pela minha colega, utilizei um fantoche de uma das personagens da história contada anteriormente. Este fantoche suscitou bastante interesse e fez com que as crianças se mantivessem atentas e interessadas durante a atividade. Segundo Silva et al. (2016): “A disponibilização de objetos (fantoques de dedo, de luva ou marionetas de vara, etc.) que facilitem a expressão e a comunicação, através de “um outro”, são também um suporte fundamental para atividades de jogo dramático da iniciativa da criança” (p.52). De acordo com Pereira e Lopes (2007) “os fantoches assumem uma importante estratégia para as novas pedagogias (...) (p.42).” No entanto os mesmos autores lamentam a pouca importância dada à educação artística, nomeadamente aos fantoches e formas animadas justificando que a falta de

uso destes objetos se deve à deficiente formação conferida aos Educadores nesta área. Estes objetos “constituem, na atualidade, um importante instrumento de aplicação pedagógica em torno de aprendizagens fundamentais (...) (p.42)” Desenvolvendo nas crianças capacidades como: raciocínio, imaginação, criatividade, observação, confiança, participação, entre muitos outros.

Todas as crianças tinham em cima da mesa uma caixa com corações com as cores do 1.º Dom de Froebel, e uma base plastificada. Comecei por explorar as cores dos corações, retirando da minha caixa um coração de cada vez e pedindo que os colocassem pela ordem que apresentava.

Depois da sequência de cores estar completa, e de já não terem espaço para colocar mais corações, pedi que retirassem para dentro da caixa o primeiro coração que colocámos, o último coração e o que estava entre o coração encarnado e o azul. Realizando desta forma alguns exercícios de lateralização. De acordo com Lorenzato (2006): “além do processo de seriação ser fundamental à formação do conceito de número, ele presta-se também para a introdução de vocábulos específicos, tais como: primeiro, segundo terceiro...” (p.113).

Depois deste exercício de contagens, realizámos em conjunto um exercício de sequências de cores com os corações. Segundo Ferreira (2011, p.19), “é essencial promover experiências de aprendizagem onde as crianças se possam envolver na actividade, partilhar o seu pensamento matemático, manipular os materiais e resolver problemas, contribuindo para o seu crescimento matemático”.

Após a realização de todos os exercícios matemáticos propostos deixei que o grupo de crianças explorasse o material à sua vontade, brincando e realizando diversas construções com os corações. Segundo Cunha (1994, como citado em Caldeira, 2009) “brincar é uma característica primordial na vida das crianças” (p.38). Segundo a autora, a criança deve fazê-lo porque ajuda no seu desenvolvimento, aprende toda a riqueza do aprender fazendo, desenvolve a sociabilidade, aprende a participar nas atividades, pelo prazer de brincar, prepara-se para o futuro, experimentando o mundo em redor e porque este ato é bom e transmite-lhe prazer e felicidade.

Por fim, solicitei a ajuda do grupo de crianças para arrumar o material. Segundo Silva et al. (2016) “esta participação da vida no grupo permite às crianças tomarem iniciativas e assumirem responsabilidades, de modo a promover valores democráticos, tais como a

participação a justiça e a cooperação (p.36)”.Considero que através desta atividade as crianças começam progressivamente a ganhar mais independência e autonomia.

2.3.3 Planificação de atividade nos 4 anos

Esta atividade foi realizada com o grupo de 4 anos e insere-se na Área de Expressão e Comunicação no Domínio da Matemática (Quadro 4).

Quadro 4 – Planificação de uma atividade no Domínio da Matemática

Faixa Etária: 4 anos			
Área: Área de Expressão e Comunicação			
Duração	Componentes	Estratégias	Recursos
30 minutos	<p>• Domínio da matemática:</p> <p>Geometria:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Visualização espacial; <p>Números e Operações:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Sentido de número; - Contagens; - Adição; - Subtração; - Divisão. 	<ul style="list-style-type: none"> - Cantar a canção “Fui ao Jardim Zoológico”; - Sentar no lugar da roda e distribuir os binóculos a cada criança; - Realizar um comboio; - Dar uma volta à sala com o grupo para procurar as cinco imagens de animais escondidas; - Sentar o grupo nos respetivos lugares nas mesas onde já se encontra o material; - Chamar uma criança de cada mesa para trazer os animais escondidos na sala; - Pedir à criança que realize a operação indicada atrás da imagem do animal encontrado; - Associar o resultado à peça do Cuisenaire e colar no placard; - Realizar exercícios de lateralização com imagens de animais e cercas; - Iniciar a atividade de contagens recorrendo à pandeireta; <ul style="list-style-type: none"> • Pedir que coloquem os animais nas cercas de acordo com o número de vezes que foi tocado; • Relacionar o número de animais nas cercas às peças do Cuisenaire; - Realizar operações de adição, subtração e divisão com as imagens de animais; <ul style="list-style-type: none"> • Representar algumas dessas operações no quadro com algarismos móveis; - Deixar as crianças brincarem com o material; - Arrumar o material; 	<ul style="list-style-type: none"> - 24 Binóculos realizados com material reciclado; - Imagens de animais em A4; - Peças do Cuisenaire em tamanho grande; - 24 Grupos de 3 cercas de madeira; - 24 Conjuntos de 10 animais (Gorila, girafa, hipopótamo, leão, elefante); - Cuisenaire; - Algarismos móveis; - Quadro; - Pandeireta;
Plano sujeito a alterações.			

Iniciei esta atividade depois de a minha colega terminar a leitura de um livro álbum, e em conjunto com o grupo de crianças, cantámos uma canção para fazer a transição de uma atividade para a outra. Segundo Hohmann e Weikart (2009, como citados por Seves, 2015), “estes tempos, longe de serem considerados situações secundárias, são vistos (...) como ocasiões para as crianças procederem a tomadas de decisão, efetuarem atividades que impliquem movimento e, ainda, realizarem diversas experiências-chave.” (p.18). Os mesmos autores referem que se essas situações forem simples e derem às crianças a oportunidade de fazerem escolhas sobre o acontecimento seguinte, podem constituir uma forma de facilitar as transições entre atividades, evitando que as crianças façam filas de espera ou tenham de esperar sentadas pela próxima atividade.

Ainda em roda entreguei a cada uma das crianças uns binóculos, e explicando que iríamos fazer uma visita imaginária até ao Zoo e que, com os binóculos colocados, tinham de descobrir os animais que estavam escondidos na sala. O grupo envolveu-se com entusiasmo neste

momento de faz-de-conta e descobriu os animais escondidos. Esta simulação deixou as crianças motivadas e após esta situação todas quiseram participar na atividade. Segundo Silva et al., (2016):

O apoio do/a educador/a ao jogo dramático da iniciativa da criança permite ampliar as suas propostas, de modo a criar novas situações de comunicação, através de uma melhor caracterização dos papéis que está a desempenhar, das ações a desenvolver, permitindo alargar o tempo de envolvimento da criança e a sua expressão verbal.” (p.52)

Já com as crianças sentadas nos respetivos lugares, escolhi algumas para irem recolher os animais escondidos pela sala. Atrás de cada um deles estava a indicação de uma operação que pedi às mesmas para realizarem mentalmente e de seguida associarem o resultado da indicação à peça do Cuisenaire que estava colada num placard juntamente com outros animais. Aproveitei a exposição dos animais no placard para questionar o grupo sobre quais as espécies ali expostas, assim como a classe a que pertenciam.

Seguidamente, introduzi o material estruturado que iríamos utilizar: o Cuisenaire. As peças do Cuisenaire segundo Caldeira (2009) são “ feitas de um material de fácil manipulação e de cores diferentes de forma a estimular a criatividade e a experimentação.” (p.126). Após algumas questões sobre o material estruturado, apresentei o material não estruturado que criei para manipularem nos diferentes exercícios. Este tipo de material segundo Hole (1997, como citado em Caldeira, 2009): “é o material manipulável que surge como aquele, que na sua génese não apresenta uma preocupação em corporizar estruturas matemáticas” (p.16).

Cada criança dispunha de três cercas de madeira e uma caixa com um conjunto de imagens de dez animais. Comecei por ajudar o grupo na identificação da posição das cercas, pedindo que levantassem a mão esquerda e expliquei que a identificaríamos a cerca desse lado, como a cerca da esquerda, realizei o mesmo processo para a cerca do lado direito e disse que a cerca que se encontrava no meio de ambas a seria identificada como a cerca do meio. Posteriormente iniciei os exercícios de lateralização, pedindo que colocassem nas diferentes cercas (esquerda, direita e do meio) o número de animais que pedisse.

Depois, recorrendo à pandeireta, expliquei ao grupo que teriam de colocar tantos animais dentro das cercas quantas vezes a pandeireta fosse tocada. A utilização de um instrumento musical cativou desde logo o grupo de crianças, e fez com que estes participassem mais ativamente, o facto de ter solicitado a participação de uma das crianças para tocar a pandeireta

foi bastante positivo para esta atividade, tal como afirmam Silva et al. (2016), “o/a educador/a poderá em conjunto com as crianças encontrar uma notação não convencional para ler e expressar ideias musicais (sequências de intensidade, sequências de sons curtos e longos, etc).” (p.55).

Após preenchermos as três cercas crianças tiveram de associar o número de animais às peças do Cuisenaire, juntá-las pelas extremidades e verificar qual a peça que sozinha completava o comprimento das três. Recorrendo aos animais, foi ainda realizado um exercício de subtração e por último um exercício de divisão.

Para além de trabalharem no lugar pedi a algumas crianças para representarem no quadro algumas das operações. Considero que representar e comunicar o pensamento matemático é fundamental. Pois a criança deve ser encorajada a explicar e justificar as suas soluções. Silva et al. (2016), afirmam que “comunicar os processos matemáticos que desenvolve ajuda a criança a organizar e sistematizar o seu pensamento e a desenvolver formas mais elaboradas de representação.” (p.75).

Em conclusão, os materiais manipuláveis estruturados e não estruturados são excelentes recursos didáticos, de que os educadores devem usufruir como instrumentos motivadores e para tornar as suas aulas mais estimulantes.

2.3.4 Planificação de atividade nos 4 anos

Estas atividades surgiram na sequência de um dia inteiro programado por mim na sala dos 4 anos (Quadro 5) e pretendiam explorar o tema da plantas.

Quadro 5 – Planificação na Área de Conhecimento do Mundo e Subdomínio das Artes Visuais

Faixa Etária: 4 anos			
Área de Conhecimento do Mundo			
Duração	Componentes	Estratégias	Recursos
1 hora	<ul style="list-style-type: none"> • Área do Conhecimento do Mundo: As plantas: Germinação. – Compreender e identificar características distintas dos seres vivos e reconhecer diferenças e semelhanças entre animais e plantas. 	<ul style="list-style-type: none"> – Mostrar a alfazema; – Mostrar o material a utilizar para semear; – Colocar terra na sementeira; – Fazer pequenos buracos na terra; – Colocar as sementes nos buracos; – Regar; – Distribuir um conjunto de alfazemas a cada mesa; – Pedir que retirem as pétalas das alfazemas; – Realizar o processo de realização dos sabonetes; 	<ul style="list-style-type: none"> – Sementes de Alfazema; – Terra; – Sementeiras; – Regador; – Placas de identificação; – Alfazema – Glicerina; – Formas de plástico;
30 minutos	<ul style="list-style-type: none"> • Subdomínio das Artes Visuais: – Desenvolvimento da criatividade e do sentido estético; 	<ul style="list-style-type: none"> – Distribuir a cada criança um saco de papel e canetas de feltro; – Pedir que decorem o saco distribuído com um desenho alusivo ao tema; 	<ul style="list-style-type: none"> – Sacos de papel; – Canetas de feltro;

Plano sujeito a alterações.

Comecei por mostrar ao grupo de crianças a alfazema, questionando de que planta se tratava. A temática das plantas, na Área do Conhecimento do Mundo, é enquadrada nos conteúdos relativos à área da biologia. Segundo Pereira, Gonçalves e Azeiteiro (2007): “O ensino das ciências tem vindo a procurar dar respostas a todas as mudanças na nossa sociedade e às solicitações dela decorrentes, no sentido de contribuir para uma sociedade mais letrada e mais apta a lidar com a mudança” (p.139). Segundo Silva et al. (2016) existem conteúdos relativos à Biologia como conhecimento dos órgãos do corpo, dos animais, do seu habitat e costumes, de plantas, que podem ser realizadas com crianças de idade pré-escolar. Os animais e plantas são motivo de fascínio para crianças pequenas, despertando-lhes interesse para a exploração de diversos aspetos relacionados com o mundo animal e vegetal.

Seguidamente pedi que observassem o material que tinham nas mesas, e o fossem identificando oralmente. Desta forma a criança contactará com novos vocábulos e alargará o seu vocabulário. Segundo Silva et al. (2016) “cabe ao/a educador/a alargar intencionalmente as situações de comunicação, em diferentes contextos, com diversos interlocutores, conteúdos e intenções, que permitam às crianças dominar progressivamente a comunicação como emissores e como recetores” (p.19). Depois de todos observarem os materiais expliquei o procedimento a realizar para que semeassem as sementes de alfazema. Para esta atividade as crianças puderam trabalhar em grupo e , cada elemento ficaria responsável por uma tarefa: colocar terra, fazer pequenos buracos na terra, colocar as sementes nos buracos e regar.

Segundo Martins et al. (2007), a germinação de sementes costuma constituir uma atividade proporcionada na educação Pré-Escolar que pode ser usada, quando enquadrada, numa metodologia de descoberta para promover oportunidades de aprendizagem. A experiência proporcionada ao grupo de crianças permitiu com que estes contactassem diretamente com a terra e se envolvessem ativamente no processo de semear. Segundo Pereira et al. (2007) uma estratégia de aprendizagem que exija possibilita aos alunos uma atitude ativa em vez de passiva, e que permita aprender melhor com a experiência direta , pode ser designada como atividade prática.

Após a realização deste processo, cada grupo tinha uma placa de identificação com a cor da mesa onde se encontrava, com o nome científico da planta e o seu nome comum. Para terminar este processo, um elemento de cada grupo foi colocar o vaso num sítio específico da

sala com a iluminação necessária para o futuro desenvolvimento da planta. De acordo com Martins et al. (2007):

(...) Algumas crianças, particularmente as mais novas, pensam que as sementes não carecem de necessidades especiais para a sua germinação. Outras entenderão que só algum ou alguns dos factores externos (luz, temperatura, água, tipo de solo, ...) são indispensáveis à germinação e ao crescimento das plantas (p.12).

Esta atividade, como já foi referido anteriormente proporcionou o contacto direto com tanto com as sementes de alfazema, como com a planta. Silva et al. (2016) referem que o contacto e a observação com os seres vivos são experiências estimulantes para as crianças porque proporcionam oportunidades de estimulação à curiosidade e de reflexão. “Este conhecimento poderá promover o desenvolvimento de uma consciencialização para a importância do papel de cada um na preservação do ambiente e dos recursos naturais” (Silva et al., 2016, p.90).

Seguidamente, distribuí a cada criança uma planta de alfazema e deixei-as explorá-la. Pedi ao grupo que recorrendo ao sentido do olfacto a cheirasse, e em grande grupo falámos um pouco sobre as suas características e utilidade. Expliquei que poderiam ser realizados sabonetes com as pétalas destas plantas aromáticas e que era esse o processo que iríamos realizar. Mostrei e falei um pouco dos materiais que iríamos precisar (pétalas de alfazema, glicerina e formas de plástico).

Primeiramente pedi que as crianças retirassem as pétalas da planta, e que em pequenos grupos as colocassem dentro das formas que iríamos utilizar para a realização dos sabonetes. Depois de colocarem as pétalas nas formas, juntei a glicerina e expliquei que teríamos de esperar que a glicerina solidificasse. Quinta e Costa (2007) afirmam que “só a realização de experiências e a manipulação de materiais permitem às crianças uma melhor aquisição dos conceitos” (p.55).

Enquanto isso, distribuí às crianças um saco de papel e pedi que fossem buscar as suas canetas de feltro para que decorassem o saco onde iriam levar os seus sabonetes. De acordo com Silva et al. (2016) “o desenho de um objeto pode substituir uma palavra, uma série de desenhos permite “narrar” uma história ou representar os momentos de um acontecimento” (p.69). Algumas crianças fizeram desenhos sobre a história que ouviram na parte da manhã, e as respetivas personagens enquanto outras se desenharam a semear a alfazema.

2.3.5 Planificação de atividade nos 5 anos

Esta atividade foi realizada com o grupo de 5 anos e insere-se na Área de Expressão e Comunicação no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e na Área Conhecimento do Mundo (Quadro 6).

Quadro 6 – Planificação de uma atividade no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e na Área de Conhecimento do Mundo

Faixa Etária: 5 anos			
Área de Expressão e Comunicação e Área de Conhecimento do Mundo			
Duração	Componentes/ Conteúdos	Estratégias	Recursos
1 hora	<ul style="list-style-type: none"> • Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita: <ul style="list-style-type: none"> – Desenvolver a consciência fonológica; – Desenvolver a consciência lexical; – Reconhecer letras e aperceber-se da sua organização em palavras. – Desenvolver a motivação para a leitura e escrita; 	<ul style="list-style-type: none"> – Sentar as crianças em “U” no chão nas almofadas; – Distribuir os animais da história “O leão que não sabia escrever” e cartas a algumas crianças; – Contar a história recorrendo a um placard e animais em feltro; – Chamar a criança que possui a carta e o animal da história; – Questionar as crianças sobre a história; – Ler a carta que o Leão “enviou” para o Bibe Azul; – Sentar as crianças nos respetivos lugares; – Distribuir uma folha a cada criança; – Pedir que ordenem as letras móveis (distribuídas previamente) formando duas palavras (Olá leão); – Levar um grupo de crianças à Cartilha Maternal; – Corrigir individualmente as palavras ordenadas; – Pedir a uma criança que organize no quadro as palavras pedidas; 	<ul style="list-style-type: none"> – Almofadas; – Placard em feltro; – Animais em feltro; – Cartas dos animais; – 25 Folhas para escrever a carta; – Letras móveis; – Lápis de carvão;
	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecimento do Mundo: <ul style="list-style-type: none"> – Meios de Comunicação: A Carta 	<ul style="list-style-type: none"> – Questionar o grupo e explicar para quê que a carta é utilizada; – Mostrar outros meios de comunicação numa apresentação em <i>Powerpoint</i>; – Explicar os componentes necessários a colocar num envelope; – Organizar um envelope com os mesmos; – Pedir que criem um selo, fazendo uma ilustração; – Simular a entrega da carta no Marco do Correio; – Explicar o percurso da carta até chegar ao leão; – Fazer uma roda e cantar a música “Papagaio Loiro”; 	<ul style="list-style-type: none"> – Computador; – Projetor; – 25 Envelopes; – Selos de várias cores; – Lápis de cor; – Marco do Correio;
Plano sujeito a alterações.			

A atividade que realizei com o grupo tinha como principais objetivos trabalhar o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e ainda a Área de Conhecimento do Mundo relacionando com o tema os Meios de Comunicação, e para tirar um melhor proveito da atividade decidi centrá-la na Carta.

Para iniciar esta atividade coloquei o grupo sentado em U em cima das almofadas no chão recorri a esta estratégia porque para precisava que o grupo estivesse concentrado e participasse ativamente na história. Curry (2003) afirma que: “Sentar em forma de U ou em círculo aquietam o pensamento, melhora a concentração, diminui a ansiedade dos alunos. O clima torna-se agradável e a interação social dá um grande salto em frente” (p.125).

A história que contei ao grupo de 5 anos chamava-se “O leão que não sabia escrever”, para a contar utilizei um placard com o cenário onde se iria passar a história. Contar e ler histórias na educação pré-escolar é de extrema relevância pois, é um momento que desperta o interesse das crianças, independentemente da idade. De acordo com o Mata (2008): “é indiscutível e de largo consenso a importância da prática de leitura de histórias, enquanto atividade regular, agradável e que proporciona interações e partilha de ideias, concepções e vivências.” (p. 78).

Com as crianças em roda distribuí um animal de feltro e cartas a algumas das crianças, explicando que nem todos iriam receber um objeto para participar na história mas em outro momento da atividade todos iriam ter oportunidade de participar. À medida que ia contando a história e os animais iam aparecendo, as crianças que os tinham colocá-los no placard. Assim como as que tinham cartas com um selo com a imagem de um animal, levantavam-se, e com a minha ajuda liam a saudação que esse animal escrevera para o leão. Ruivo (2009), refere que a criança deve aprender a ler desde o primeiro dia em que entra no jardim-de-infância, e acrescenta “não ser relevante a idade em que se aprende formalmente a ler.” (p.57). A autora pretende com isto dizer que ao entrar no educação Pré-Escolar a criança deve ficar tão exposta a instrumentos e estratégias de tal maneira promotores da leitura que ela fará, ao seu ritmo, a aquisição dessa competência. À medida que a história decorria as crianças também eram incentivadas a fazer os diversos sons dos animais. De acordo com Pimentel (2017):

É relevante refletir sobre a importância de ler/contar e dinamizar histórias para e com as crianças desde a mais tenra idade, pois irá contribuir para o desenvolvimento social e cognitivo da criança. De forma a proporcionar momentos de interação entre adulto-criança, esta deve ser convidada e incentivada a participar, tornando assim estes momentos mais prazerosos e ativos para a criança. (p.4).

Ainda com as crianças sentadas nas almofadas, fui buscar uma carta ao parapeito da janela, que simulei ter sido o carteiro a ir lá deixar. Perguntei ao grupo de quem achavam que poderia ser a carta, ouvi o que o grupo de crianças pensava e depois disse de quem era efetivamente a carta, que era do leão, o protagonista da história. Sugeri que escrevêssemos uma carta destinada ao leão, e para facilitar esta tarefa, o texto da carta já estava escrito, tendo as crianças de organizar a saudação inicial com letras móveis e escrever a sua assinatura no final. Segundo Silva et al. (2016), “(...) aprender a escrever o seu nome tem um sentido afetivo para a

criança, permitindo-lhe fazer comparações entre letras que se repetem noutras palavras e aperceber-se de que o seu nome se escreve sempre da mesma maneira.” (p.70).

Enquanto realizavam este trabalho, expliquei que iria levar alguns meninos à Cartilha Maternal, e as professoras que estavam a avaliar a atividade escolheram uma criança e a lição que iria dar. O grupo nas mesas trabalhava autonomamente e num momento descontraído e bastante alegre, dirigi-me à Cartilha Maternal com uma criança. A lição que teria de dar era a da letra /g/ e realizei a leitura preparatória. Ruivo (2009) considera que: “é muito importante, nesta fase, que façamos com a criança a leitura preparatória, repetindo as regras e convidando-a a reflectir e analisar o impresso antes de responder.” (p.171). Depois desta preparação para a leitura a criança conseguiu ler a palavra “guloso”. Posteriormente, explorei com a criança a palavra pedindo que esta a tentasse fazer uma frase, esta estratégia é imprescindível, a autora Ruivo (2009) assegura que: “permite desenvolver o vocabulário activo e passivo da criança.” (p.171).

Seguidamente, passámos à parte do Conhecimento do Mundo, onde visualizámos um *PowerPoint* com diversos meios de comunicação sociais e pessoais, envelopes aéreos e terrestres. Deixei o grupo de crianças falarem sobre as suas vivências e experiências sobre este tema. Ainda no *PowerPoint* expliquei o que era o remetente e o destinatário e passámos à parte prática, pedi a um dos chefes que distribuísse um envelope a cada criança e com o material que já dispunham em cima da mesa (saco com duas etiquetas: uma com a morada do remetente e outra com a morada do destinatário), o objetivo era depois da explicação que dei e ao visualizarem o *PowerPoint* colarem as etiquetas no local correto do envelope. Depois desta primeira fase a proposta seguinte era ilustrarem um selo e colarem-no no local correto.

Ao verificar que o tempo da atividade estava a chegar ao fim, alterei um pouco a estratégia inicial e em vez de cantar a música “Papagaio Loiro” em roda coloquei-a enquanto o grupo fazia a ilustração do selo como música ambiente. Esta estratégia segundo Curry (2003), faz com que a criança desacelere o pensamento, alivie a ansiedade, melhore a concentração e desenvolva o prazer de aprender. O mesmo autor afirma que: “A música ambiente deveria ser usada desde a mais tenra infância em casa e na sala de aula.” (p.122).

Ao concluírem estas atividades o objetivo seria em conjunto irmos até a um marco de correio construído por mim, que se encontrava à entrada da escola, mas o tempo da minha atividade avaliada acabou e por isso só realizei esse passo na parte da tarde.

2.3.6 Planificação de atividade nos 5 anos

Esta atividade foi realizada com o grupo de 5 anos e insere-se na Área do Conhecimento do Mundo (Quadro 7).

Quadro 7 – Planificação de uma atividade na Área do Conhecimento do Mundo

Faixa Etária: 5 anos			
Área de Expressão e Comunicação e Área de Conhecimento do Mundo			
Duração	Conteúdos	Estratégias	Recursos
1 hora	<p>• Conhecimento do Mundo:</p> <p>– Os animais: Répteis- A Tartaruga.</p>	<p>– Sentar as crianças no chão para visualizarem a tartaruga;</p> <p>– Partir das concepções prévias dos alunos, perguntando o que sabem sobre a tartaruga;</p> <p>– Mostrar uma tartaruga real;</p> <p>– Organizar as crianças em pequenos grupos para que observem a tartaruga mais de perto;</p> <p>– Sentar as crianças nos respetivos lugares;</p> <p>– Projetar um <i>PowerPoint</i> sobre as tartarugas;</p> <p>– Distribuir uma placa encarnada e uma verde a cada criança;</p> <p>– Realizar um jogo interativo de perguntas e respostas em que as crianças deverão responder através das placas;</p> <p>– Mostrar às crianças um vídeo sobre o desenvolvimento e vida das tartarugas.</p>	<p>– Computador;</p> <p>– Projetor;</p> <p>– Tartaruga;</p> <p>– <i>PowerPoint</i>;</p> <p>– Um conjunto de duas placas (verde e encarnada) para cada criança.</p>
Plano sujeito a alterações.			

Esta atividade surgiu na sequência de uma atividade de dia inteiro, foi realizada com o intuito de dar a conhecer ao grupo de crianças a classe dos répteis mais concretamente as tartarugas. Iniciei a atividade preparando o espaço para receber o grupo, primeiramente coloquei-os sentados em semicírculo no chão em cima das almofadas. Depois de ter o espaço preparado, relembrei as crianças sobre a história lida pela manhã e apelando à sua memória questionei o grupo sobre quais os animais que lá apareciam. As crianças colocando os dedos no ar, foram proferindo os animais que se lembravam. Foi então que para testar os seus conhecimentos sobre as diferentes classes dos animais relatei que íamos falar mais aprofundadamente do único animal da história que pertencia à classe dos répteis. E posto isto, todos quiseram participar e dizer o nome do animal que íamos falar: a tartaruga.

As crianças ao constatarem que iríamos abordar este animal ficaram entusiasmadas. Os animais são um tema que provoca nas crianças um grande interesse pois fazem parte do dia-a-dia delas, através de um contacto mais ou menos direto, quer seja em casa, no Jardim Zoológico, na quinta ou através de histórias.

Segundo Martins et al. (2009):

Animais e plantas com cores e formas diversificadas que sofrem mudanças ao longo do tempo ou com o passar das estações são motivo de fascínio para crianças pequenas, despertando-lhes muito naturalmente o interesse para a exploração de diversos aspectos relacionados com o mundo animal e vegetal. (p.79)

Ainda na mesma linha de pensamento Silva et al. (2016), expõem a ideia de que: “a exploração do meio próximo da criança tem para esta um sentido afetivo e relacional, que facilita a sua compreensão e apreensão e também proporciona a elaboração de quadros explicativos para compreender outras situações mais distantes” (p.85). Por ser um tema que todas as crianças ouvem falar é por isso imperativa a sua abordagem em jardim-de-infância.

Numa conversa, decidi então ouvir as concepções prévias que as crianças tinham sobre este animal, deixei o grupo falar ouvindo quase todas as crianças que desejam intervir. Ouvir as crianças sobre aquilo que já sabem é de extrema importância pois permite ao educador verificar os conhecimentos do grupo e adequar as suas estratégias às atividades que visa desenvolver. Para as crianças torna-se uma estratégia fundamental, pois permite o confronto das suas ideias iniciais com aquilo que realmente aprenderam. Martins et al. (2009), reforçam a ideia, dizendo que existe: “(...) a necessidade de o(a) educador(a) estar atento às ideias prévias que as crianças manifestam em relação aos fenómenos que observam e de as considerar como ponto de partida para as novas situações de aprendizagem” (p.19).

Posteriormente à conversa sobre quais os conhecimentos das crianças sobre este animal, em jeito de brincadeira questionei se achavam que conseguiria fazer aparecer uma tartaruga dentro da nossa sala e solicitei que tapassem os olhos pois tinha trazido uma surpresa para eles. Coloquei a tartaruga no centro do semicírculo e deixei as crianças em pequenos grupos virem observar a tartaruga. Este tempo de trabalho em pequenos grupos constitui para as crianças um momento de partilha e de aprendizagem fundamental em idade pré-escolar, Silva et al., (2016) corroboram a ideia afirmando:

O trabalho entre pares e em pequenos grupos, em que as crianças têm oportunidade de confrontarem os seus pontos de vista e de colaborarem na resolução de problemas ou dificuldades colocadas por uma tarefa comum, alarga as oportunidades educativas, ao favorecer uma aprendizagem cooperada em que a criança se desenvolve e aprende, contribuindo para o desenvolvimento e para a aprendizagem das outras (p.25).

Em conjunto com as crianças, organizei o espaço da sala, pedindo que arrumassem as almofadas e que se sentassem nos seus lugares nas mesas. Passei à projeção de um *PowerPoint*. As TIC possibilitam dar resposta, de forma rápida, à grande curiosidade das crianças, permitindo abrir a porta da sala de atividades a todo um leque de conhecimentos. Segundo Papert (1996, citado por Laranjeiro, Antunes & Santos, 2017): “A tecnologia, em particular o computador, pode ser usada para construção do conhecimento, pois oferece inúmeras possibilidades de aprendizagem sobre o mundo envolvente” (p.225). A projeção continha as principais características das tartarugas como: a sua classe, habitat, constituição, alimentação, reprodução, tamanho e o risco de extinção. A cada slide parávamos e conversávamos um pouco mais sobre o que este relatava.

Após a visualização das características das tartarugas, recorri a um jogo lúdico em que cada criança dispunha de duas placas (uma de cor verde e outra encarnada), o objetivo do jogo era verificar os conhecimentos das crianças após a visualização do *PowerPoint*. Em projeção eram apresentadas várias perguntas, e um cronómetro que marcava dez segundos, após esses dez segundos o grupo tinha de levantar a placa verde se a resposta fosse afirmativa ou a placa encarnada caso a resposta fosse negativa. Segundo Silva et al. (2016), “o jogo constitui um recurso educativo, que é apresentado de forma atrativa e tem em conta os interesses, motivações e propostas das crianças.” (p.44). Quando se trabalha a ludicidade e o jogo, desenvolvemos diversas potencialidades como a criatividade, o prazer, a interação a cooperação, entre outros. Este tipo de atividades podem então ser muito estimulantes e um ótimo recurso pedagógico, mas o educador terá de ser o principal impulsionador.

Para finalizar a atividade coloquei um vídeo onde mostrava o desenvolvimento de uma tartaruga e ainda todas as dificuldades que esta passa ao longo da vida por causa da atividade do ser humano. Com este vídeo penso que sensibilizei as crianças para as questões ambientais que afetam a vida dos animais marinhos. A visualização e contacto com situações reais “poderá promover o desenvolvimento de uma consciencialização para a importância do papel de cada um na prevenção do ambiente e dos recursos naturais” (Silva et al., 2016, p.90).

Terminei a atividade, sentindo que o grupo de crianças gostou de conhecer este animal e acima de tudo de ter participado no jogo, porque após o término deste, todos desejavam jogar mais.

Capítulo 3 – Dispositivos de avaliação

3.1 Descrição do capítulo

Este capítulo tem, como principal objetivo aprofundar o tema da avaliação e refletir sobre a sua importância. Encontra-se dividido em duas partes, a primeira apresentará a fundamentação teórica, a segunda parte consistirá na apresentação de três dispositivos de avaliação, que são compostos pela contextualização das atividades, a descrição dos parâmetros, os critérios de avaliação e, por fim, a apresentação e a análise dos resultados. Os dispositivos foram todos aplicados em propostas de atividades realizadas durante o estágio na Educação Pré-Escolar.

3.2 Fundamentação Teórica

O sucesso escolar determina em grande parte a vida futura dos alunos, sendo que uma parte desse sucesso depende das avaliações feitas pelos professores. De acordo com Sanches (2003), um dos grandes problemas associados ao termo avaliação é a sua polissemia. Também Lopes e Silva (2016) consideram que “a palavra avaliação tem múltiplos significados que dependem das diferentes perspetivas e contextos a partir dos quais se aborda o termo” (p.1). Para os educadores, avaliar não é fácil, devido à diversidade de opiniões sobre este conceito, de como a avaliação deve ser concretizada/realizada e quais os objectivos que deve englobar.

O termo avaliar, no seu sentido etimológico, remete para a atribuição de um valor, por isso a avaliação é, muitas vezes, entendida como uma classificação da aprendizagem, sendo que algumas perspetivas teóricas a descrevem como juízos de valor (Silva et al, 2016).

Na perspetiva de Pacheco (1996, como citado em Sanches, 2003), “a avaliação apresenta-se como um processo de obtenção de informação, de formulação de juízos e de tomadas de decisões seja qual for a perspetiva que adoptar-mos” (p.112). Neste sentido, a avaliação implica juízos sobre a informação considerada importante para tomar decisões e sobre os critérios a utilizar para obter e valorar a informação (Sanches, 2003).

Na Educação Pré-Escolar, a Circular n.º4/DGIDC/DSDC/2011 define a avaliação como “um elemento integrante e regulador da prática educativa, em cada nível de educação e ensino e implica princípios e procedimentos adequados às suas especificidades” (p.1).

Segundo Cardona (2007), neste contexto de educação, o ato de avaliar, apesar de ter subjacente as mesmas questões que nos outros níveis de ensino, apresenta uma maior especificidade, devido às idades das crianças e à indefinição curricular que caracteriza esta valência. Segundo Silva et al. (2016), a definição de avaliação realça, que na Educação Pré-Escolar a avaliação “não envolve nem a classificação da aprendizagem da criança, nem o juízo de valor sobre a sua maneira de ser, centrando-se na documentação do processo e na descrição da sua aprendizagem, de modo a valorizar as suas formas de aprender e os seus progressos” (p.15). Pretende-se que o educador durante o processo de avaliação avalie o progresso da criança e a sua aprendizagem ao longo do tempo, através de registo de observação e recolha de documentos. A partir desta perspetiva, o educador constrói “uma avaliação para a aprendizagem e não da aprendizagem” (Silva et al., 2016, p.16).

Gradualmente, todos os intervenientes do processo educativo aperceberam-se que na Educação Pré-Escolar o processo de avaliação constitui um elemento importante. De acordo com Fisher (2004, como citado em Marchão & Fitas, 2014), “a avaliação formativa é um processo de parceria, onde devem estar envolvidos todos os que conhecem a criança”. Só avaliando a evolução, o desenvolvimento, as competências, os conhecimentos e a aquisição de novas aprendizagens das crianças é que se poderá avaliar a prática pedagógica e qual o seu impacto nas crianças” (p. 25).

A Educação Pré-Escolar contempla dois tipos de avaliação: a avaliação diagnóstica e a avaliação formativa. A avaliação diagnóstica, nesta dimensão, é normalmente realizada quando se inicia uma nova etapa formativa ou em determinadas atividades. Este tipo de avaliação permite obter informação sobre as competências e saberes dominados pelas crianças, em relação às propostas que se pretendem desenvolver. Sanches (2003) salienta a importância da avaliação diagnóstica afirmando que “a avaliação diagnóstica ganha ainda mais pertinência, se considerarmos que, quanto mais cedo as dificuldades forem identificadas, mais probabilidades existem de serem superadas pelas crianças” (p.115).

Já a avaliação formativa, segundo Lopes e Silva (2016), é “um processo frequente, contínuo e dinâmico que envolve professores e alunos numa relação de cooperação, com vista a recolherem dados sobre a aprendizagem” (p.7). Sanches (2003) acrescenta que este processo “envolve todo o conjunto de elementos informativos, que o educador e as crianças vão

fornecendo uns aos outros e cuja influência é determinante no processo de aprendizagem” (p.116). Ambos os intervenientes do processo utilizam os dados obtidos para tomar decisões sobre que ações tomar para uma melhor aprendizagem futura.

Concluindo, de acordo com a Circular n.º 4/DGIDC/2011, a avaliação na Educação Pré-Escolar assume uma dimensão marcadamente formativa desenvolvendo-se num “processo contínuo e interpretativo que procura tornar a criança protagonista da sua aprendizagem, de modo a que vá tomando consciência do que já conseguiu, das dificuldades que vai tendo e como as vai ultrapassando” (p.1).

No que diz respeito aos princípios que a avaliação deve seguir, salientam-se: o carácter holístico e contextualizado do processo de desenvolvimento e de aprendizagem; a coerência entre os processos de avaliação e os princípios subjacentes à organização e à gestão curricular definidos nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar; a necessidade de se utilizar diferentes técnicas e instrumentos de observação e de registo; o carácter formativo; a necessidade de valorizar os progressos das crianças; e a necessidade de promover a igualdade de oportunidades e a equidade (Circular n.º 4/DGIDC/2011).

Os dispositivos de avaliação aplicados neste relatório enquadram-se na avaliação do tipo formativo. Há a pretensão de identificar quais as dificuldades dos alunos e como ajudá-los a progredir. A escala utilizada, baseada na escala de Likert adaptada, compreende uma escala entre 0 e 10 valores, seguindo os seguintes parâmetros:

- ✓ Fraco (de 0 a 2,9 valores)
- ✓ Insuficiente (de 3 a 4,9 valores)
- ✓ Suficiente (de 5 a 6,9 valores)
- ✓ Bom (de 7 a 8,9 valores)
- ✓ Muito Bom (de 9 a 10 valores).

3.3 Avaliação da atividade do Domínio da Matemática

3.3.1 Contextualização da atividade

A proposta de trabalho (Anexo 1) utilizada para este dispositivo de avaliação foi posta em prática no dia de novembro de 2019 num grupo de 25 crianças pertencentes à faixa etária dos 4 anos, das quais apenas 22 estavam presentes e participaram na sua realização. A atividade inseriu-se no Domínio da Matemática e tinha como objetivos perceber se as crianças conhecem as figuras geométricas, algumas cores, assim como o seu grau de desenvolvimento na motricidade fina. Antes de entregar a proposta de trabalho ao grupo de crianças realizei uma pequena introdução sobre figuras geométricas.

3.3.2 Descrição dos parâmetros e dos critérios de avaliação

Nesta atividade foram aplicados os seguintes critérios de avaliação:

- ✓ Identificação do triângulo: Este parâmetro pretende reconhecer se a criança consegue ou não identificar os triângulos, pintando-os de acordo com a cor pré-estabelecida. Para este parâmetro foram estabelecidos três critérios:
 - Pinta cinco triângulos;
 - Pinta três a quatro triângulos;
 - Pinta um triângulo;
 - Resposta Incorreta.

- ✓ Identificação do círculo: Este parâmetro pretende reconhecer se a criança consegue ou não identificar os círculos, pintando-os de acordo com a cor pré-estabelecida. Para este parâmetro foram estabelecidos três critérios:
 - Pinta quatro círculos;
 - Pinta dois a três círculos;
 - Pinta um círculo;
 - Resposta Incorreta.

✓ Identificação do quadrado: Este parâmetro pretende reconhecer se a criança consegue ou não identificar os quadrados, pintando-os de acordo com a cor pré-estabelecida. Para este parâmetro foram estabelecidos três critérios:

- Pinta cinco quadrados;
- Pinta três a quatro quadrados;
- Pinta um a dois quadrados;
- Pinta um quadrado;
- Resposta Incorreta.

✓ Identificação do retângulo: Este parâmetro pretende reconhecer se a criança consegue ou não identificar os retângulos, pintando-os de acordo com a cor pré-estabelecida. Para este parâmetro foram estabelecidos três critérios:

- Pinta cinco retângulos;
- Pinta três a quatro retângulos;
- Pinta um a dois retângulos;
- Resposta Incorreta.

✓ Utilização de numerais escritos para representação da quantidade de figuras geométricas: Com este parâmetro é pretendido que a criança consiga representar o algarismo através da escrita. Foram definidos três critérios.

- Representa o algarismo 4;
- Representa o algarismo 5;
- Resposta Incorreta.

✓ Motricidade fina: Este parâmetro consiste na avaliação da destreza manual fina da criança, examinando se ela respeita ou não os contornos da figura. Os critérios estabelecidos para este parâmetro foram:

- Pinta respeitando os limites.
- Pinta maioritariamente respeitando os limites;
- Nunca pinta respeitando os limites.

No quadro seguinte (Quadro 8) são apresentados os parâmetros, critérios e cotações.

Quadro 8 – Cotação dos critérios de avaliação da proposta de trabalho do Domínio da Matemática – 4 anos

Parâmetros	Critérios		Cotação
1. Identificação do triângulo	1.1 Pinta 5 triângulos	2	2
	1.2 Pinta 3 a 4 triângulos	1	
	1.3 Pinta 1 a 2 triângulos	0,5	
	1.4 Resposta incorreta	0	
2. Identificação do círculo	2.1 Pinta 4 círculos	2	2
	2.2 Pinta 2 a 3 círculos	1	
	2.3 Pinta 1 círculo	0,5	
	2.4 Resposta incorreta	0	
3. Identificação do quadrado	3.1 Pinta 5 quadrados	2	2
	3.2 Pinta 3 a 4 quadrados	1	
	3.3 Pinta 1 e 2 quadrados	0,5	
	3.4 Resposta incorreta	0	
4. Identificação do retângulo	4.1 Pinta 5 retângulos	2	2
	4.2 Pinta 3 a 4 retângulos	1	
	4.3 Pinta 1 a 2 retângulos	0,5	
	4.4 Resposta incorreta	0	
5. Utilização de numerais escritos para representação das figuras geométricas	5.1 Representa o algarismo 4	0,5	1
	5.2 Representa o algarismo 5	0,5	
	5.3 Não representa nenhum algarismo	0	
6. Motricidade fina	6.1 Pinta respeitando os limites	1	1
	6.2 Pinta maioritariamente respeitando os limites	0,5	
	6.3 Nunca pinta respeitando os limites	0	
Total			10

3.3.3 Apresentação e análise dos resultados

Após a análise do dispositivo de avaliação do Domínio da Matemática (Anexo 1), realizada a um grupo de 22 crianças de 4 anos de idade, posso constatar que os resultados são bastante positivos (Figura 1). Verifiquei que a avaliação predominante é Muito Bom (68%), sendo que quinze crianças atingiram esse resultado. Nos restantes resultados, Bom e Suficiente, quatro crianças obtiveram Bom (18%) e três crianças obtiveram Suficiente (14%). Assim sendo, a média aritmética obtida pelo grupo é de 8,7 valores, que corresponde a Bom.

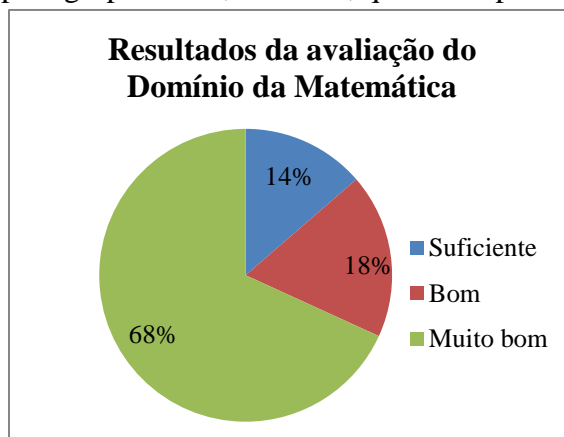


Figura 1 – Resultados da avaliação da atividade do Domínio da Matemática – 4 anos

De uma forma geral, o grupo aderiu muito bem a esta atividade, revelando um grande à vontade a trabalhar com as figuras geométricas. Os conceitos geométricos e o raciocínio espacial começam a ser desenvolvidos desde muito cedo, ainda que com ideias muito rudimentares. Na educação Pré-Escolar devem ser realizadas experiências chave para que ao longo dos anos seguintes de ensino a criança o consiga desenvolver por completo. Segundo Mendes e Delgado (2008): “é importante que as crianças sejam envolvidas em actividades nas quais tenham de observar e manipular objectos com várias formas geométricas, de modo a irem desenvolvendo a capacidade de reconhecer essas formas” (p.10). Este tipo de atividades permite que as crianças trabalhem a observação e manipulação de formas geométricas contribui para o desenvolvimento da capacidade de reconhecimento dessas formas.

Poucas foram as crianças que revelaram dificuldades em realizar a atividade proposta. Isto poderá acontecer porque, tal como afirmam Mendes e Delgado (2008), “a experiência mostra que os alunos que revelam mais dificuldades na aprendizagem da Matemática, por vezes, melhoram o seu desempenho quando se envolvem em actividades de natureza geométrica”(p.9).

Ao analisar a grelha de avaliação (Anexo 2) desta proposta de trabalho verifiquei que os parâmetros que as crianças tiveram mais dificuldade foram os dois últimos. No parâmetro que correspondia à utilização de numerais escritos para representação das figuras geométricas, quatro crianças não conseguiram obter qualquer cotação, e o mesmo se verificou para o parâmetro da motricidade fina. Assim concluo que será importante realizar atividades que permitam desenvolver a motricidade fina.

3.4 Avaliação da atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

3.4.1 Contextualização da atividade

A proposta de atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita (Anexo 3) foi aplicada no dia 17 de dezembro de 2019, a um grupo de 24 crianças de 5 anos, mas apenas 14 a realizaram. O dispositivo de avaliação foi aplicado por mim, e continha quatro exercícios. O primeiro exercício consistia na identificação do grafismo da letra /f/ quando este se encontra entre outros grafemas, o segundo pretendia a associação de imagens à palavra, o terceiro

exercício realizado era a leitura de uma frase e análise da caligrafia. Por último, o quarto consistia na identificação silábica.

3.4.2 Descrição dos parâmetros e dos critérios de avaliação

Para esta atividade foram definidos 3 parâmetros:

✓ Identificação do grafema da letra /f/: Este parâmetro pretende avaliar se a criança consegue identificar o grafema da letra /f/ quando este se encontra entre outros grafemas.

Para este parâmetro foram definidos cinco critérios:

- Circunda todos os grafemas da letra /f/;
- Circunda 5 grafemas da letra /f/;
- Circunda 4 grafemas da letra /f/;
- Circunda 3 grafemas da letra /f/;
- Circunda 2 grafemas da letra /f/;
- Circunda 1 grafemas da letra /f/;
- Resposta incorreta.

✓ Associação da imagem à palavra: Este parâmetro pretende avaliar se a criança consegue observar a imagem e associá-la à escrita através da leitura. Para este parâmetro foram definidos cinco critérios:

- Pinta a palavra correta para duas imagens;
- Pinta a palavra correta para uma imagem;
- Resposta incorreta.

✓ Leitura de frases:

- Lê a frase sem dificuldade;
- Lê a frase com dificuldade;
- Não lê a frase.

✓ Caligrafia e correção ortográfica:

- Caligrafia legível, regular;
- Caligrafia pouco legível e regular;

– Caligrafia ilegível e irregular.

✓ Identificação das sílabas em quatro palavras: Este parâmetro pretende avaliar se a criança tem a noção de sílaba ao pintar um círculo por cada sílaba existente.

– Pinta corretamente o número de círculos de três imagens;

– Pinta corretamente o número de círculos de duas imagens;

– Pinta corretamente o número de círculos de uma imagem;

– Resposta incorreta.

No quadro seguinte (Quadro 9) são apresentados os parâmetros, critérios e cotações.

Quadro 9 – Cotação dos critérios de avaliação da proposta de trabalho do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita – 5 anos

Parâmetros	Critérios	Cotação	
1. Identificação do grafema da letra /f/	1.1 Circunda todos o grafemas da letra /f/	1,5	1,5
	1.2 Circunda 5 grafemas da letra /f/	1,25	
	1.3 Circunda 4 grafemas da letra /f/	1	
	1.4 Circunda 3 grafemas da letra /f/	0,75	
	1.5 Circunda 2 grafemas da letra /f/	0,5	
	1.6 Circunda 1 grafemas da letra /f/	0,25	
	1.7 Resposta incorreta	0	
2. Associação da imagem à palavra	2.1 Faz a correspondência de 2 imagens à palavra	3	3
	2.2 Faz a correspondência de 1 imagem à palavra	1,5	
	2.3 Resposta incorreta	0	
3. Leitura de frases	3.1 Lê a frase sem dificuldade	1,5	1,5
	3.2 Lê a frase com dificuldade	0,75	
	3.3 Não lê a frase	0	
4. Caligrafia	4.1 Caligrafia legível e regular	1	1
	4.2 Caligrafia pouco legível e pouco regular	0,5	
	4.3 Caligrafia ilegível e irregular	0	
5. Identificação das sílabas em quatro palavras	5.1 Pinta corretamente as sílabas de três palavras	3	3
	5.2 Pinta corretamente as sílabas de duas palavras	2	
	5.3 Pinta corretamente as sílabas de uma palavra	1	
	5.4 Resposta incorreta		
Total		10	

3.4.3 Apresentação e análise dos resultados

Após a correção e análise do dispositivo de avaliação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, realizada a um grupo de 14 crianças de 5 anos de idade, posso constatar que os resultados deste dispositivo de avaliação são positivos (Figura 2). Verifiquei que apenas uma criança (7%) obteve Insuficiente, seis crianças (21%) obtiveram Suficiente, quatro crianças

(29%) Bom e três crianças (21%) Muito Bom. Assim sendo, a média aritmética (Anexo 4) obtida pelo grupo é de 7,2 valores, que corresponde a Bom. Esta primeira observação leva-me a concluir que o grupo tem uma boa compreensão da letra /f/.

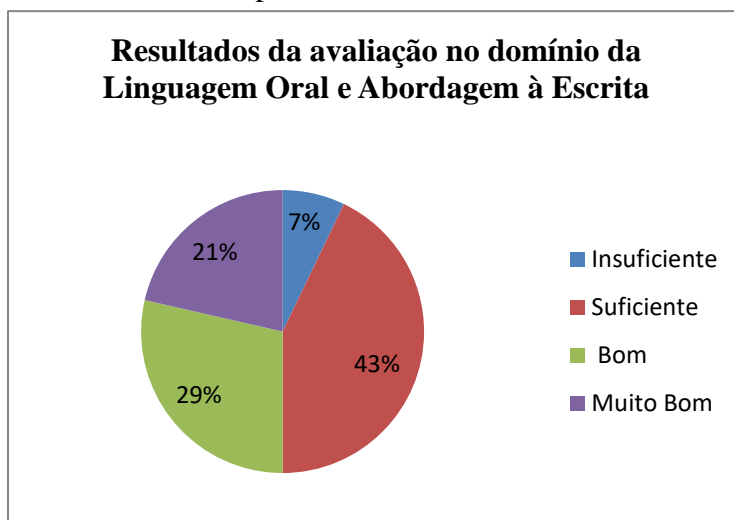


Figura 2 – Resultados da avaliação da atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita – 5 anos

Ao analisar a grelha mais detalhadamente (Anexo 4), é perceptível que a maior dificuldade deste grupo de crianças é na caligrafia, sendo que a maior parte das crianças apresenta uma caligrafia pouco legível e irregular. Baptista, Viana e Barbeiro (2011) afirmam que o exercício caligráfico é complexo, especialmente nos dias de hoje. Segundo Baptista et al. (2011):

esta é uma época em que, impulsionados por factores tecnológicos e económicos, pela lei do menor esforço e por uma atitude transgressora juvenil, os jovens ensaiam experiências de escrita virtual onde ocorre uma forte mistura entre as marcas da escrita e as da oralidade. (p.12)

Batista et al. (2011) apresentam atividades que podem ajudar o aluno a melhorar a sua caligrafia, como: utilização de cadernos pautados ou utilização de quadrículas para fornecer pontos de referência adicionais para desenhar as letras; fazer uso do corpo do aluno para fornecer algumas medidas antropomórficas (um dedo, um polegar, dois dedos, etc) que ajudem a estruturar o espaço da folha; utilizar cada uma das letras como referencial de proporcionalidade para a seguinte; e ainda a realização de alguns exercícios de expressão corporal e de grafismos de olhos fechados para ajudar a projetar mentalmente o movimento.

Em relação aos restantes parâmetros, no primeiro (identificação do grafema da letra /f/), apenas as crianças C4 e C9, não conseguem identificar nenhum grafema. No segundo parâmetro (associação da imagem à palavra), todas as crianças conseguem identificar entre uma duas palavras à imagem. No terceiro (leitura de frases), apenas três crianças (C5, C6 e C7)

realizaram uma leitura com mais dificuldades. No parâmetro que avaliava o conhecimento ao nível da noção silábica, apenas metade das crianças (sete), atingiu o objetivo. É importante ajudar os restantes elementos do grupo a ultrapassar estas dificuldades pois, segundo Silva et al. (2016), “a consciência fonológica está também relacionada com a aprendizagem da leitura, podendo considerar-se que esta relação é recíproca e interativa (...)” (p.64). Freitas, Alves e Costa (2007) propõem que “desde o início, o treino seja suportado por pistas quinestésicas, auditivas, visuais e tácteis, por estimularem os canais sensoriais da criança, presentes desde muito cedo no seu desenvolvimento, e por melhor promoverem a consciência dos aspectos fonológicos que pretendemos desenvolver” (p.29). As estratégias referidas poderão ajudar estas sete crianças a ultrapassar as dificuldades sentidas ao nível da consciência fonológica.

3.5 Avaliação da atividade da Área de Conhecimento do Mundo

3.5.1 Contextualização da atividade

Esta atividade foi aplicada a um grupo de crianças de 5 anos, no dia 7 de janeiro de 2020. Para a realização da atividade elaborei um protocolo experimental/relatório (Anexo 5) e iniciei a atividade contextualizando com uma história alusiva ao tema “O Monstro das Cores” que levou à questão-problema “Como fazer novas cores?”. Esta é uma das atividades sugeridas por Martins et al. (2009) no livro *Despertar para a Ciência: atividades dos 3 aos 6*, enquadrando-se na Área do Conhecimento do Mundo, mais especificamente na componente de Abordagem às Ciências. Identifiquei as concepções alternativas as crianças através do registo das suas previsões. De seguida, cada criança teve uma plasticina de cor amarela e outra de cor magenta e fizeram a mistura das duas plasticinas. O mesmo procedimento foi repetido para a cor azul e a cor amarela. Após a junção das plasticinas as crianças brincaram livremente com as cores obtidas. Registaram os resultados colando numa tabela as cores obtidas. Realizámos em conjunto o confronto entre os resultados e as previsões e concluímos a atividade dando resposta à questão-problema fazendo o exercício das conclusões.

3.5.2 Descrição dos parâmetros e dos critérios de avaliação

Para esta atividade foram definidos 4 parâmetros:

- ✓ Registo das previsões: Neste parâmetro pretendi fazer o registo das ideias das crianças, de forma a saber se tinham alguma ideia prévia da atividade experimental. Como tal, determinei os seguintes critérios:
 - Regista as previsões pintando os círculos;
 - Não regista as previsões pintando os círculos.
- ✓ Organização dos Procedimentos: Neste parâmetro pretendi que as crianças organizassem as imagens dos procedimentos a realizar durante a experiência.
 - Ordena corretamente as imagens dos procedimentos a seguir;
 - Não ordena corretamente as imagens dos procedimentos;
- ✓ Junção das cores: Neste parâmetro verifiquei se as crianças conseguem realizar a junção das diferentes cores.
 - Realiza a junção da cor amarela e azul para obter verde e cola-a na tabela;
 - Realiza a junção da cor amarela e encarnada para obter laranja e cola-a na tabela;
 - Realiza a junção da cor azul e encarnada para obter roxo e cola-a na tabela;
 - Realiza a junção das cores amarela, azul e encarnada para obter castanho e cola-a na tabela;
- ✓ Realização das Conclusões:
 - Faz a correspondência entre todas as misturas e as respetivas cores;
 - Faz a correspondência entre três misturas e as respetivas cores;
 - Faz a correspondência entre duas misturas e as respetivas cores;
 - Faz a correspondência entre uma mistura e a respetiva cor

No quadro seguinte (Quadro 10) são apresentados os parâmetros, critérios e cotações.

Quadro 10 – Cotação dos critérios de avaliação da proposta de trabalho da Área do Conhecimento do Mundo – 5 anos

Parâmetros	Critérios	Cotação
1. Preenchimento das Previsões	1.1 Assina as previsões	1
	1.2 Não assinala previsões	0
2. Organização dos Procedimentos	2.1 Ordena corretamente as imagens dos procedimentos a seguir	1
	2.2 Não ordena corretamente as imagens dos procedimentos	0
3. Junção das cores	3.1 Realiza a junção da cor amarela e azul para obter verde e cola-a na tabela	1
	3.2 Realiza a junção da cor amarela e encarnada para obter laranja e cola-a na tabela	1
	3.3 Realiza a junção da cor azul e encarnada para obter roxo e cola-a na tabela	1
	3.4 Realiza a junção das cores amarela, azul e encarnada para obter castanho e cola-a na tabela	1
	3.5 Resposta incorreta	0
4. Realização das Conclusões	4.1 Faz a correspondência de todas as misturas à respetiva cor	4
	4.2 Faz a correspondência de três misturas às respetivas cores	3
	4.3 Faz a correspondência de duas misturas às respetivas cores	2
	4.4 Faz a correspondência de uma mistura à respetiva cor	1
	4.5 Resposta incorreta	0
Total		10

3.5.3 Apresentação e análise dos resultados

Com base na correção da grelha de correção da proposta de trabalho na Área de Conhecimento do Mundo (Anexo 6), realizada a um grupo de 21 crianças de 5 anos de idade, posso constatar que a maioria das crianças atingiu os objetivos propostos (figura 3). Verifiquei que apenas três crianças (14%) obtiveram a avaliação Suficiente. Cinco crianças (24%) obtiveram a avaliação Bom e as restantes treze (62%) obtiveram Muito Bom. Assim sendo, a média aritmética (Anexo 6) obtida pelo grupo é de 8,5 que corresponde a Bom. É de salientar que nos resultados da atividade não houve nenhuma percentagem de nível Fraco e Insuficiente.

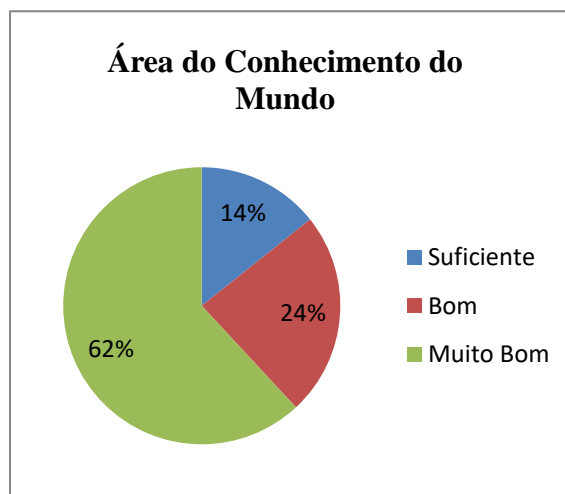


Figura 3 – Resultados da avaliação da atividade da Área de Conhecimento do Mundo – 5 anos

É notório que a maioria das crianças consegue fazer um registo das previsões, realizar a mistura das diferentes cores e por fim registar as conclusões do todo o processo realizado. Neste proposta integrei ainda um exercício que convidava o grupo a organizar os procedimentos a adoptar durante a experiência através de imagens. Apesar de no geral esta atividade ter sido realizada com sucesso pela maioria das crianças, houve algumas crianças que necessitaram da ajuda do adulto e ainda algumas que apresentaram dificuldades na junção de cores, nomeadamente: C5, C7, C11, C12, C19, C21. Este grupo de seis crianças não conseguiu obter a cotação total neste parâmetro, pelo que a Educadora deverá realizar mais atividades deste género. Segundo Silva et al. (2016), a exploração de elementos expressivos da comunicação visual é essencial sendo que este tema poderá integrar aspetos como: a cor (cores primárias e secundárias, mistura de cores).

Tratando-se de um protocolo experimental é de referir que o grupo não se encontrava completamente à vontade com esta atividade, por não ser costume, por ser novidade. Optei por que este fosse preenchido em grande grupo, e recorri à projeção do mesmo em *PowerPoint* para que todos o conseguissem acompanhar.

Posso concluir, que apesar dos resultados terem sido bastante positivos, ainda há um grande trabalho a desempenhar da parte do educador, para que as crianças se sintam mais à vontade com a metodologia científica. De acordo com Silva et al. (2016, p.85), “as crianças vão compreendendo o mundo que as rodeia quando brincam, interagem e exploram os espaços, objetos e materiais”. Penso que o educador tem o papel fundamental de proporcionar às crianças as ferramentas necessárias para a prática das ciências experimentais. Neste caso em concreto poderia, continuar a pedir que descobrissem novas cores através de outro tipo de materiais que não a plasticina.

Capítulo 4 – Proposta de uma atividade através do Trabalho de Projeto

4.1 Introdução ao projeto

A Educação Pré-Escolar constitui um importante contexto para a aprendizagem e exercício da cidadania cabendo assim ao educador transmitir boas práticas a todos os níveis e desenvolver a educação para a cidadania formando pessoas “responsáveis, autónomas, solidárias, que conhecem e exercem os seus direitos e deveres, em diálogo e no respeito pelos outros, com espírito democrático, pluralista, crítico e criativo” (Silva et al., 2016, p. 39). A escola é um importante agente socializador e pode contribuir no processo de construção de uma cidadania ativa.

O presente projeto tem como principal objetivo consciencializar as crianças da faixa etária da educação pré-escolar para um conjunto de princípios, práticas e regras para a utilização da praia. Para tal, o primeiro passo será dar a conhecer esse local tão especial, assim como os principais elementos naturais o caracterizam. Ao familiarizarem-se com este ambiente as crianças estarão mais despertas para assumir um comportamento adequado.

Com este projeto pretendo envolver em primeiro lugar as crianças, mas também promover a cooperação entre a família e a escola especialmente na fase de motivação, assim como ao longo deste, mantendo sempre toda a comunidade familiar informada sobre as novas descobertas e conquistas. Este projeto surge da área de Conhecimento do Mundo, mas um outro dos grandes objetivos é promover a interdisciplinaridade procurando realizar atividades que envolvam todas as áreas de ensino.

Assim sendo, este capítulo está dividido em três grandes partes: a fundamentação teórica, na qual se clarifica e justifica a recorrência à metodologia de projeto, bem como a pertinência do tema escolhido; o desenvolvimento do projeto, no qual se explica o desenrolar do mesmo; e, por fim, as considerações finais, em que se reflete sobre todo o processo.

4. 2 Fundamentação Teórica

4. 2.1 O trabalho de projeto

O trabalho de projeto é considerado uma abordagem pedagógica centrada em problemas. Segundo Katz e Chard (2009, como citado em Vasconcelos et al., 2012) é “um estudo em profundidade sobre determinado tema ou tópico”, que tal como afirmam Many e Guimarães (2006) “(...) parte de uma ideia, de um sonho, de uma vontade, cuja realização será planificada.” (p.10)

A realização de um projeto é um processo complexo, desde a ideia inicial ao resultado final percorre-se um longo caminho que envolve, de acordo com Many e Guimarães (2006), diversos “recursos e interações, reformulações, mudanças e alterações (...)” (p.11).

Segundo Vasconcelos et al. (2012), esta metodologia pode ser utilizada em todos os níveis de ensino, sendo que tem mais impacto em crianças em idade pré-escolar e no 1.º ciclo do ensino básico. Neste contexto, a metodologia do trabalho de projeto tem-se revelado muito vantajosa, pois durante este processo o aluno tem acesso a uma grande diversidade de experiências e saberes.

O trabalho de projeto em educação de infância procura desenvolver intelectualmente a criança bem como a sua sensibilidade emocional, moral e estética das crianças (Vasconcelos et al, 2012).

Segundo Vasconcelos et al. (2012), através desta metodologia a criança aprende a: fazer sentido da sua própria experiência; colocar hipóteses, analisar, elaborar conjecturas; ser curiosa; fazer previsões e verificá-las; ser empírica; persistir na resolução de problemas; tomar iniciativas e ser responsável pelo que conseguiu fazer; antecipar os desejos dos outros, as suas reações (usando disposições sociais) (p.11).

Vasconcelos et al. (2012), apresenta esta metodologia dividida em quatro fases: a definição do problema, a planificação, a execução e a avaliação.

Um trabalho de projeto deve manter uma relação com todas as áreas do saber pois de acordo com os mesmos autores “ (...) o trabalho de projeto, por definição intrínseca, não possa

existir sem articulação entre saberes e, simultaneamente, sem o seu aprofundamento.” (Vasconcelos et al., 2012, p.21). O trabalho de projeto pretende cultivar e desenvolver a vida inteligente da criança, ativando saberes e competências.

4.2.2 Saúde e bem-estar na praia

O projeto “Praia Segura, Praia Amiga” tem como principal objectivo ajudar a desenvolver nas crianças atitudes de respeito perante este ambiente. A praia convida a atividades ao ar livre e é muitas vezes o local onde a esmagadora maioria da população aproveita para gozar as suas férias e fazer algumas extravagâncias. No entanto poderá ser um local de risco se não for bem utilizado, para tal este projeto pretende contribuir para um melhor conhecimento e respeito pela praia. As atividades desenvolvidas irão consciencializar as crianças para assuntos como a, proteção solar, a segurança e a alimentação na praia assim como a preservação do local.

4.2.3 Exposição Solar e Alimentação

A proteção solar constitui um assunto recorrente durante a época balnear, uma vez que a população se encontra nesta altura mais sensibilizada para o problema. Da exposição prolongada ao sol podem resultar queimaduras solares que, para além de dolorosas, constituem um perigo com consequências prejudiciais para a sua saúde. De todos os grupos etários são as crianças que apresentam a pele mais sensível. Neves (2016), reforça que “novas estratégias e campanhas de divulgação e prevenção devem ser implementadas, abordando também conhecimentos mais específicos e direcionadas adequadamente para as diversas faixas etárias e grupos populacionais, de forma a ajudar as pessoas a compreender a importância da foto proteção e prevenção do cancro cutâneo.” (p.5).

As estratégias de proteção solar são fáceis de incorporar na rotina diária das crianças que, sabendo como prevenir queimaduras e como proteger-se, assumem o controlo do seu bem-estar. Para isto é importante a utilização de protetores solares de modo a evitar a exposição solar entre as 11h e as 16h.

Os primeiros anos de escolaridade são alicerces das aprendizagens importantes da saúde dos adultos. Esta é a razão pela qual os hábitos de saúde preventivos, desenvolvidos nesta fase, são

mais consistentes e têm maior propensão em continuar ao longo da vida contribuindo para condutas saudáveis e redução de doenças (WHO, como citado em Duarte, 2016).

Duarte (2016), afirma que:

Educar para a proteção solar deve incluir um ambiente escolar saudável, uma política de proteção solar aprovada pela escola, a comunidade e a família. É mais eficaz se desenvolvida em concertação com toda a comunidade escolar e nela contextualizada seguindo as diretrizes de proteção, educação, colaboração e monitorização. (p.13)

A capacitação iniciada neste contexto sensibiliza para as questões da proteção solar e do cancro da pele, motiva para uma mudança de hábitos e estilos de vida relativos ao sol e auxilia na transferência das boas práticas para outras situações da vida (WHO como citado em Duarte, 2016).

Ao nível da alimentação, consumir frutas, legumes e beber muita água é importante para a proteção da pele e equilíbrio orgânico (Associação Portuguesa do Cancro Cutâneo, 2012).

4.2.4 Segurança

O relevo do oceano, as correntes marítimas e a falta de conhecimento sobre o mar provocam um número cada vez maior de situações de risco para os banhistas, por isso existem nas praias diferentes autoridades que ajudam na diminuição dos mesmos.

Cabe ao ISN (Instituto de Socorros a Náufragos) garantir a segurança na praia e reconhecer as qualificações profissionais no âmbito do nadador-salvador.

O nadador salvador é então, segundo o artigo 8.º da portaria n.º 311/2015 de 2015:

- e) «Nadadores-salvadores» os cidadãos habilitados com curso de nadador-salvador certificado ou reconhecido pelo Instituto de Socorros a Náufragos a quem compete, para além dos conteúdos técnicos profissionais específicos, informar, prevenir, socorrer e prestar suporte básico de vida em qualquer circunstância nas praias de banhos, em áreas concessionadas, em piscinas outros locais onde ocorram práticas aquáticas com obrigatoriedade de vigilância.

Com este projeto pretende-se essencialmente que as crianças saibam respeitar as bandeiras, que são uma importante ferramenta para os banhistas, e quando bem utilizadas um poderoso instrumento de prevenção. A Direção-Geral de Saúde (2016), diz que tendo Portugal uma enorme costa com diversas praias e com ótimas ofertas de lazer e contacto com a natureza é importante ter em atenção vários pontos, sendo um deles: “respeitar as bandeiras das praias e as

indicações dos nadadores-salvadores. A bandeira azul significa que a praia é vigiada e a água cumpre requisitos de qualidade impostos pela União Europeia.”

As bandeiras são um importante recurso na ida à praia pois através destas conseguimos saber o estado do mar e desta forma prevenir situações de afogamento. Este recurso apresenta várias cores, e cada uma das cores um significado diferente.

Desta maneira as crianças devem ficar a conhecer melhor as normas de segurança a cumprir neste local, para se tornarem seres mais autónomos conseguindo progressivamente tomar as decisões necessárias de forma a zelar pelo seu bem-estar e segurança. Tal como afirmam Silva et al. (2016):

A construção da autonomia envolve uma partilha de poder entre o/a educador/a e as crianças, que têm a possibilidade de fazer escolhas e tomar decisões, assumindo progressivamente responsabilidades pela sua segurança e bem-estar, não só no jardim de infância, mas também em diversas situações da vida, demonstrando progressivamente consciência dos perigos que pode correr e da importância de hábitos de vida saudável. (p.36)

4.2.5 Preservação do ambiente

Ao nível da preservação ambiental deste local o presente projeto pretende que os grupos de crianças desenvolvam atitudes de respeito e valorização por este. Tal como afirmam Silva et al. (2016):

Esta atitude de pertença positiva para com o lugar onde se vive é desenvolvida, em paralelo, com um maior sentido de responsabilidade para salvaguardar os valores locais (naturais, sociais, históricos, ...) e com uma consciencialização para as consequências das ações humanas sobre o território. (p.90)

Verificamos que, atualmente a sociedade não cumpre com os seus deveres ambientais, demonstrando não valorizar as questões ecológicas, nem assumir a responsabilidade pelo impacto que a sua ação exerce sob a natureza. A meu ver é possível compreender o porquê desta situação, pois ao longo dos diversos estágios no Mestrado em Educação Pré-Escolar verifico que as atividades providenciadas às crianças ao nível da Educação ambiental são pouco marcantes. Assim sendo através deste projeto as crianças poderão numa atividade relativa à Educação Ambiental sair do contexto escolar, vivenciar e participar numa ação de limpeza da praia. Ao puderem contactar com a realidade das praias e areais, os grupos de crianças que participarem ficarão mais sensíveis aos valores ambientais assim como contribuirão para a preservação deste local.

As zonas costeiras como as praias são um local vastíssimo e nesta relação com o litoral é importante, a nível ambiental, saber respeitar o areal assim como os oceanos. Nesta perspectiva o programa Bandeira Azul (2015) afirma que:

O areal é uma área com a qual estabelecemos um largo contacto epidérmico e que, por isso, deve também ser considerado numa perspectiva de saúde individual e pública. Não deverá ser o receptor de todo o “lixo” que os utilizadores decidem rejeitar. Os animais de companhia sofrem como calor, a areia, a água salgada, e, podem ser focos de contaminação, assim, devem ficar em casa... (p.62)

Já o oceano segundo o Programa Bandeira Azul (2018) é:

um meio de comunicação e de transporte, uma fonte de alimentos e de medicamentos, de energia e de recursos vivos. O Oceano gera empregos e é promotor da economia do País. Paralelamente, o Oceano e as zonas costeiras têm um papel essencial no bem-estar e qualidade de vida da sociedade, quer através das atividades de desporto e de lazer, quer através dos serviços de ecossistema que prestam (p.13).

Para além de ser importante para a economia do país, é também uma fonte de vida que representa o nosso futuro e é essencial para a sobrevivência do ser Humano, o programa Bandeira Azul (2015) afirma que:

Todos estes factos levam-nos a compreender a necessidade de conservar a vida no oceano, de gerir os seus incalculáveis recursos de uma forma mais racional, a fim de evitar uma rotura do equilíbrio que colocaria em risco toda a vida na Terra (p.42).

A preservação do meio ambiente passa pelos hábitos das pessoas, e claro pela sua educação e valores. Apesar de a escola não ser o principal meio de educação e existirem outros agentes envolvidos na educação das crianças, esta torna-se um importante local para a criação de hábitos favoráveis em relação ao meio ambiente. Tendo como dever a formação de cidadãos responsáveis.

4.3 Desenvolvimento do projeto

4.3.1 Problema

Que cuidados devemos ter quando vamos à praia?

4.3.1.1 Problemas parcelares

- Que cuidados devemos ter em relação à exposição solar?
- Quais os cuidados ambientais a respeitar na ida à praia?

- O que significam as bandeiras?
- O que fazem os nadadores salvadores?
- Quais os cuidados alimentares que devemos ter na ida à praia?

4.3.4 Destinatários

- Este projeto destina-se a todos os alunos que frequentem a escola na faixa etária dos 5/6 da Educação Pré-Escolar.

4.3.5 Entidades envolvidas

- Escola;
- Instituto de socorros a náufragos;
- Farmácia local que se disponha a colaborar na construção do *kit* praia para o projeto.

4.3.6 Motivação e Negociação

A fase de negociação e motivação decorrerá durante duas semanas, sendo que a semana antes das férias da Páscoa vai ser de extrema relevância pois será nessa altura que será lançado um desafio às famílias. Desafio esse que consiste num passeio à praia com as suas famílias. Durante esse passeio deverão recolher algo da praia que deverão guardar e trazer no regresso à escola assim como uma fotografia para recordar esse dia e mostrar aos colegas.

4.3.7 Objetivos

4.3.7.1 Objetivos gerais

- Promover a interdisciplinaridade;
- Inculcar o pensamento científico;
- Desenvolver atitudes de respeito pelo ambiente e recursos naturais;
- Cooperação;
- Aprender a trabalhar em equipa;
- Promover o contacto com diversos materiais e técnicas;
- Promover o envolvimento das famílias nas atividades escolares;

4.3.7.2 Objetivos específicos

- Consciencializar as crianças para a importância do papel de cada um neste projeto;
- Aprender normas de segurança na praia;
- Observar técnicas de salvamento e primeiros socorros;
- Reconhecer os cuidados a ter na exposição solar;
- Consciencializar as crianças para uma alimentação saudável;
- Promover a mudança comportamental dos alunos, com formação de novos hábitos relacionados a utilização responsável dos recursos naturais e o descarte correto dos resíduos sólidos;

4.3.8 Planeamento

Fase 1: Sensibilização ao tema

Depois das férias da Páscoa, as crianças voltam para as suas atividades letivas, e é na primeira semana do 3.º período que a Educadora voltará a relembrar o desafio que foi lançado aos pais e crianças para as férias. Estas mostram as suas fotografias, e o que recolheram na sua visita à praia. Nesta fase é de extrema importância ouvir todas as opiniões das crianças acerca deste dia e apelar a outras experiências igualmente vividas noutras fases do ano. Todas estas fotografias irão ser expostas num cantinho próprio da sala.

Depois desta conversa, ainda nesta semana irá ser introduzida a história “Um dia na praia” de Bernardo Carvalho, que é um livro álbum com diversas imagens que convida o grupo a múltiplas leituras e interpretações, onde não existem nem respostas certas nem erradas. A leitura deve ser acompanhada com os diversos sons deste ambiente que as crianças poderão identificar trabalhando em simultâneo o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e o Subdomínio da Música.

Após a observação deste livro de imagens, a semana continuará com a realização de trabalhos com os elementos recolhidos pelas crianças do grupo. Por exemplo, para a área de Expressão e Comunicação- Subdomínio das Artes Visuais será efetuado um trabalho de digitinta com areia.

Para o Domínio da Matemática recorrendo às várias conchas recolhidas será realizado um trabalho de conjuntos organizando as conchas por atributos como tamanho , a cor, a textura e a forma.

Ainda nesta semana e para explorar um pouco mais a Área de Conhecimento do Mundo, mais especificamente a componente Introdução à Metodologia científica, serão efetuadas experiências com o grupo para que estes visualizem que a água do mar tem propriedades diferentes da água que consumimos em nossa casa, pois esta é salgada.

Fase 2: O nadador salvador

Nesta fase pretende-se realçar a importância do nadador salvador nas praias, dar a conhecer os utensílios utilizados por ele em situações de salvamento, e as bandeiras que indicam as condições marítimas. Para a execução desta atividade será necessário criar um contexto em que o nadador salvador vá à escola partilhar com o grupo de crianças noções básicas de primeiros socorros e técnicas de salvamento.

Fase 3: O médico explica

Nesta fase do projeto, após a visita do nadador salvador, é importante garantir que as crianças conheçam não só os cuidados de segurança a ter na praia, como também os cuidados relativos à exposição solar e alimentação. Para tal será utilizada a mesma estratégia da Fase 2, em que um médico ou especialista da área vai até à escola, e numa sessão direcionada a crianças esclarecerá e desenvolverá atividades que promoverão um melhor conhecimento destas sobre os assuntos acima referidos.

Para trabalhar um pouco mais esta temática, depois desta sessão de atividades e ao longo da semana, a educadora poderá ainda, ao nível do Conhecimento do Mundo- Introdução à Metodologia Científica, realizar uma atividade onde o principal objetivo será levar a criança a descobrir quais os cuidados a ter com a exposição solar. A educadora deverá levar o grupo de crianças até ao recreio da escola em dois horários diferentes e fazer o grupo de crianças observar a sua sombra. Nas horas apropriadas para a exposição solar a sombra deverá ser maior que as crianças, nas horas perigosas a sombra é sempre menor, desta forma ao observarem este acontecimento irão aprender a regular a sua exposição solar.

Fase 4: Uma ida à praia

Para iniciar esta última semana do projeto “Praia Segura, Praia Amiga” a educadora deverá recorrer ao livro “O dia em que o mar desapareceu” de José Fanha e assim trabalhar o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Este livro é recomendado para projetos relacionados com a Natureza e Proteção ambiental e fala de uma história com preocupações de educação ecológica e ambiental, que conta o mau comportamento de uma família de pássaros que sujam a praia e o mar e fazem com que o mar fique triste e desapareça. No final, o mar salva-se da poluição e volta a ser o maravilhoso este último que todos conhecemos.

Posteriormente à exploração deste livro realizar-se-á a atividade final deste projeto, que consistirá numa ida à praia na primeira semana do mês de Junho. Nesta ida à praia decorrerão variadas atividades entre elas a limpeza deste espaço. Previamente a educadora responsável enviará para casa uma autorização (Anexo 7) para as famílias, onde estas deverão ou não autorizar a ida à praia do seu educando e colocar se estarão presentes com os seus filhos ao longo da manhã de atividades. No dia da visita as crianças levarão para a praia um *kit* praia completo, com todos os utensílios necessários para a promoção da saúde das crianças. Nesse *kit* existirá: protetor solar, t-shirt, óculos de sol, chapéu-de-sol, água e um lanche adequado fornecido pela escola.

A praia escolhida deverá cumprir todos os requisitos de uma praia segura e ter bandeira azul. Ao chegarem à praia as crianças, educadoras e familiares serão recebidos pela equipa de nadadores salvadores responsáveis, estes indicarão o melhor local para o grupo se instalar e ajudarão na interpretação da bandeira que ditará se poderão ir a banhos nesse dia.

Depois da limpeza deste espaço, feita com as necessárias medidas de proteção e higiene, como a utilização de luvas biodegradáveis e sacos do lixo recicláveis, as crianças juntamente com os pais e educadores vão disfrutar de uma manhã de atividades. As atividades consistirão em diferentes jogos lúdicos para desta forma trabalhar o Domínio da Educação Física. Os jogos a desenvolver serão: Jogo da corda; Teatro de sombras; Enche o balde e construções na areia.

4.3.9 Recursos

4.3.9.1 Recursos Materiais

- Objetos recolhidos na praia;
- Transporte das crianças para a praia;
- Gasolina para o transporte;
- Refeições para o dia da visita à praia;
- Livros infantis;
- Sacos de lixo recicláveis;
- Luvas biodegradáveis e recicláveis;
- Peneiras e ancinhos;
- *Kits* praia (protetor solar, t-shirt, óculos de sol, lanche saudável);
- Material para a realização das atividades experimentais.

4.3.9.2 Recursos humanos

- Nadador Salvador;
- Médico ou enfermeiro;
- Carrinha para o transporte de crianças;
- Motorista;
- Diretor da escola;
- Educadores;
- Pessoal auxiliar da escola;
- Encarregados de educação.

4.3.10 Produtos finais

- Consolidação de normas de segurança e regras ambientais na ida à praia.

4.3.11 Avaliação

Do processo: Vai contemplar observações e inquéritos de satisfação às crianças e aos encarregados de educação (Anexo 8 e 9).

Do produto final: No final do projeto, haverá uma visita à praia, onde as crianças poderão disfrutar e ao mesmo tempo consolidar tudo o que foi aprendido até então juntamente com as suas famílias. A Educadora deverá estar atenta e realizar observações no decorrer da atividade.

4.3.12 Calendarização

Este projeto irá realizar-se ao longo de todo o 3.º período letivo, conforme a calendarização presente no Quadro 11.

Quadro 11 – Calendarização de atividades

	Abril		Maio				Junho
	1.ª semana	4.ª Semana	1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana	1.ª semana
Motivação e Negociação							
Fase 1- Sensibilização							
Fase 2- O nadador Salvador							
Fase 3- O médico explica							
Fase 4- Uma ida à praia							
Avaliação							

4.4 Considerações finais do Trabalho projeto

Este projeto levou-me a em estratégias viáveis para a sua realização numa instituição. As atividades propostas são exequíveis, e permitem aprendizagem de conceitos relevantes e fundamentais para as crianças. Espero, um dia mais tarde poder realizar este projeto com o qual me identifico.

Tentei que este projeto desenvolvesse nas crianças não apenas aprendizagens sobre o tema em si mas também noutras áreas, através de experiências de interdisciplinaridade. Considero que na faixa etária da Educação Pré-Escolar a curiosidade da criança é um fator importante para o desenvolvimento do trabalho interdisciplinar, sendo que esta característica deve instituir-se em circunstâncias pedagógicas onde a criança possa aprender a partir de variadas situações que lhe interessam. Ainda na mesma linha de pensamento Silva et al., (2016) afirmam que:

Articular a abordagem das diferentes áreas de conteúdo e domínios, para que se integrem num processo flexível de aprendizagem que corresponda às suas intenções pedagógicas e que, tendo a participação da criança, faça sentido para ela. Esta articulação poderá partir da escolha de uma “entrada” por uma área ou domínio, para integrar outros (p. 32).

Por último, acredito vivamente que o trabalho de projeto seja uma mais valia na Educação Pré-Escolar pois, tal como Katz e Chard (2009, como citado em Vasconcelos et al., 2012) afirmam que este “poderá antecipar, desenvolver e estimular os processos de aprendizagem e de co-construção do conhecimento.” (p. 8).

Se todas as fases deste projeto forem concretizadas com sucesso, ficará comprovado que as crianças se envolveram com gosto e realizaram aprendizagens significantes. O final deste projeto concretiza-se com uma manhã de limpeza e atividades na praia para e através desta atividade, os Educadores observarão e avaliarão assim o produto final. Para além desta avaliação, os Educadores também avaliarão todo o projeto através de um inquérito aos pais e crianças.

Reflexão – Considerações finais

A Escola Superior de Educação João de Deus, foi a instituição que escolhi para a realização do meu percurso académico. Este percurso reflete não só este ano e meio de Mestrado em Educação Pré-Escolar, mas também o Curso de Especialização Tecnológica e a Licenciatura em Educação Básica. Foram cinco anos e meio de muita aprendizagem, e as diferentes fases por que passei foram essenciais para o meu crescimento como futura Educadora. Considero que esta instituição me proporcionou as ferramentas necessárias para ser uma boa profissional.

O estágio segundo Zabalza (2015) “é uma oportunidade de aprendizagem fundamentada no trabalho” (p.39). A realização da componente prática foi fulcral para a minha formação, pois foi através do Estágio Profissional que pude pôr em prática a teoria aprendida durante este ciclo de estudos e ter uma percepção de como será a minha futura profissão. Contactei com diversos grupos de faixas etárias diferentes e também distintos modelos de Educadoras, o que me fez refletir e perceber que tipo de profissional quero ser e que práticas pretendo ou não adoptar.

Foi muito gratificante pôr em prática todas as minhas aprendizagens e receber o feedback das orientadoras que sempre se disponibilizaram para me ajudar, tal como todas as educadoras com quem estagiei. Caldeira et al. (2017), defendem que “aprender é um processo gradual e o aluno vai reestruturando o seu conhecimento através das atividades que observa, analisa, prepara, vivência e reflete entre pares, com os orientadores e supervisores”(p.47). Durante a prática pedagógica pude aplicar os meus conhecimentos realizando atividades das diferentes Áreas e Domínios da Educação Pré-Escolar. De acordo com Caldeira et al. (2017) “a prática supervisionada reveste-se de muita importância se for adequada e coordenada, contribuindo para uma melhor e maior troca de opiniões, de partilha de informações e orientações comuns entre os diversos intervenientes” (p.68). Tanto as aulas avaliadas pela equipa da prática pedagógica, como as aulas avaliadas pelos professores cooperantes foram uma mais valia, pois através das críticas construtivas, pude evoluir e aperfeiçoar os aspetos a melhorar. Ao longo destes anos de formação, deparei-me com diversos obstáculos, no entanto este processo de aprendizagem foi enriquecedor em termos pessoais e profissionais. Tentei adotar estratégias diversificadas e ouvir os conselhos e críticas que me foram feitas.

Durante a elaboração deste Relatório de Estágio tive em consideração todos os momentos de Prática Profissional que decorreram ao longo de três semestres, contemplando atividades observadas por mim e elaboradas por educadores e alunos estagiários. Apesar de toda a elaboração deste Relatório ter sido difícil, o capítulo em que senti mais dificuldades foi o terceiro capítulo, o capítulo da avaliação, pois até à data nunca o tinha feito. No que diz respeito às “limitações”, sem dúvida que a fundamentação teórica deste Relatório foi um grande desafio, pois, o facto este ter sido o meu primeiro trabalho intenso de investigação originou algumas dúvidas e dificuldades na procura de fontes atualizadas que me permitissem fundamentar este trabalho. Outra das limitações está relacionada com o tempo. Na verdade, a carga horária das unidades curriculares não possibilitou muito tempo para a elaboração do mesmo.

Com este Estágio, adquiri diversas competências essenciais, no entanto, é fundamental ter a percepção de que o mundo está em constante evolução. Posto isto, acredito que seja importante investir em formações, para continuar a evoluir enquanto profissional e desta forma contribuir da melhor maneira para aprendizagem e bem-estar das crianças que me serão confiadas. Para Perrenoud (1999, como citado em Caldeira et al., 2017), é importante que “o futuro docente aprenda a ser reflexivo, investigativo, culto e inovador pois só assim saberá adequar as suas práticas educativas de forma eficaz” (p.51). Enquanto futura Educadora gostaria de colocar em prática o projeto a que me proponho no capítulo 4, pois acredito vividamente que ensinará às crianças um conjunto de princípios, práticas e regras para a utilização da praia.

Daqui em diante, o maior desafio é sem dúvida entrar no mundo do trabalho e superar as dúvidas e receios que irão surgir nesta nova fase. Em suma, este foi um período de grandes aprendizagens e de grandes emoções. Os momentos marcados por algumas dificuldades foram ultrapassados e no fim ficou a sensação de que esta foi uma experiência verdadeiramente importante, que nunca esquecerei.

Referências bibliográficas

- Agüera, I. (2008). *Brincar e aprender na primeira infância: atividades, rimas e brincadeiras para a educação de infância*. Lisboa: Papa-Letras.
- Almeida, A., & Vasconcelos, C. (2013). *Guia prático para atividades fora da escola*. Lisboa: Fonte da Palavra.
- Andrade, J., F. (2017). *A Importância do reconto de histórias no desenvolvimento cognitivo de crianças dos 3 anos*. (Dissertação de Mestrado). Lisboa: Universidade Fernando Pessoa.
- Associação Portuguesa de Cancro Cutâneo. (2012). Cuidados a ter na Exposição Solar. Recuperado em 21 de maio de 2019 de <http://www.apcancrocuteo.pt/index.php/prevencao/cuidados-a-ter>.
- Balancho, M. J. S., & Coelho, F. M. (1996). *Motivar os alunos: criatividade na relação pedagógica: conceitos e práticas*. Lisboa: Texto Editora.
- Baptista, A., Viana, F. L., & Barbeiro, L. F. (2011). *O ensino da escrita: Dimensões gráfica e ortográfica*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Caldeira, M. F. (2009). *Aprender a matemática de uma forma lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Caldeira, M. F. (2014). A importância dos materiais para uma aprendizagem significativa da matemática. *Revista Científica. Educação para o Desenvolvimento*, 2, 28-37.
- Caldeira, M. F. Pereira, P. C., & Botelho, T. S. (2017). Supervisão e avaliação da prática profissional. *Revista Científica Educação para o Desenvolvimento*, 4, 47-69.
- Cardona, M. J., (2007). A avaliação na educação de infância: as paredes das salas também falam! Exemplos de alguns instrumentos de apoio. *Cadernos de Educação de Infância*, 88, 10-15.
- Circular nº.: 4 /DGIDC/DSDC/2011, de 11 de abril (Avaliação na Educação Pré-Escolar).

- Condessa, I. C. (2009). *(Re) Aprender a brincar: Da especificidade à diversidade*. Açores: Universidade dos Açores.
- Costa, M. Q., Monteiro, I., & Ribeiro, V. (2014). *Análise reflexiva de uma experiência pedagógica interdisciplinar*. In Atas do XII Congresso SPCE, Ciências da Educação: espaços de investigação, reflexão e ação interdisciplinar (pp. 1274-1280). Vila Real: UTAD.
- Cruz, J. S. F., Ribeiro, I. S., Viana, F. L., & Azevedo, H. I. D. O. (2012). A leitura de histórias : qualidade das interações entre pais e filhos. *Revista Diversidades*. 16-19.
- Curry, A. (2003). *Pais Brillhantes, Professores Fascinantes. Como formar jovens felizes e inteligentes*. Lisboa: Pergaminho.
- Direção Geral de Saúde. (2016). Saúde ambiental - Calor. Verão em segurança. Ao encontro do mar. Recuperado em 21 de maio de 2019 de <https://www.dgs.pt/saude-ambiental-calor/verao-em-seguranca/ao-encontro-do-mar.aspx>
- Duarte, J. V. V. (2016). *Criança em Ação Pele sem Escaldão*. (Tese de Mestrado). Escola Superior de Educação: Coimbra.
- Ferreira, C. C. A. (2011). *O uso de materiais manipuláveis estruturados na educação pré-escolar e no 1.º ciclo do ensino básico*. Açores: Universidade dos Açores Departamento das Ciências da Educação.
- Freitas, M. J. Alves D., & Costa, T. (2007). *O conhecimento da língua: desenvolver a consciência fonológica*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Gomes, C. A. M. L. (2016). *Aprender inglês? porquê? Contributo da aprendizagem precoce da Língua Inglesa no 1.º Ciclo do Ensino Básico*. (Dissertação de Mestrado). Lisboa: Instituto Superior de Educação e Ciências. Recuperado de <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/19115/1/Relat%C3%B3rio%20Final%20-%20Edi%C3%A7%C3%A3o%20Definitiva.pdf>
- Laranjeiro, D., Antunes, M. J., & Santos, P. (2017). As tecnologias digitais na aprendizagem das crianças e no envolvimento parental no Jardim de Infância: Estudo exploratório das

- necessidades das educadoras de infância, *Revista Portuguesa de Educação*, 30, 223-248.
Recuperado de <https://revistas.rcaap.pt/rpe/article/view/9367/10314>
- Lonrenzato, S. (2006). *Educação Infantil e percepção matemática*. Campinas: Autores Associados.
- Lopes, J., & Silva, H. S. (2011). *O professor faz a diferença*. Lisboa: Didel. (pp.155-173).
- Lopes, J., & Silva, H. (2016). *50 técnicas de avaliação formativa*. Lisboa: Lidel.
- Loureiro, M., A. (2017). Relação família-escola: educação dividida ou partilhada?. *Revista de Psicologia*, 3, 103-114.
- Magalhães, V. F. (2008). A promoção da leitura literária na infância: um mundo de verdura a não perder. *Desenvolver competências em Língua Portuguesa*. (pp. 55-73) Lisboa: Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais da Escola Superior de Educação de Lisboa.
- Many, E., & Guimarães, S. (2006). *A metodologia de trabalho de projeto*. Lisboa: Areal Editores.
- Marchão, A. J. G., & Fitas, P. (2014). A avaliação da aprendizagem na educação pré-escolar. O portefólio da criança. *Revista Iberoamericana de Educación*, 64, 27-41.
- Martins, E. (2015). Educar Adultos Maiores na Área da Educação Social: A intergeracionalidade numa sociedade para todas as idades. *Inter-Ação*, 40 (3), pp.665-685.
- Martins, I., Veiga, M., Teixeira, F., Tenreiro-Vieira, C., Vieira R., Rodrigues, A., & Couceiro, F. (2007). *Sementes Germinação e Crescimento*. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência.
- Martins, I., Veiga, M.L., Teixeira, F., Vieira, C., Vieira, R., Rodrigues, A., Couceiro, F., & Pereira, S. (2009). *Despertar para a ciência. Actividades dos 3 aos 6 anos*. Lisboa: ME, Coleção Ensino Experimental das Ciências.
- Mata, L. (2008). *A Descoberta da escrita. Textos de Apoio para Educadores de Infância*. Lisboa: Ministério da Educação.

- Mendes, A., & Delgado, C. C. (2008). *Geometria. Textos de apoio para educadores de infância*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Monteiro, S. (2016). *A importância das histórias para o desenvolvimento da criança*. (Dissertação de Mestrado). Santarém: Escola Superior de Educação. Recuperado de <https://repositorio.ipsantarem.pt/bitstream/10400.15/1575/1/Relat%C3%B3rio%20final.pdf>
- Mosqueira, P., & Almeida, J. M. (2017). O papel da supervisão pedagógica nos primeiros anos da prática docente no 1.º ciclo do ensino básico. *Revista Científica Educação para o Desenvolvimento*, 5, 28-43.
- Neves, N. M. V. (2016). *Prevenção do Cancro Cutâneo*. (Tese de mestrado). Universidade da Beira Interior, Covilhã.
- Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2001). *O Mundo da criança*. Lisboa: McGraw-Hill.
- Pereira, J. D. L., & Lopes, M. S. (2007). *Fantoches e outras formas animadas no contexto educativo*. Porto: Intervenção.
- Pereira, R. Gonçalves, F., & Azeiteiro, U. (2007). *Atividades práticas em ciência e educação ambiental*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Picanço, A. L. B. (2012). *A Relação entre escola e família - As suas implicações no processo de ensino-aprendizagem*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus. Recuperado de <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/2264/1/AnaPicanco.pdf>.
- Pimentel, J. H. A. (2017). *A importância das histórias no Pré-escolar*. Coimbra: Instituto Politécnico de Coimbra.
- Pinto, S. C. (2014). *A didática do conhecimento do mundo percecionada pela investigação (revisão e avaliação) bibliográfica*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- Portaria n.º 311/2015 Diário da República, 1.ª série — N.º 189 — 28 de setembro de 2015

- Programa Bandeira Azul (2015). Documento de apoio à realização das atividades de educação ambiental. Recuperado em 21 de maio de 2019 de https://bandeiraazul.abae.pt/plataforma/docs/2015/Documento_apoio_AEA_2015.pdf
- Programa Bandeira Azul (2018). Guia para as atividades de Educação ambiental. Recuperado em 21 de maio de 2019 de <https://bandeiraazul.abae.pt/wp-content/uploads/sites/2/2018/02/Guia-Apoio-AEA-2018.pdf>
- Quinta, M. G. Costa, M. (2007). Não Basta Germinar. *Revista. Cadernos de Estudo*. 6, 55-61.
- Rebello, B. J. R. L. A. (2014). *Visitas de estudo: uma estratégia de aprendizagem*. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias: Instituto de Educação.
- Reis, M. P. I. F. C. P. (2008). *A relação entre pais e professores; Uma construção de proximidade para uma escola de sucesso*. (Dissertação de Doutoramento). Universidad de Malaga: Facultad de Ciencias de la Education
- Rodrigues, S. A. R. (2014). *O espelho da velhice através da visão de crianças/jovens - meio urbano versus meio rural*. (Dissertação de Mestrado). Castelo Branco: Escola Superior de Educação.
- Ruivo, I. M. S. (2009). *Um novo olhar sobre o método de leitura João de Deus*. (Dissertação de doutoramento). Málaga: Universidad de Málaga, Facultad de Ciencias de la Educación. Departamento de Didáctica de la Lengua y la Literatura.
- Sanches, A. (2003). A avaliação na educação pré-escolar: alguns dilemas e perspetivas. *Revista EduSer*, 1, 111-124.
- Seves, A. I. T. (2015). *Rotinas: Momentos de transição em creche e jardim-de-infância*. (Dissertação de Mestrado). Setúbal: Instituto Politécnico de Setúbal.
- Silva, A. M. (2015). *Leitura de Imagens na sala de aula: arte, cultura visual e intertextualidade*. *Revista Matéria-Prima*, 3, 229-240.
- Silva, I. L., (coord.), Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. Lisboa: Direção Geral de Educação – Ministério da Educação.

Torrado, A. (1988). *Da escola sem sentido à escola dos sentidos*. Porto: Civilização.

Vasconcelos, T., Rocha, C., Loureiros., C., Castro, J., Menau, J. Sousa, O., Alves, S.,... (2012).
Trabalho por projetos em educação de infância. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência.

Zabalza, M. A. (1994). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. Porto: Edições Asa.

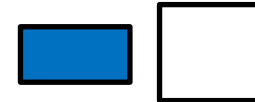
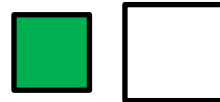
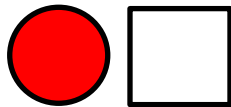
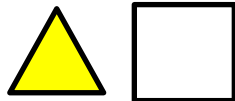
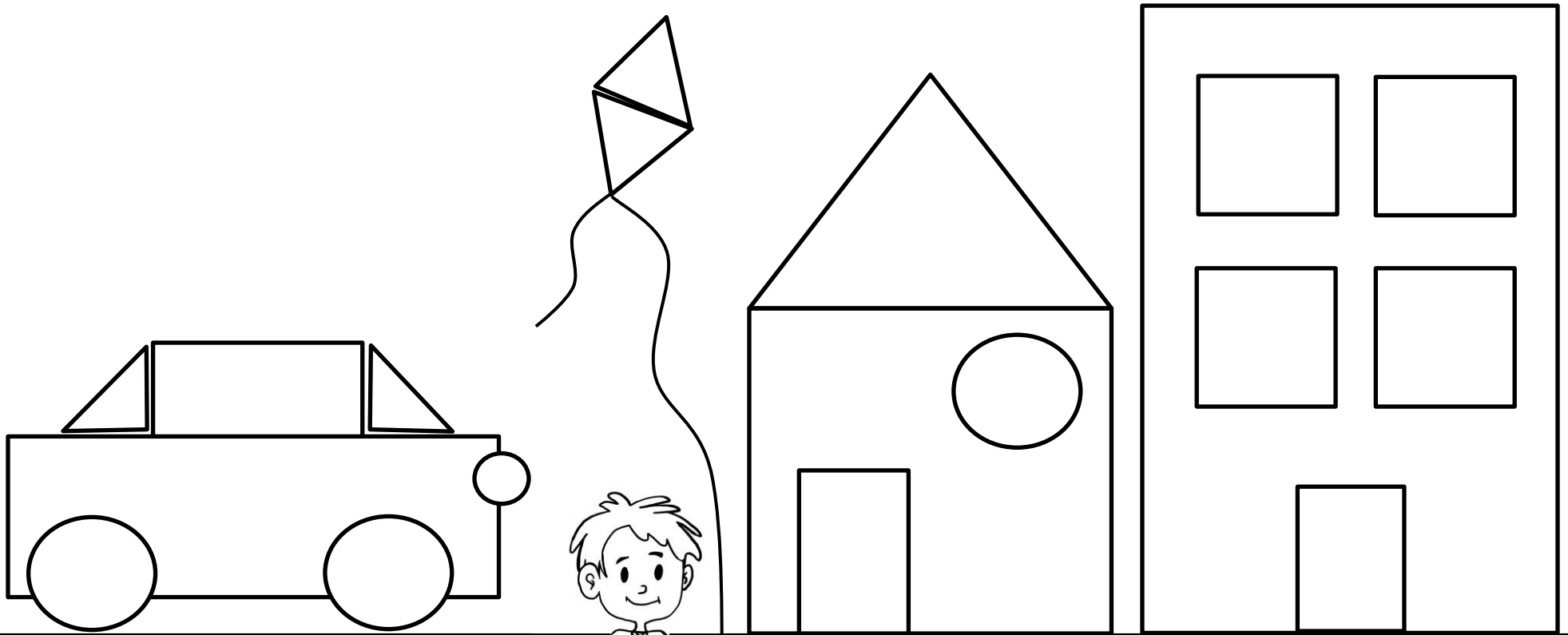
Zabalza (2015). *O estágio e as práticas em contextos profissionais na formação universitária*.
São Paulo: Cortez Editora.

Anexos

Anexo 1 – Dispositivo de Avaliação do Domínio da
Matemática – 4 anos

Nome: _____ Data: _____

1. Pinta de : **amarelo** os triângulos, **verde** os quadrados, **azul** os retângulos e de **vermelho** os círculos.
2. Conta o número de vezes que cada figura geométrica aparece e escreve-o no quadrado ao lado.



Anexo 2 – Grelha de correção do dispositivo de avaliação no
Domínio da Matemática – 4 anos

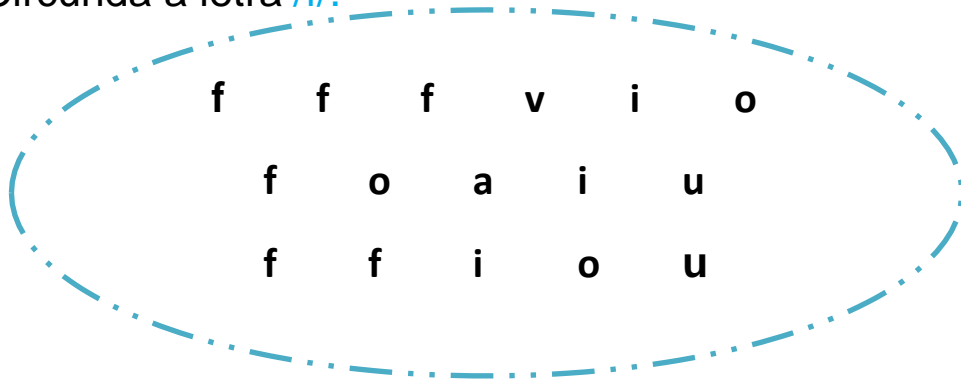
Parâmetros	1.Identificação do triângulo				2.Identificação do círculo				3.Identificação do quadrado				4. Identificação do retângulo				5.Utilização de numerais escritos para representação das figuras geométricas			6. Motricidade fina			Total
	1.1	1.2	1.3	1.4	2.1	2.2	2.3	2.4	3.1	3.2	3.3	3.4	4.1	4.2	4.3	4.4	5.1	5.2	5.3	6.1	6.2	6.3	
Crítérios	1.1	1.2	1.3	1.4	2.1	2.2	2.3	2.4	3.1	3.2	3.3	3.4	4.1	4.2	4.3	4.4	5.1	5.2	5.3	6.1	6.2	6.3	
Cotações	2	1	0,5	0	2	1	0,5	0	2	1	0,5	0	2	1	0,5	0	0,5	0,5	0	1	0,5	0	10
Crianças																							
C1	2				2				2				2				0,5	0,5		1			10
C2	2				2				2					1			0,5	0,5			0,5		9,5
C3	2					1			2				2				0,5	0,5			0,5		8,5
C4	2				2				2							0	0,5	0,5			0,5		7,5
C5	2				2				2				2				0,5	0,5			0,5		9,5
C6	2					0,5			2				2						0			0	6,5
C7	2				2				2						0,5		0,5	0,5		1			8,5
C8	2				2				2				2				0,5	0,5			0,5		9,5
C9	2				2				2				2					0,5		1			9,5
C10	2				2				2				2						0	1			9
C11	2				2				2				2					0,5			0,5		9
C12	2				2				2				2				0,5	0,5			0,5		9
C13	2				2					1				1					0				6
C14	2				2				2				2				0,5			1			9,5
C15	2				2				2				2				0,5		0,5			0	9
C16	2				2				2				2				0,5	0,5		1			10
C17	2				2					1			2				0,5	0,5		1			9
C18	2				2					1			2				0,5	0,5		1			9
C19	2				2					1					0,5				0		0,5		6
C20	2				2				2				2					0,5		1			9,5
C21	2				2					1			2				0,5	0,5		1			9
C22	2				2					1			2					0,5		1			8,5

Média:8,7

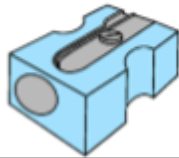
Anexo 3 – Dispositivo de avaliação no Domínio da
Linguagem Oral e Abordagem à Escrita – 5 anos

Nome: _____ Data: _____

1. Circunda a letra /f/.



2. Pinta a palavra correta para cada imagem.



vivi
afia
fia



fiava
viu
fava

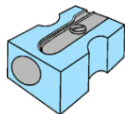
3. Lê a frase.

3.1 Cópia-a.

Eu vi a fava.

4. Bate palmas e descobre quantas sílabas tem cada palavra.

4.1 Pinta um círculo por sílaba.



afia



favo



fé

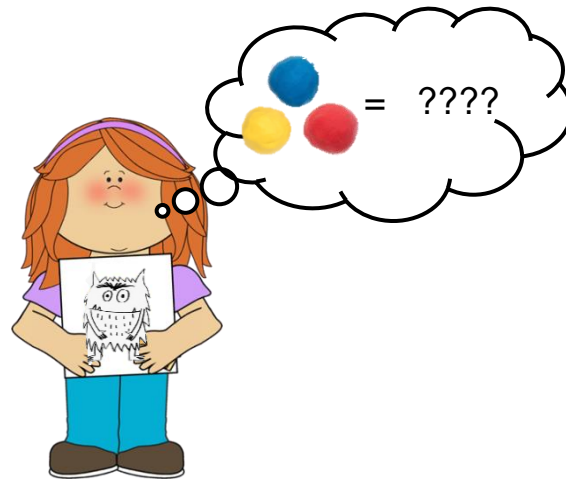


Anexo 4 – Grelha de correção do dispositivo de avaliação no
Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita – 5 anos

Parâmetros	1. Identificação do grafema da letra /f/							2. Associação da imagem à palavra			3. Leitura de frases			4. Caligrafia			5. Identificação das sílabas em três palavras				Total
	1.1	1.2	1.3	1.4	1.5	1.6	1.7	2.1	2.2	2.3	3.1	3.2	3.3	4.1	4.2	4.3	5.1	5.2	5.3	5.4	
Cotações	1,5	1,25	1	0,75	0,5	0,25	0	3	1,5	0	1,5	0,75	0	1	0,5	0	3	2	1	0	10
Crianças																					
C1	1,5								1,5					1			3				8,5
C2	1,5							3			1,5				0,5		3				9,5
C3	1,5							3			1,5			1			3				10
C4							0	3			1,5			1					1		6,5
C5		1,25							1,5			0,75			0,5		3				7
C6	1,5							3				0,75				0			1		6,25
C7	1,5								1,5			0,75		1						0	4,75
C8	1,5								1,5		1,5				0,5				1		6
C9							0		1,5		1,5					0	3				6
C10	1,5								1,5		1,5					0			1		5,5
C11	1,5								1,5		1,5				0,5			2			7
C12	1,5							3			1,5				0,5					0	6,5
C13	1,5								1,5		1,5					0	3				7,5
C14	1,5							3			1,5				0,5		3				9,5
																					Média: 7,2

Anexo 5 – Dispositivo de avaliação na Área de Conhecimento
do Mundo – 5 anos

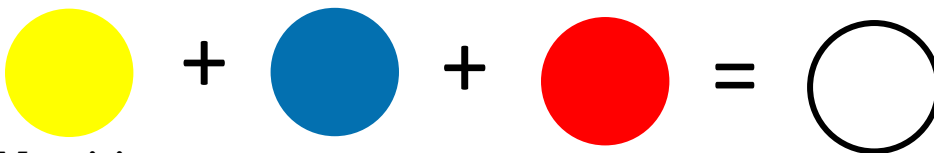
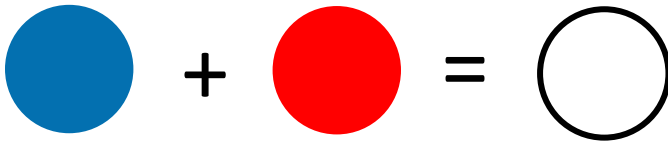
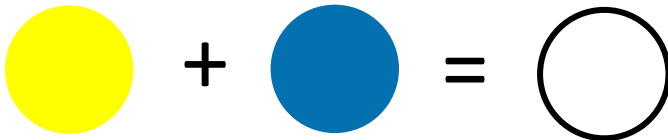
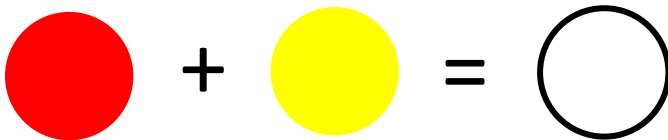
1. Introdução:



2. **Questão problema:** Como fazer novas cores?

3. Previsões

3.1. Pinta de acordo com o que pensas que poderá acontecer.



4. Materiais



Plasticina
Amarela



Plasticina
Magenta



Plasticina
Azul

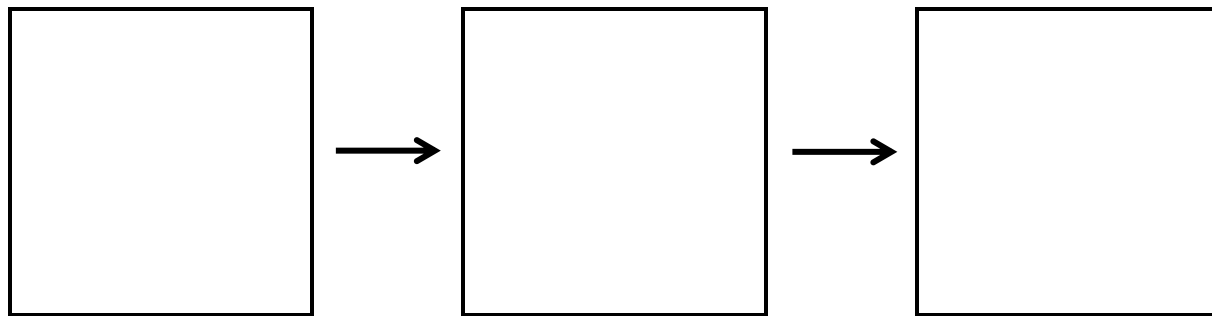


Lápis de cor



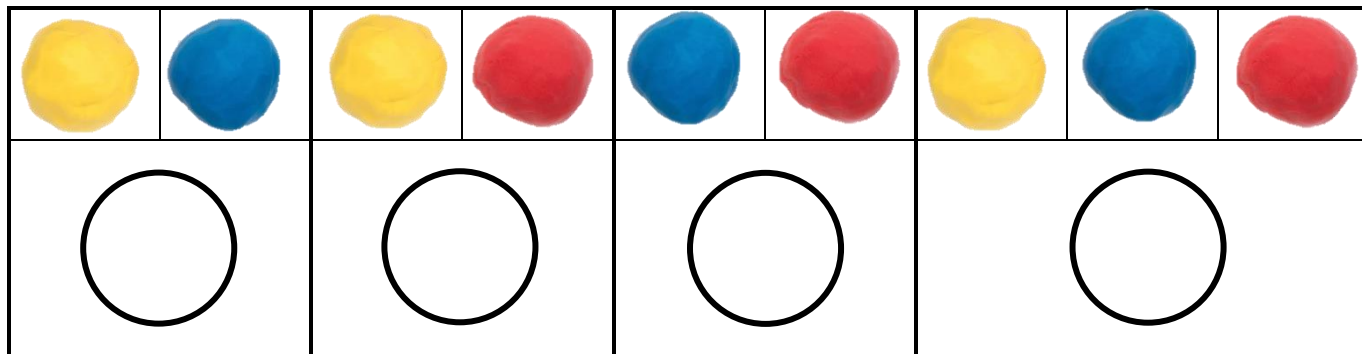
Folha de registo

5.Procedimentos



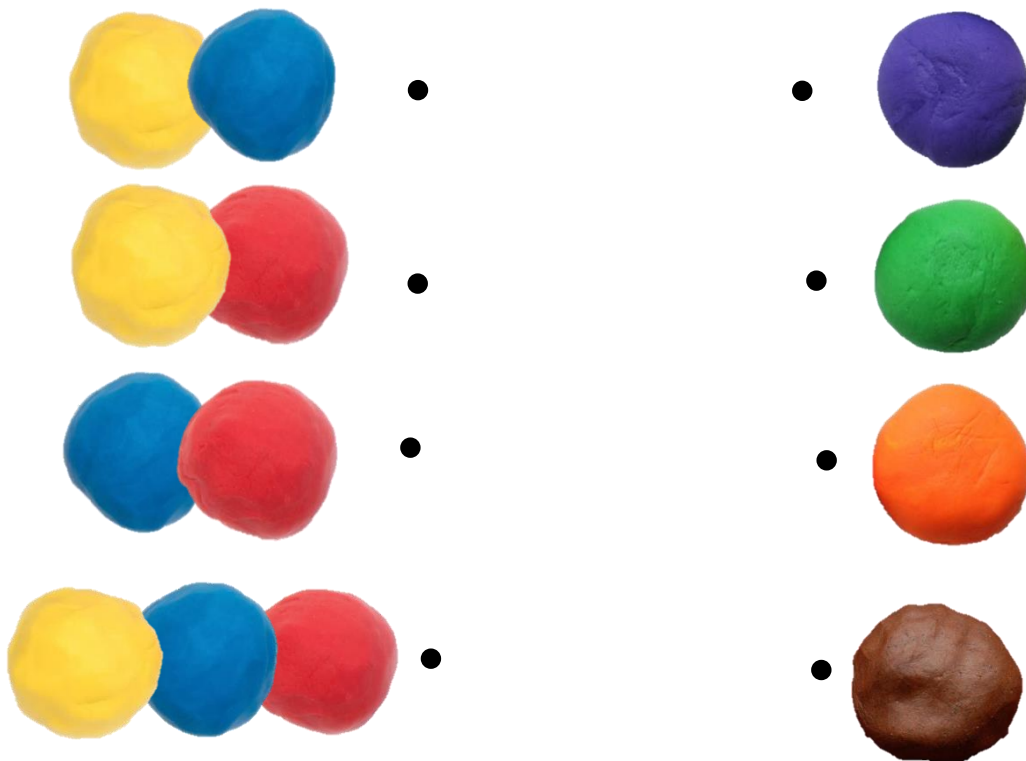
6. Resultados

6.1. Regista as cores obtidas, colando a plasticina no respetivo lugar.



7. Conclusão

7.1. Faz a correspondência com um traço.



Anexo 6 – Grelha de correção do dispositivo de avaliação na
Área de Conhecimento do Mundo – 5 anos

Parâmetros	1. Previsões		2.Procedimentos		3.Junção das cores					4. Conclusões					Total
	1.1	1.2	2.1	2.2	3.1	3.2	3.3	3.4	3.5	4.1	4.2	4.3	4.4	4.5	
Crítérios	1	0	1	0	1	1	1	1	0	4	3	2	1	0	10
Cotações	1	0	1	0	1	1	1	1	0	4	3	2	1	0	10
Crianças															
C1	1			0	1	1	1	1						0	5
C2	1		1		1	1	1	1					1		7
C3	1			0	1	1	1	1		4					9
C4	1		1		1	1	1	1			3				9
C5	1		1		1	1		1		4					9
C6	1		1		1	1	1	1		4					10
C7	1		1			1	1	1		4					9
C8	1		1		1	1	1	1					1		7
C9	1			0	1	1	1			4					8
C10	1		1		1	1	1	1		4					10
C11	1		1		1	1		1		4					9
C12	1		1			1		1				2			6
C13	1		1		1	1	1	1		4					10
C14	1		1		1	1	1	1		4					10
C15	1		1		1	1	1	1		4					10
C16	1			0	1	1	1	1		4					9
C17	1		1		1	1	1	1		4					10
C18	1		1		1	1	1	1		4					10
C19	1		1		1			1		4					8
C20	1		1		1	1	1	1						0	6
C21	1		1		1		1			4					8
															Média: 8,5

Anexo 7 – Autorização Visita de Estudo

Autorização Visita de Estudo

Jardim-Escola_____

No âmbito do Projeto Praia Segura, Praia Amiga, solicito a autorização de participação na Visita de Estudo à Praia da/o _____, no dia ___ de _____ de _____, partindo da escola às _____ horas e com chegada prevista para as _____ horas. Solicito a entrega desta autorização até uma semana antes da data da Visita de Estudo de forma a realizar a reserva do autocarro.

Professora_____

Assinatura:_____

Autorização Visita de Estudo

Eu, _____, Encarregado de Educação, autorizo o meu educando _____ a participar na Visita de Estudo à Praia da/o _____.

_____, _____ de _____ de 20____

Anexo 8 – Inquérito para as crianças

Inquérito às crianças

1. És menino ou menina?



2. Quantos anos tens?

5

6

3. Gostaste de fazer a visita à praia com os teus amigos e família?



4. Gostaste de participar nas atividades do projeto Praia Segura, Praia Amiga?



5. Desenha a atividade que mais gostaste.



Anexo 9 – Inquérito para os pais

Inquérito para os pais

1. Idade: _____

2. Sexo:

Feminino Masculino

1. Considera que a realização deste projeto foi importante para as aprendizagens do seu educando/a?

Sim Não

2. Para além de dar a conhecer normas de segurança e regras da praia, cuidados de saúde e ambientais considera que as atividades realizadas com o seu educando/a foram benéficas?

Sim Não

5. Considera importante que o seu educando participe neste tipo de projetos?

Sim Não

6. Considera que existem aspetos a melhorar em relação ao desenvolvimento do projeto? (em caso de resposta positiva, dê-nos uma sugestão).

Sim Não
